IBERIFIER
Iberian Digital Media
Observatory

IBERIFIER — Observatório Ibérico dos Meios de Comunicação Digitais

Perceção social da desinformação científica em Portugal

Relatório

Deliverable D4.2.

Versão em Português publicada no âmbito das Publicações OberCom

ISSN 2183-3478 / https://doi.org/10.5281/zenodo.21030812

Co-funded by
the European Union

O Iberifier – Observatório Ibérico dos Meios de Comunicação Digitais recebeu financiamento da Comissão Europeia no âmbito do convite à apresentação de propostas DIGITAL-2023-DEPLOY-04, Observatório Europeu dos Meios de Comunicação Digitais (EDMO) — Centros nacionais e multinacionais, com a referência IBERIFIER Plus - 101158511

D4.2. Perceção social da desinformação científica em Portugal

Programa: Programa «Europa Digital» (DIGITAL)
Call: Acelerar a melhor utilização das tecnologias (DIGITAL-2023-DEPLOY-04)
Tema do programa de trabalho: Observatório Europeu dos Meios de Comunicação Digitais (EDMO) — Centros nacionais e multinacionais
Acordo: IBERIFIER Plus - 101158511
Coordenador do projeto: Ramón Salaverría (Universidade de Navarra)
Duração: 1 de maio de 2024 – 31 de outubro de 2026 (30 meses)
Data de apresentação do relatório: 30 de junho de 2026
Nível de divulgação: Público
Tarefa 4.2: Desenvolvimento de indicadores estruturais e atividades de reforço do espírito comunitário.
Responsável pela tarefa: Ramón Salaverría, Universidade de Navarra

Citação recomendada:

Paisana, M., Couraceiro, P., Pais, P.C., Vasconcelos, A., Cardoso, G., Baldi, V., Almeida, P., Gonçalves-Sá, J., & Mendonça, C. (2026). Perceção social da desinformação científica em Portugal. IBERIFIER. https://doi.org/10.5281/zenodo.23800021

Aceda a mais relatórios e publicações em iberifier.eu

Coordinator

Universidad de Navarra | School of Communication

Partners

Associação Literacia para os media e Jornalismo · Barcelona Supercomputing Center · Cenjor · CEU Universidad San Pablo · efeverifica: · Real Instituto Elcano · FECYT · iscte Instituto Universitário de Lisboa · LIP · LUSA · Maldita.es · Newtral · OberCom · Poligrafo · Politécnico de Viseu · uc3m Universidad Carlos III de Madrid · Universidad de Granada · Universitas Miguel Hernández · Universidad Politécnica de Madrid · Universitat Politècnica de València · Universidad Rey Juan Carlos · USC · Universitat de València · verificat

Associate

learn to check

Participante	Instituição parceira
Obercom	
Couraceiro, Paulo	OberCom
Paisana, Miguel	OberCom
Pais, Pedro Caldeira	OberCom
Vasconcelos, António	OberCom
ISCTE	
Cardoso, Gustavo	Iscte
Baldi, Vania	Iscte
LIP	
Almeida, Paulo	LIP
Gonçalves-Sá, Joana	LIP
Mendonça, Cristina	LIP
UNAV	
Salavarría, Ramón	University of Navarra
Elcano	
Badillo-Matos, Ángel	Elcano

Perceção social da desinformação científica em Portugal

Índice

1. Sumário Executivo 10
2. Introdução 19
3. Metodologia 20
4. Hábitos de consumo de informação científica 22
   4.1. Aquisição recente de informação sobre temas científicos 22
   4.2. Frequência da pesquisa ativa sobre temas científicos 28
   4.3. Canais de comunicação 35
5. Credibilidade e a propagação da desinformação em questões científicas 42
6. Fatores associados à credibilidade percebida e à suscetibilidade à desinformação 50
   6.1. Crença em teorias da conspiração relativas a temas científicos 50
   6.2. Literacia científica 52
   6.3. Literacia mediática 56
   6.4. «As notícias vêm ter comigo» 61
7. Perceções sobre a desinformação na vida quotidiana 65
   7.1. Contacto com a desinformação 65
   7.2. Partilha de desinformação 74
   7.3. A vulnerabilidade à desinformação 76
   7.4. IA e desinformação 78
8. Atitudes em relação à desinformação e à ciência 81
   8.1. Impacto da desinformação 81
   8.2. Desinformação e liberdade de imprensa 83
   8.3. Os atores por trás da desinformação 85
9. Confiança 89
   9.1. Os benefícios e as desvantagens da ciência e da tecnologia 89
   9.2. Confiança nos outros 91
   9.3. Confiança nas instituições 93
10. Populismo científico 97
   10.1. Ciência e sociedade 97
   10.2. Partilha de opiniões científicas 100
   10.3. A sociedade e os seus subgrupos 103
11. Utilização da Internet 107
11. Dados demográficos 110
12. Referências 119

Índice de figuras e tabelas

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas?, 2026 (%) 22

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas?, por género e idade, 2026 (%) 23

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas? Por nível de escolaridade, 2026 (%) 24

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas? Por orientação política, 2026 (%) 25

P2. De um modo geral, com que frequência recebe informações sobre…, 2026 (% e médias) 26

P2. De um modo geral, com que frequência obtém informações sobre…, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 27

P3. Com que frequência recorre a cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, 2026 (Médias) 28

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por género, 2026 (médias) 30

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por idade, 2026 (médias) 31

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por nível de escolaridade, 2026 (média) 33

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por orientação política, 2026 (Médias) 34

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informações sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), 2026 (Médias) 35

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informações sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio totalmente na fonte), por género, 2026 (Média) 37

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informações sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por idade, 2026 (Médias) 38

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informações sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por nível de escolaridade, 2026 (Médias) 39

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informações sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por orientação política, 2026 (médias) 40

Fiabilidade percebida, intenção de verificar e emoções por título (estimativas ponderadas; escalas 1–7), 2026 43

Intenção de partilha por grupo experimental e título (com pessoas do círculo pessoal (família, amigos, colegas); ponderada; escala de 1 a 7), 2026 46

P7. [Aderência a teorias da conspiração sobre temas científicos] Gostaria agora que indicasse se concorda ou discorda das seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente», 2026 (% e médias) 50

P7. [Aderência a teorias da conspiração sobre temas científicos] Gostaria agora que indicasse se concorda ou discorda das seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «. 51

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, 2026 (%) . 52

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, por género, 2026 (%) 53

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para realizar este estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, por idade, 2026 (%) 54

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, por nível de escolaridade, 2026 (%) 55

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, por orientação política, 2026 (%) 55

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, 2026 56

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por género, 2026 57

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, por idade, 2026 58

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por nível de escolaridade, 2026 59

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por orientação política, 2026 60

P10. [As notícias vêm ter comigo] A seguir, indique, por favor, o seu nível de concordância com as seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa «discordo totalmente» e 5 significa «concordo totalmente», 2026 (% e médias) 62

P10. [News-finds-me] A seguir, indique, por favor, o seu nível de concordância com as seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa «discordo totalmente» e 5 significa «concordo totalmente», por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (% e médias) 63

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a…, 2026 (%) 65

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a…, por género, 2026 (%) 66

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a…, por idade, 2026 (%) 67

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por nível de escolaridade, 2026 (%) 68

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por orientação política, 2026 (%) 69

P12. E no que diz respeito às informações que recebeu e que considera poderem ser falsas, através de que canais as recebeu?, 2026 (%) 70

P12. E no que diz respeito às informações que recebeu e que considera poderem ser falsas, através de que canais as recebeu?, por género, 2026 (%) 71

P12. E no que diz respeito às informações que recebeu e que considera poderem ser falsas, através de que canais as recebeu?, por idade, 2026 (%) 71

P12. E no que diz respeito às informações que recebeu e que considera poderem ser falsas, através de que canais as recebeu?, por nível de escolaridade, 2026 (%) 72

P12. E no que diz respeito às informações que recebeu e que considera poderem ser falsas, através de que canais as recebeu?, por orientação política, 2026 (%) 73

P13. Nos últimos 7 dias, partilhou alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa…, 2026 (%) 74

P13. Nos últimos 7 dias, partilhou alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa…, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%) [Proporção de quem partilhou] 75

P14. Confiança na identificação de desinformação, 2026 (% e médias) 76

P14. Confiança na identificação de desinformação, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 77

P15. [IA] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, 2026 (% e médias) 78

Q15. [IA] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 79

P16. [Impactos da desinformação] Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente», 2026 (% e médias) 81

P16. [Impactos da desinformação] Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente», por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 82

P17. [Liberdade de imprensa] Indique com qual destas duas afirmações concorda mais:, 2026 (%) 83

P17. [Liberdade de imprensa] Indique com qual destas duas afirmações concorda mais:, Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%) 84

P18. [Agentes de desinformação] No que diz respeito à informação falsa e enganosa que circula atualmente em geral, qual dos seguintes grupos representa a maior ameaça em termos de criação e/ou divulgação dessa informação? Selecione todas as opções aplicáveis., 2026 (%) 86

P18. [Agentes de desinformação] No que diz respeito à informação falsa e enganosa que circula atualmente em geral, qual dos seguintes grupos representa a maior ameaça em termos de criação e/ou divulgação dessa informação? Selecione todas as opções aplicáveis. Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%) 87

P19. Se tivesse de fazer um balanço da ciência e da tecnologia, tendo em conta todos os aspetos positivos e negativos, qual das seguintes opções refletiria melhor a sua opinião?, 2026 (%) 89

P19. Se tivesse de fazer um balanço da ciência e da tecnologia, tendo em conta todos os aspetos positivos e negativos, qual das seguintes opções refletiria melhor a sua opinião?, Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%) 90

P20. Diria que, regra geral, nunca se é demasiado cuidadoso ao lidar com os outros, ou que se pode confiar na maioria das pessoas? Classifique-se numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «nunca se é demasiado cuidadoso» e 7 significa «pode-se confiar na maioria das pessoas». 2026 (% e médias) 91

P20. Diria que, regra geral, nunca se é demasiado cuidadoso ao lidar com os outros, ou que se pode confiar na maioria das pessoas? Por favor, avalie-se numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «nunca se é demasiado cuidadoso» e 7 significa «pode-se confiar na maioria das pessoas». Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (Médias) 92

P21. Em que medida confia nas seguintes instituições ou grupos para lidar com questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, a saúde ou o ambiente: muito, bastante, um pouco ou nada?, 2026 (% e médias) 93
P21. Em que medida confia nas seguintes instituições ou grupos para lidar com questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, a saúde ou o ambiente: muito, bastante, um pouco ou nada?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 95
P22. As seguintes afirmações referem-se à relação entre a ciência e a sociedade. Em que medida concorda ou discorda delas?, 2026 (% e médias) 97
P22. As seguintes afirmações referem-se à relação entre ciência e sociedade. Em que medida concorda ou discorda delas?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 99
P23. [Partilha de opiniões científicas] Indique, por favor, em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, 2026 (% e médias) 100
P23. [Partilha de pontos de vista científicos] Indique, por favor, em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 101
P24. As sociedades estão divididas em grupos: homens e mulheres, grupos étnicos e religiosos, nacionalidades, facções políticas, etc. Em geral, em que medida concorda ou discorda das seguintes ideias sobre grupos?, 2026 (% e médias) 104
P24. As sociedades estão divididas em grupos: homens e mulheres, grupos étnicos e religiosos, nacionalidades, facções políticas, etc. Em geral, em que medida concorda ou discorda das seguintes ideias sobre grupos?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias) 105
P25. Em média, com que frequência utilizou a Internet nos últimos 3 meses? (Por favor, inclua o acesso a partir de qualquer local e utilizando qualquer dispositivo: computador, portátil, tablet, telemóvel, etc.), 2026 (%) 107
P26. Em geral, indique o seu nível de confiança na Internet:, 2026 (%) 107
P27. Indique se, nos últimos 3 meses, utilizou a Internet, através de qualquer dispositivo (incluindo aplicações), para realizar alguma das seguintes atividades por motivos pessoais:, 2026 (%) 108
[Género] Como se descreveria? 110
Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. N=2031 110
Idade por grupos 111
Nível de escolaridade 111
Nível de escolaridade por grupos 111
Rendimento familiar [Tendo em conta que o seu rendimento familiar líquido ronda os 1 700 € por mês, o seu rendimento familiar é…] 112
Rendimento familiar por grupos [Tendo em conta que o seu rendimento familiar líquido ronda os 1 700 € por mês, o seu rendimento familiar é…] 112
Identificação religiosa 112
Considera-se mais uma pessoa de letras ou de ciências? 113
Orientação política – Quando se fala de política, é comum utilizar os termos «esquerda» e «direita». Numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «extrema-esquerda» e 7 significa «extrema-direita», onde se situaria? 113
Nas últimas eleições gerais, realizadas em maio de 2025, o(a) senhor(a)… 113
Região [Distritos e NUTS II] 114
Situação profissional 115
Setor de atividade 115
Dispositivos 116

Considera que as suas atividades estão limitadas devido a problemas de saúde? 116
É cidadão português? 116
Há quanto tempo vive em Portugal? 116
Número de habitantes do local de residência 117
Dimensão do agregado familiar 117
Membros do agregado familiar com menos de 18 anos 118
Membros do agregado familiar com menos de 18 anos pelos quais o inquirido é responsável 118

1. Sumário Executivo

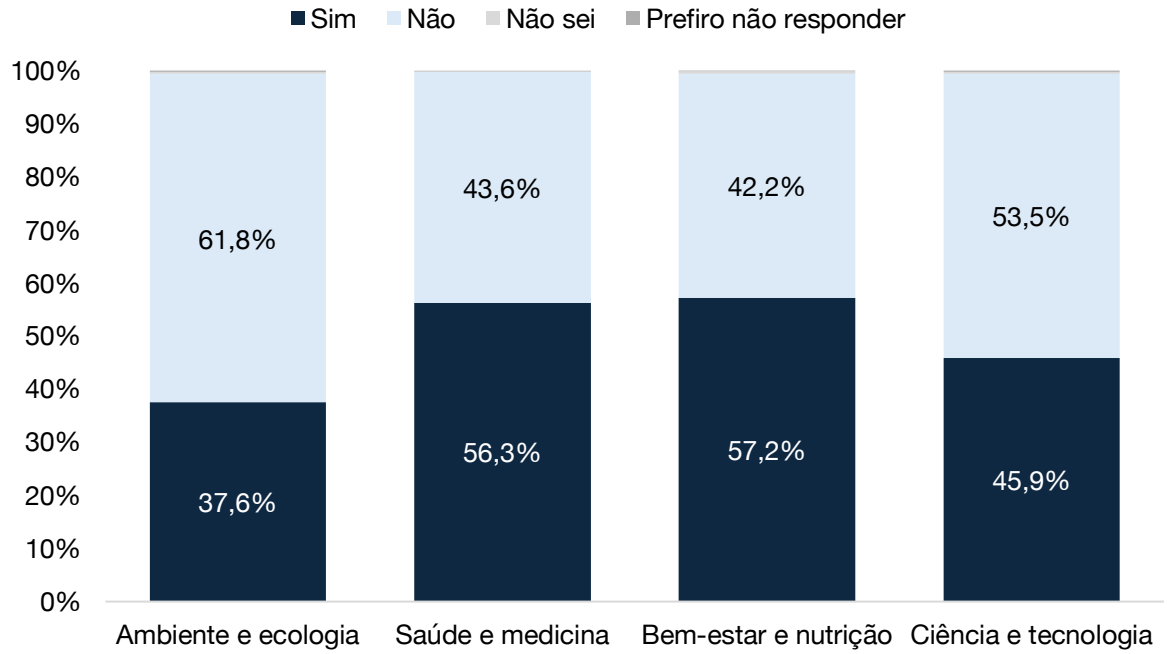
O relatório «*Perceção social da desinformação científica em Portugal*» fornece informações essenciais sobre as formas como os portugueses lidam, assimilam e divulgam informação científica e desinformação no seu quotidiano. Nesta investigação, deparámo-nos com um leque diversificado e complexo de perceções, atitudes e comportamentos que mistura fluxos de informação institucionalizados com vias informais de informação, cuja relevância decorre da forma como os utilizadores percebem estas fontes em termos de credibilidade.

Nesse sentido, as principais conclusões que se seguem devem ser lidas à luz de duas tendências gerais que se tornam visíveis ao longo de todo o relatório: a) o consumo de informação científica saiu dos canais de comunicação institucionais e as pessoas acedem a ela de todas as formas possíveis e b) neste momento, a exposição frequente à desinformação não é uma questão de «se», mas sim de «quando, como, onde e por quem», uma vez que os canais utilizados pelos atores científicos legítimos são os mesmos utilizados por aqueles que pretendem desinformar — e, em alguns aspetos, estes últimos são muito mais hábeis na utilização desses canais do que os primeiros. Isto coloca desafios significativos em termos de comunicação de temas científicos, em particular durante momentos de crise (por exemplo, a pandemia, catástrofes climáticas, etc.)

As principais conclusões deste relatório, por capítulo, são as seguintes:

4. Hábitos de consumo de informação científica

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informação sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas?, 2026 (%)



Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

- A informação relacionada com temas científicos está distribuída de forma desigual pelos diferentes temas, sendo que os domínios relacionados com a saúde ocupam a posição mais visível nos fluxos de informação do quotidiano. A exposição recente é

mais elevada nos temas de bem-estar e nutrição e de saúde e medicina, enquanto o ambiente e a ecologia são menos proeminentes, com a tecnologia a ocupar uma posição inter . Isto sugere que a informação relacionada com a ciência está mais presente quando é percebida como diretamente ligada à vida quotidiana, ao bem-estar físico ou ao risco pessoal.

- A idade e o nível de escolaridade determinam a exposição e o acesso de forma mais marcante do que o género ou a orientação política. Os inquiridos mais jovens referem uma maior exposição recente na maioria dos temas científicos, especialmente bem-estar e ciência e tecnologia, enquanto os inquiridos mais velhos apresentam uma exposição recente mais reduzida. Ao mesmo tempo, o ensino superior está associado a um maior contacto declarado com temas científicos, particularmente ciência e tecnologia e informação relacionada com a saúde.

- A pesquisa ativa sobre temas científicos baseia-se principalmente em fontes digitais e informais acessíveis. As redes sociais, as plataformas de vídeo online, as aplicações de mensagens e outros canais de fácil acesso são utilizados com maior frequência do que os sítios Web institucionais, as publicações científicas ou os livros técnicos. Isto não indica necessariamente desconfiança nas fontes formais, mas sim que a procura diária de informação é moldada pela conveniência, pela acessibilidade e pelas rotinas das plataformas.

- A confiança e a utilização não coincidem totalmente. As fontes interpessoais e os meios de comunicação tradicionais inspiram mais confiança do que as redes sociais, as aplicações de mensagens e as plataformas de vídeo online, apesar de estas últimas serem utilizadas com frequência. Isto reforça uma tensão fundamental no ecossistema da informação científica: os cidadãos deparam-se frequentemente com conteúdos científicos em ambientes que não consideram os mais fiáveis.

- Os hábitos de comunicação são, portanto, estratificados tanto pelo acesso como pela credibilidade. Os grupos mais jovens dependem mais de fontes digitais e sociais, enquanto os grupos mais velhos e com maior nível de escolaridade demonstram maior proximidade aos canais tradicionais e formais. Como tal, o contexto mais amplo em que a desinformação científica circula é um ambiente de informação híbrido, onde a exposição, a confiança e a pesquisa ativa não seguem a mesma hierarquia.

5. Credibilidade e a propagação da desinformação em questões científicas

- A experiência demonstra que os inquiridos conseguem distinguir entre títulos científicos verdadeiros e falsos, mas apenas parcialmente. Os títulos verdadeiros recebem, em geral, pontuações de fiabilidade mais elevadas, especialmente os títulos verdadeiros relacionados com vacinas. No entanto, alguns títulos falsos, em particular aqueles enquadrados em narrativas familiares sobre bem-estar ou otimização da saúde, são percebidos como relativamente credíveis. Isto sugere que a desinformação científica não precisa de ser abertamente conspiratória para parecer plausível.

- A intenção de verificação é elevada, mas ambígua. Várias manchetes falsas suscitam uma elevada disposição declarada para verificar, tais como alegações sobre o cortisol e a perda de peso ou o mercúrio nas vacinas. Isto pode indicar dúvida, mas também a relevância do tema na esfera pública, ansiedade, curiosidade ou relevância

percebida. A intenção de verificação não deve, portanto, ser interpretada simplesmente como resistência à desinformação; pode também refletir incerteza ou um maior envolvimento.

- As intenções de partilha são consistentemente mais elevadas nos círculos pessoais do que através das redes sociais e das plataformas de mensagens. Os inquiridos mostram-se mais dispostos a discutir ou partilhar manchetes verdadeiras e falsas com a família, amigos ou colegas do que através de canais digitais. Esta conclusão é fundamental, pois destaca a comunicação interpessoal como uma via relevante para a circulação de informação e desinformação relacionadas com a ciência, a par da divulgação através das plataformas.

- Quando os inquiridos são alvo de estímulos orientados para a precisão, constatamos que estes são mais eficazes do que os estímulos orientados para a emoção na apresentação de manchetes noticiosas. Os estímulos que visam promover a verificação da credibilidade e a confirmação das notícias estão mais consistentemente associados a uma redução da intenção de partilha, particularmente quando comparados com o grupo de controlo. O estímulo combinado também tende a reduzir a partilha, mas nem sempre mais do que o estímulo de credibilidade por si só. Em contrapartida, o estímulo emocional por si só é menos eficaz e, em alguns casos, parece manter ou aumentar a intenção de partilha.

- A experiência apoia intervenções que introduzem uma reflexão sobre a credibilidade no momento da partilha. Os resultados sugerem que pedir aos indivíduos que considerem a fiabilidade e a verificação antes de partilhar pode reduzir a circulação de manchetes científicas, incluindo as falsas. No entanto, o efeito depende do tema, da manchete, do canal e do perfil emocional do conteúdo, e não encontramos evidências de um efeito universal do «nudge».

6. Fatores associados à credibilidade percebida e à suscetibilidade à desinformação

- As crenças conspirativas em torno de temas científicos estão presentes a níveis moderados e variam fortemente consoante o nível de escolaridade e a orientação política. O grau de concordância é mais elevado no caso de narrativas que envolvem ocultação institucional, tais como empresas farmacêuticas que escondem os perigos das vacinas ou curas ocultas para o cancro. Afirmações mais específicas e amplamente desmentidas, como a de que o governo esconde que as vacinas causam autismo, recebem um menor grau de concordância. Isto sugere que uma suspeita generalizada em relação às instituições pode ter maior ressonância social do que alegações falsas altamente específicas.

- A educação constitui um fator protetor central no que diz respeito à literacia científica, à literacia mediática e às crenças conspirativas. Um nível de escolaridade mais elevado está associado a um menor grau de concordância com narrativas conspirativas, a uma maior capacidade de identificar a comparação controlada como o método mais científico para testar um medicamento e a um conhecimento mais sólido do ecossistema mediático. O gradiente educativo é um dos padrões mais consistentes do relatório.

- A literacia científica é moderada, em vez de consolidada. Apenas 48 % dos inquiridos identificam a comparação entre grupos tratados e não tratados como a forma mais científica de testar um medicamento. No entanto, há proporções significativas de

pessoas que selecionam alternativas menos rigorosas ou que manifestam incerteza, indicando que o raciocínio científico básico e o conhecimento do método científico a um nível básico estão distribuídos de forma desigual.

- A literacia mediática é fragmentada. Os inquiridos estão mais familiarizados com mecanismos relacionados com as plataformas, tais como a personalização algorítmica, e com a propriedade privada das empresas de comunicação social, mas têm menos conhecimentos sobre o modelo de financiamento da RTP ou a distinção entre textos noticiosos assinados e artigos de opinião. Isto indica que o conhecimento da lógica das plataformas digitais pode ser mais sólido do que o conhecimento das características institucionais e profissionais do jornalismo, apesar de as fontes institucionais serem, por definição, mais fiáveis como fontes de informação.

- As atitudes do tipo «as notícias vêm ter comigo» são moderadas e marcadas por ambivalência. Os inquiridos não apoiam veementemente o consumo passivo de notícias, mas também não o rejeitam claramente. Os inquiridos mais jovens e aqueles da extrema-direita mostram maior concordância com a ideia de que as notícias podem chegar até si sem que as procurem ativamente, especialmente através das redes sociais. Isto é relevante porque a dependência passiva dos fluxos de informação mediados pelas plataformas e pelos pares pode aumentar a vulnerabilidade à desinformação.

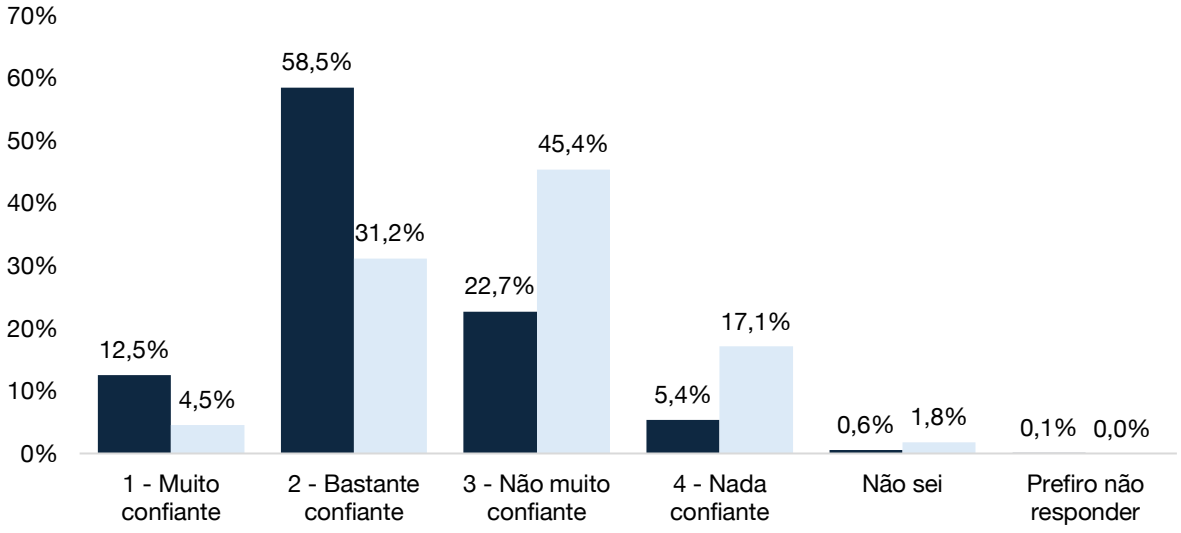
7. Perceções sobre a desinformação na vida quotidiana

- A exposição percebida à desinformação é generalizada, mas depende do tema. Os inquiridos referem, com maior frequência, ter-se deparado com informação potencialmente falsa sobre nutrição e bem-estar e alterações climáticas, seguidos de tratamentos médicos e terapias alternativas. As vacinas e os incêndios florestais são identificados com menor frequência, sugerindo que a desinformação percebida é moldada não só pela circulação efetiva, mas também pela relevância e reconhecibilidade do tema.

- As redes sociais e as plataformas de vídeo são as principais vias de acesso percebidas para a desinformação suspeita. Entre aqueles que acreditam ter-se deparado com informação falsa, as redes sociais são o principal canal referido, seguidas pelas plataformas de vídeo online e pelas aplicações de mensagens. Os meios de comunicação tradicionais, a televisão, a rádio e a imprensa escrita/digital são identificados com menos frequência, embora continuem a ser relevantes e a desempenhar um papel nos fluxos de desinformação percebidos.

- A partilha auto-relatada de informação suspeita de ser falsa é limitada, mas não negligenciável. Cerca de um em cada oito inquiridos refere ter partilhado informação que considerou poder ser falsa, seja através de canais digitais, seja em conversas presenciais ou por telefone. A proeminência da partilha interpessoal reforça a importância da circulação privada e semiprivada na dinâmica da desinformação.

P14. Confiança na identificação da desinformação, 2026 (%)



P14.1 Em que medida se sente confiante na sua capacidade de identificar informações falsas ou que distorcem a realidade: muito confiante, razoavelmente confiante, pouco confiante ou nada confiante?

P14.2 Em que medida está confiante de que a pessoa comum em Portugal consegue distinguir a informação falsa?

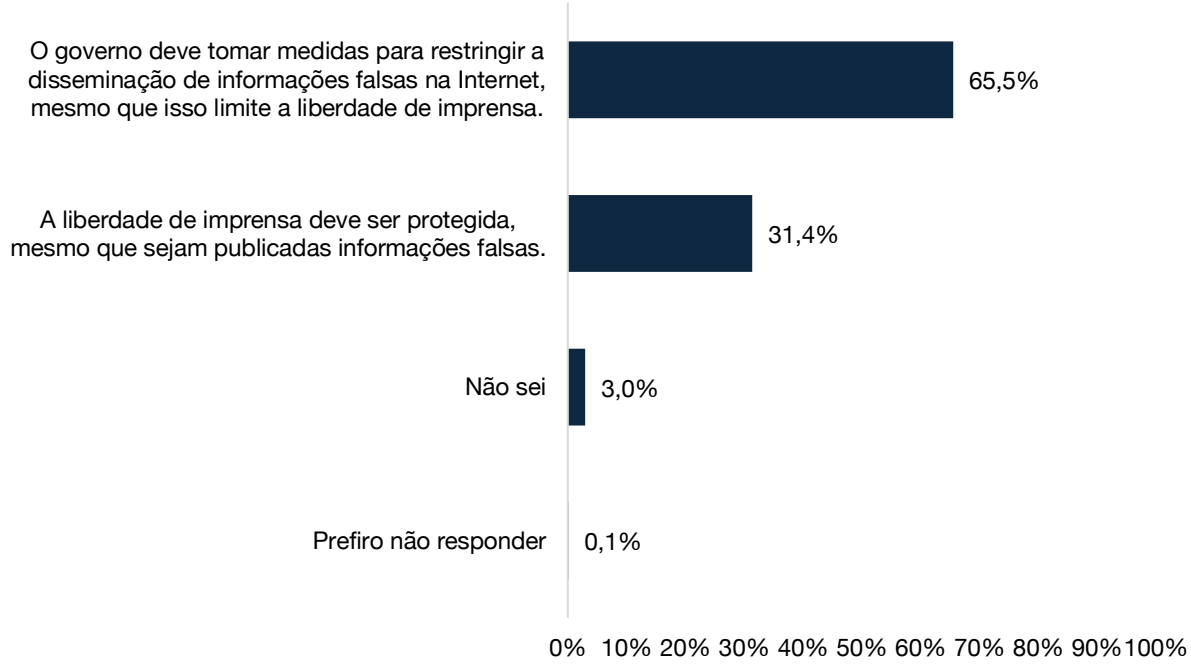
Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

- É claramente visível um efeito de terceira pessoa. Os inquiridos manifestam uma confiança substancialmente maior na sua própria capacidade de identificar desinformação do que na capacidade do português médio. Isto está em consonância com a literatura sobre os efeitos percebidos dos meios de comunicação social e sugere que a vulnerabilidade à desinformação é frequentemente externalizada para os outros, mas também afeta a perceção geral que as pessoas têm da qualidade do sistema democrático.

- A IA é vista mais como um amplificador de riscos do que como uma solução. Os inquiridos concordam mais veementemente que a IA torna mais fácil, mais rápido e mais barato a divulgação de notícias falsas do que com a ideia de que ajuda a desmascarar rumores ou mentiras. Esta perceção dupla, mas assimétrica, reflete uma ambivalência mais ampla por parte do público: a IA é reconhecida como útil, mas o seu potencial corretivo inspira menos confiança do que o seu poder disruptivo.

8. Atitudes em relação à desinformação e à ciência

P17. [Liberdade de imprensa] Indique com qual destas duas afirmações concorda mais:, 2026 (%)



Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

- Existe um amplo consenso de que a desinformação tem graves consequências sociais. Os inquiridos concordam plenamente que a desinformação pode manipular as convicções das pessoas, gerar desconfiança nas instituições, prejudicar a saúde pública e ameaçar a democracia. O maior grau de concordância diz respeito à manipulação e à desconfiança institucional, o que indica que os cidadãos entendem a desinformação não apenas como um problema informativo, mas como um risco social sistémico.

- Os inquiridos demonstram disponibilidade para aceitar compromissos regulamentares com vista a combater a desinformação. Uma clara maioria prefere medidas governamentais para restringir a informação falsa online, mesmo que isso limite a liberdade de imprensa. Esta é uma das conclusões normativas mais fortes do relatório e sugere que a preocupação com os danos informacionais pode superar os compromissos abstratos com a liberdade de imprensa irrestrita.

- No entanto, o apoio à intervenção não é uniforme entre os diferentes grupos demográficos. Os inquiridos mais jovens, os mais idosos e os que se situam nos extremos ideológicos demonstram uma cautela comparativamente maior no que diz respeito às restrições à liberdade de imprensa. Isto indica que, embora a disposição para a regulamentação seja amplamente partilhada, é também moldada por fatores políticos e geracionais.

- Os cidadãos identificam a desinformação como um ecossistema com múltiplos intervenientes. Os influenciadores e as personalidades online são vistos como a maior

ameaça, à frente de muitos intervenientes institucionais. Os grupos de pressão, os intervenientes políticos nacionais, os proprietários de plataformas de redes sociais e os intervenientes políticos estrangeiros constituem um segundo nível. Isto reflete uma perceção pública da desinformação como sendo simultaneamente baseada em plataformas, política, individualizada e socialmente difusa.

- As conclusões estão em consonância com a literatura que enquadra a desinformação como uma perturbação ecossistémica. Os inquiridos não atribuem a responsabilidade a um único interveniente; em vez disso, reconhecem múltiplas fontes e infraestruturas de desinformação, com os intervenientes nativos do mundo digital a desempenharem um papel particularmente proeminente.

9. Confiança

- As atitudes em relação à ciência e à tecnologia são, em geral, positivas, mas não acríticas. Quase metade dos inquiridos acredita que os benefícios da ciência e da tecnologia superam as desvantagens, enquanto uma minoria substancial considera que os benefícios e as desvantagens estão equilibrados. Isto indica um otimismo moderado pela cautela ou pela desconfiança, em vez de um entusiasmo tecnocientífico incondicional.

- A educação está fortemente associada a avaliações mais positivas da ciência e da tecnologia. Os inquiridos com um nível de escolaridade elevado são muito mais propensos a serem tecno-otimistas, ou seja, a considerar que os benefícios da tecnologia superam as suas desvantagens, e menos propensos a enfatizar os riscos. Em contrapartida, os inquiridos com menor nível de escolaridade e aqueles que se situam em extremos ideológicos apresentam posições mais céticas ou ambivalentes.

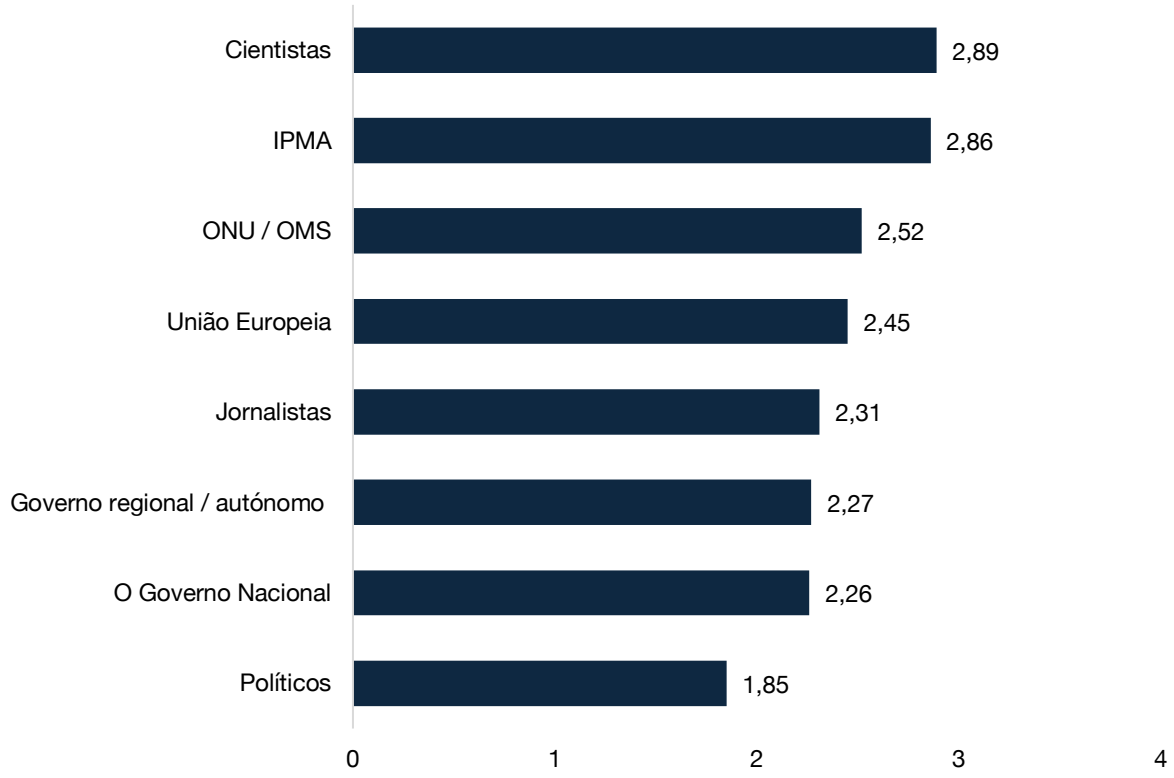
- A confiança interpessoal é moderada e cautelosa. A média geral situa-se ligeiramente abaixo do ponto médio da escala, com os inquiridos a inclinarem-se para a ideia de que nunca se pode ser demasiado cuidadoso ao lidar com os outros. A confiança forte é rara, e a maior parte dos inquiridos opta pelo ponto médio, sugerindo ambivalência, em vez de profunda desconfiança ou forte confiança.

- A confiança nas instituições segue uma hierarquia clara. Os cientistas e a IPMA[1] são os atores que inspiram maior confiança no que diz respeito a questões científicas, de saúde e ambientais, seguidos por organizações internacionais como a ONU/OMS e a União Europeia. Os jornalistas e os atores políticos nacionais ocupam posições de menor confiança, sendo os políticos os que recebem a avaliação mais fraca.

- O panorama da confiança reforça o papel central da especialização na avaliação da credibilidade das fontes. Os atores científicos e técnicos mantêm a credibilidade, mas as instituições políticas continuam a inspirar pouca confiança. Isto tem implicações para a comunicação científica e as políticas públicas: pode existir especialização credível, mas a sua tradução em políticas públicas depende de instituições nas quais os cidadãos confiam menos.

[1] Instituto Português do Mar e da Atmosfera, a agência portuguesa equivalente à AEMET.

P21. Em que medida confia nas seguintes instituições ou grupos para abordar questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, a saúde ou o ambiente, numa escala de 1 a 4, em que 1 significa «Nada» e 4 significa «Muito», 2026 (média)



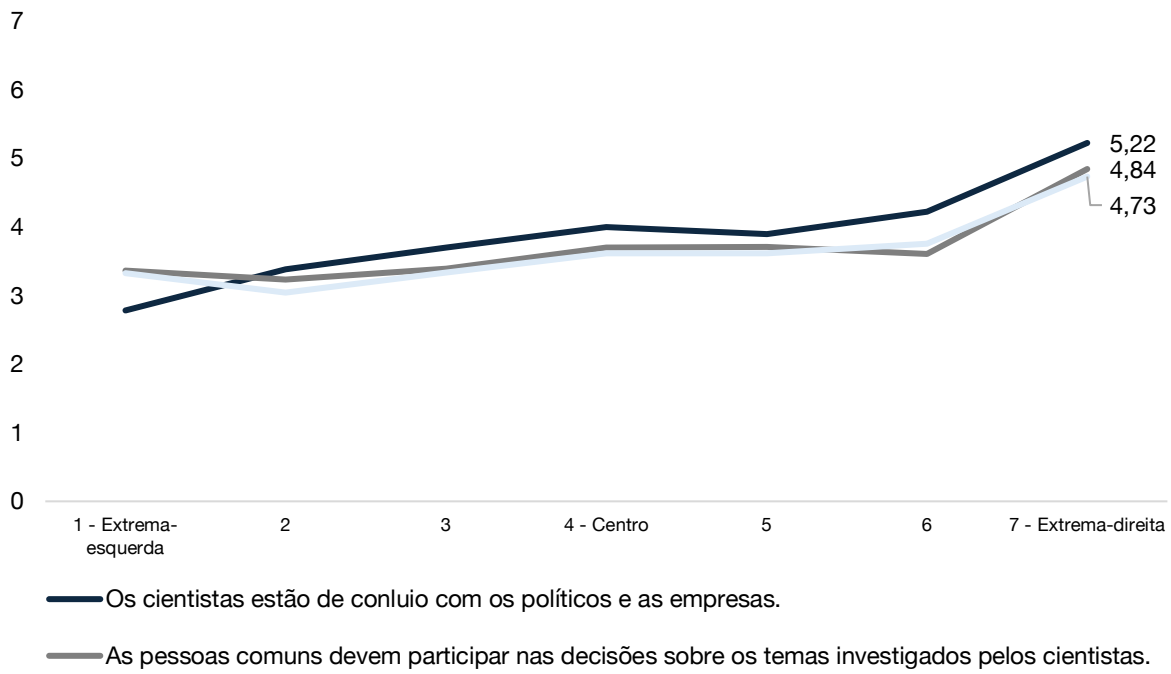
Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia de 1 a 4, em que 1 significa «Nada» e 4 significa «Muito».

10. Populismo científico

- A relação entre a ciência e a sociedade é marcada pela ambivalência. Os inquiridos demonstram alguma confiança no conhecimento científico, mas também expressam desconfiança em relação à independência dos cientistas, especialmente quanto à ideia de que estes possam estar alinhados com políticos e empresas. Isto indica que o cepticismo do público não é necessariamente anticientífico num sentido estrito, mas diz frequentemente respeito à perceção de que a ciência está inserida no contexto institucional.

- Existe apoio ao envolvimento do público na ciência, mas não uma rejeição total do conhecimento especializado. Os inquiridos apoiam moderadamente a ideia de que as pessoas comuns devem estar envolvidas nas decisões sobre temas científicos e de que a experiência vivida deve ter importância a par das recomendações científicas. Ao mesmo tempo, o apoio a dar às pessoas comuns uma palavra a dizer direta no trabalho dos cientistas é mais fraco, sugerindo uma visão diferenciada da participação.

P22. As seguintes afirmações referem-se à relação entre a ciência e a sociedade. Em que medida concorda ou discorda delas?, Por orientação política, 2026 (Médias)



Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: Escala de 1 a 7, em que 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

- A orientação política é o indicador mais forte das atitudes populistas em relação à ciência. Os inquiridos de extrema-direita demonstram sistematicamente um maior grau de concordância com afirmações céticas e participativas sobre a ciência, incluindo a ideia de que os cientistas estão envolvidos em interesses políticos e económicos. Os inquiridos de extrema-esquerda demonstram menor concordância com estas abordagens antielitistas. Isto aponta para uma crítica politizada à autoridade científica.

- Os inquiridos mostram-se, em geral, dispostos a partilhar pontos de vista científicos, mesmo em contextos conflituosos. A disposição para expressar opiniões sobre questões científicas situa-se acima do ponto médio da escala em todos os itens e é particularmente elevada entre os inquiridos de extrema-direita. Isto sugere que o debate científico na vida pública pode ser moldado não só pelo conhecimento ou pela confiança, mas também pela assertividade comunicativa e pela identidade ideológica.

- Os valores igualitários são amplamente apoiados, mas as divisões ideológicas persistem. Os inquiridos apoiam firmemente a consideração de todos os grupos e a igualdade entre grupos como ideais, rejeitando simultaneamente a dominação explícita de um grupo. No entanto, a resistência à promoção da igualdade é mais visível entre os inquiridos de extrema-direita, o que aponta para uma tensão entre o apoio abstrato à igualdade e as atitudes em relação a medidas ativas de promoção da igualdade.

2. Introdução

Este relatório, intitulado «*Perceção Social da Desinformação Científica em Portugal*», faz parte do pacote de trabalho do IBERIFIER dedicado à investigação em estratégia e políticas. Desde a criação do IBERIFIER em 2021, o pacote de trabalho de investigação sobre estratégia e políticas tem proporcionado o quadro para a investigação sobre os impactos multidimensionais da desinformação, em termos das suas causas e repercussões a nível social, político, económico, tecnológico e cultural, tendo-se destacado relatórios como o publicado por Badillo-Matos et al. (2023).

Apesar da lógica ibérica, que abrange ambos os países, e que permeia as atividades científicas do IBERIFIER, este relatório serve objetivos diferentes em Portugal e em Espanha. Enquanto, no caso espanhol, o relatório equivalente publicado em paralelo com este visa atualizar um primeiro documento publicado em 2023 (FECYT et al., 2023), no caso de Portugal este é o primeiro estudo do género a abordar o tema da desinformação científica de forma tão abrangente no país.

Coordenada pela FECYT, em Espanha, e liderada pela OberCom e pelo Iscte em Portugal, esta investigação visa colmatar uma lacuna significativa na investigação no que diz respeito à forma como os ibéricos lidam com a desinformação científica. Seja devido à sua complexidade inerente, seja devido à sua importância central na agenda noticiosa contemporânea, os temas científicos estão entre os mais complexos de estudar.

A sobreposição entre ciência e política tornou-se particularmente saliente devido à pandemia da COVID-19, às alterações climáticas e às catástrofes ambientais. A relação entre o público e a informação científica tornou-se muito mais sensível a impactos que vão além daqueles abrangidos e medidos no domínio dos estudos dos meios de comunicação social. Por esta razão, avaliamos uma ampla diversidade de conceitos para traçar um quadro percetivo, atitudinal e comportamental que abrange desde as atividades do dia-a-dia até considerações mais abstratas e subjetivas sobre a forma como as pessoas percebem a ciência e a desinformação relacionada com a mesma.

Para tal, foram definidos os seguintes objetivos de investigação:

1. Atualizar os indicadores da primeira edição e identificar eventuais alterações nos hábitos, perceções e atitudes desde 2022 em Espanha / Alargar a investigação sobre o tema a Portugal.
2. Analisar a perceção da Inteligência Artificial (IA) enquanto veículo de desinformação e enquanto ferramenta de verificação.
3. Examinar as atitudes do público ibérico em relação aos cientistas e à ciência institucional.
4. Explorar as teorias da conspiração na esfera científica e a sua relação com a suscetibilidade à desinformação.
5. Estimar o efeito causal da veracidade da informação e da excitação emocional na intenção de partilhar notícias científicas verdadeiras e falsas.

O relatório está estruturado da seguinte forma: um capítulo metodológico inicial, no qual são descritos os procedimentos, precede oito capítulos temáticos — hábitos de consumo de informação científica; credibilidade e desinformação em questões científicas; fatores associados à credibilidade percebida e à suscetibilidade à desinformação; perceções da desinformação na vida quotidiana; atitudes face à desinformação e à ciência; confiança e populismo científico. Todos os capítulos incluem uma análise descritiva das variáveis, bem como cruzamentos com género, idade, escolaridade e orientação política, com exceção do capítulo 5 (credibilidade e desinformação em questões científicas), que se refere a uma experiência na qual testamos os efeitos de diferentes «nudges» na partilha de notícias científicas verdadeiras e falsas (ver «Metodologia», a seguir, para uma descrição mais

pormenorizada). Os dois capítulos finais descrevem os hábitos de acesso à Internet, bem como as variáveis demográficas. As conclusões mais relevantes do relatório são destacadas no resumo executivo, no início deste relatório.

3. Metodologia

O questionário sobre a *Perceção Social da Desinformação Científica em Portugal* foi realizado pela YouGov entre 2 e 19 de março de 2026, abrangendo indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 74 anos, num total de 2031 entrevistas, 1930 em CAWI (Web) e 101 em CATI (telefone) (95,1% e 4,9% do total, respetivamente). As entrevistas CATI centraram-se na faixa etária dos 55 aos 74 anos, a fim de garantir a representação de pessoas mais idosas que não utilizam a Internet. Foram aplicadas quotas em função do género, da idade e do nível de escolaridade, bem como da região.

O questionário foi dividido em 7 blocos de perguntas, além de um bloco que contém a experiência sobre a credibilidade e a propagação da desinformação em assuntos científicos, aplicada apenas à amostra da Web. A experiência, que é analisada e descrita em pormenor no capítulo 5, é uma experiência entre sujeitos concebida para estimar o efeito causal de dois tipos de intervenção cognitiva (nudge) na intenção de partilhar notícias de acordo com os títulos.

A intervenção consiste em pedir aos inquiridos de três grupos diferentes que, antes de responderem à pergunta sobre a intenção de partilha (Q6.4), reflitam sobre (a) a reação emocional que a notícia lhes suscita (Q6.1), (b) a credibilidade da informação e a sua intenção de a verificar (Q6.2 e Q6.3), ou ambos. Os inquiridos de um quarto grupo passaram diretamente à pergunta sobre a partilha, sem qualquer intervenção prévia, para efeitos de controlo.

A experiência foi realizada entre os grupos da seguinte forma:

Grupo	Denominação	Perguntas apresentadas	Descrição e objetivo
1 (n=424)	*Estímulo combinado*	Q6.1. P6.2 + P6.3 + P6.4	Reflexão emocional e avaliação da credibilidade antes da pergunta.
2 (n=456)	*Estímulo emocional*	P6.1 + P6.4	Apenas reflexão emocional antes da divulgação
3 (n=450)	*Estímulo à confiança*	P6.2 + P6.3 + P6.4	Apenas avaliação e verificação da credibilidade antes da pergunta.
4 (n=464)	*Controlo*	P6.4	Sem qualquer incentivo, apenas a pergunta.
99 (n=236)	*Excluídos da experiência (CATI)*	—	Entrevista por telefone, não participou na experiência

Nota: As perguntas são as seguintes: P6.1. Como é que esta manchete o faz sentir? (as opções são: desamparado, ansioso, otimista, zangado, culpado, envergonhado, deprimido, pessimista, indiferente, empático); P6.2. Quão fiável considera que esta informação é? (responda numa escala de 1 a 7, em que 1 = De todo não fiável e 7 = Completamente fiável); P6.3. Se se deparasse com esta manchete online, verificaria a sua veracidade? (Sim / Não); P6.4. Quão provável seria partilhar esta manchete / notícia com pessoas do seu círculo pessoal / nas redes sociais e aplicações de mensagens (responda numa escala de 1 a 7, em que 1 = Não partilharia de todo e 7 = Partilharia definitivamente).

Cada questionário apresentava oito manchetes selecionadas aleatoriamente: uma falsa e uma verdadeira para cada um dos quatro temas (clima, alimentação e saúde, vacinas e inteligência artificial). Para cada combinação de tema e veracidade, existiam duas variantes de manchete, atribuídas aleatoriamente com uma probabilidade aproximada de 50% e distribuídas uniformemente pelos grupos experimentais.

As manchetes possíveis foram selecionadas entre as apresentadas na lista seguinte:

Verdadeiro	
Tema	Título
Clima	As alterações climáticas estão associadas à gravidade dos incêndios florestais extremos que ocorreram em Portugal em 2025. (n=877)
	Os biocombustíveis não são 100% renováveis. (n=919)
Saúde / nutrição	A utilização de protetor solar na vida quotidiana não causa deficiência de vitamina D. (n=897)
	A homeopatia não funciona (para além do efeito placebo). (n=898)
Vacinas	O vírus da gripe adapta-se e muda de estação para estação, pelo que é necessário vacinar-se todos os anos. (n=866)
	A vacina contra o papilomavírus humano é eficaz e segura. (n=930)
IA	As respostas de uma IA podem revelar um viés de bajulação (concordando com tudo o que dizemos). (n=881)
	Um modelo de IA é como um papagaio: consegue repetir conversas, mas não compreende o que está a dizer. (n=915)
Falso	
Tópico	Título
Clima	Alguns países pulverizam as nuvens antes de estas chegarem à península para dispersar a chuva. (n=921)
	As recentes inundações são o resultado de um ataque meteorológico do HAARP. (n=874)
Saúde / nutrição	Existem alimentos que ajudam a reduzir o cortisol e, consequentemente, a perder peso. (n=911)
	Foi identificada uma possível ligação entre o autismo e o consumo de paracetamol durante a gravidez. (n=884)
Vacinas	O mercúrio presente nas vacinas é prejudicial à saúde. (n=943)
	As vacinas contra a COVID-19 causam infertilidade e podem levar à impotência sexual masculina. (n=853)
IA	A IA pode proporcionar terapia a um nível comparável ao de qualquer psicólogo qualificado. (n=913)
	A IA atual foi concebida para exterminar a humanidade. (n=882)

4. Hábitos de consumo de informação científica

Neste primeiro capítulo, analisamos a relação entre os portugueses e a informação científica, centrando-nos no acesso no passado recente, na frequência desse acesso e nos canais através dos quais os cidadãos interagem com este tipo de informação. Esta caracterização inicial dos hábitos de consumo de informação científica estabelece as bases para análises subsequentes, proporcionando uma compreensão detalhada da forma como as pessoas interagem com a informação científica no seu quotidiano. O foco recai sobre a informação relacionada com o ambiente e a ecologia, a saúde e a medicina, o bem-estar e a nutrição, bem como a ciência e a tecnologia.

4.1. Aquisição recente de informação sobre temas científicos

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informação sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas?, 2026 (%)

	Ambiente e ecologia	Saúde e medicina	Bem-estar e nutrição	Ciência e tecnologia
Sim	37,6%	56,3%	57,2%	45,9%
Não	61,8%	43,6%	42,2%	53,5%
Não sei	0,4%	0,1%	0,5%	0,4%
Prefiro não responder	0,2%	0,1%	0,1%	0,2%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

A exposição a informação sobre temas científicos nos últimos sete dias varia significativamente entre as diferentes áreas temáticas. A saúde e a medicina (56,3 %) e o bem-estar e a nutrição (57,2 %) destacam-se como os domínios com os níveis mais elevados de exposição relatada, seguidos pela ciência e pela tecnologia (45,9 %).

Em contrapartida, o ambiente e a ecologia destacam-se como o tema menos proeminente, com apenas 37,6% dos inquiridos a referirem contacto recente com informação relacionada. Verifica-se uma visibilidade diferenciada dos domínios científicos nos fluxos de informação do quotidiano, com os temas relacionados com a saúde a ocuparem uma posição mais proeminente, em comparação com áreas mais amplas que não estão, à primeira vista, diretamente relacionadas com o indivíduo e o seu bem-estar.

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas? Por género e idade, 2026 (%)

	Total	Homens	Mulheres	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
Ambiente e ecologia									
Sim	37,6%	38,6%	36%	49,0%	37,2%	41,2%	39,4%	37,1%	26,9%
Não	61,8%	60,9%	63%	51,0%	62,2%	58,8%	59,8%	62,2%	71,8%
Não sei	0,4%	0,3%	1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,7%	0,9%
Prefiro não responder	0,2%	0,2%	0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Saúde e medicina									
Sim	56,3%	54,4%	58,0%	60,0%	58,5%	56,3%	60,6%	59,7%	40,5%
Não	43,6%	45,3%	41,9%	40,0%	41,2%	43,7%	39,1%	40,3%	59,2%
Não sei	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Bem-estar e nutrição									
Sim	57,2%	51,3%	62,8%	69,5%	63,2%	57,6%	59,3%	61,4%	35,8%
Não	42,2%	48,1%	36,6%	30,5%	36,2%	42,1%	39,9%	38,1%	63,0%
Não sei	0,5%	0,5%	0,4%	0,0%	0,0%	0,3%	0,6%	0,5%	1,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,2%	0,0%	0,6%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%
Ciência e tecnologia									
Sim	45,9%	51,0%	41,0%	56,0%	52,0%	48,0%	51,0%	46,0%	24,0%
Não	53,5%	48,0%	59,0%	44,0%	47,0%	52,0%	48,0%	54,0%	75,0%
Não sei	0,4%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças entre géneros são, em geral, modestas, mas revelam alguns padrões dignos de nota. As mulheres referem uma maior exposição a temas de saúde e medicina (58,0% contra 54,4%) e, especialmente, a temas de bem-estar e nutrição (62,8% contra 51,3%), enquanto os homens apresentam uma maior exposição a temas de ciência e tecnologia (51,0% contra 41,0%), mas apenas ligeiramente a conteúdos relacionados com o ambiente (38,6% contra 36,0%). Estas diferenças apontam para uma distribuição de interesses informativos ou de exposição algorítmica em função do género, bem como para a perceção da tecnologia, particularmente no que diz respeito a temas relacionados com o estilo de vida e a saúde.

A idade surge como uma variável altamente determinante. Os inquiridos mais jovens (17–24) registam consistentemente os níveis mais elevados de exposição na maioria dos temas, particularmente em bem-estar e nutrição (69,5%) e ciência e tecnologia (56,0%). Os grupos mais velhos, especialmente os com 65 anos ou mais, apresentam uma exposição substancialmente menor, com apenas 26,9% a referir contacto com informação ambiental e 24,0% com conteúdos de ciência e tecnologia. Este padrão sugere uma forte divisão geracional na circulação e no consumo de informação científica, refletindo potencialmente diferenças na utilização dos meios de comunicação social e no envolvimento digital.

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas? Por nível de escolaridade, 2026 (%)

	Todos	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Nível de escolaridade elevado
Ambiente e ecologia				
Sim	37,6%	31,3%	40,4%	40,5%
Não	61,8%	67,7%	58,9%	59,2%
Não sei	0,4%	0,6%	0,4%	0,3%
Prefiro não responder	0,2%	0,3%	0,3%	0,0%
Saúde e medicina				
Sim	56,3%	47,7%	58,1%	62,5%
Não	43,6%	52,0%	41,6%	37,5%
Não sei	0,1%	0,2%	0,1%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,1%	0,0%
Bem-estar e nutrição				
Sim	57,2%	43,1%	60,0%	67,6%
Não	42,2%	55,8%	39,3%	32,2%
Não sei	0,5%	0,9%	0,4%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,3%	0,0%
Ciência e tecnologia				
Sim	45,9%	33,0%	47,0%	57,0%
Não	53,5%	66,0%	52,0%	43,0%
Não sei	0,4%	1,0%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: Nível de escolaridade baixo = até ao 9.º ano («2.º/3.º Ciclo»), nível de escolaridade médio = ensino secundário / curso técnico superior profissional («Secundário / Curso Técnico Superior Profissional»), nível de escolaridade elevado = qualquer grau académico.

O nível de escolaridade está também fortemente associado aos níveis de exposição. Os indivíduos com ensino superior referem, de forma consistente, um maior contacto com todos os temas científicos, em particular saúde e medicina (62,5%), bem-estar e nutrição (67,6%) e ciência e tecnologia (57,0%). Em contrapartida, os inquiridos com níveis de escolaridade mais baixos apresentam uma exposição substancialmente menor, especialmente em ciência e tecnologia (33,0%) e conteúdos relacionados com o bem-estar (43,1%). Este gradiente reforça o papel da educação como fator-chave no acesso à informação científica e no envolvimento com a mesma.

P1. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu informações sobre algum dos seguintes temas através das suas redes sociais, aplicações de mensagens instantâneas ou em conversas com outras pessoas? Por orientação política, 2026 (%)

	Total	1 – Extrema-esquerda	2	3	4	5	6	7 – Extrema-direita
Ambiente e ecologia								
Sim	37,6%	43,8%	46,4%	33,4%	35,6%	40,8%	42,6%	37,0%
Não	61,8%	53,1%	50,0%	66,3%	63,9%	58,7%	57,4%	61,6%
Não sei	0,4%	3,1%	2,4%	0,3%	0,5%	0,2%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,2%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	1,4%
Saúde e medicina								
Sim	56,3%	50,0%	54,2%	51,2%	54,7%	59,0%	65,3%	61,6%
Não	43,6%	46,9%	44,6%	48,8%	45,2%	41,0%	34,7%	38,4%
Não sei	0,1%	3,1%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Bem-estar e nutrição								
Sim	57,2%	50,0%	50,0%	53,9%	56,0%	58,5%	68,7%	58,9%
Não	42,2%	46,9%	46,4%	45,8%	43,7%	40,7%	31,3%	39,7%
Não sei	0,5%	3,1%	2,4%	0,3%	0,4%	0,7%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
Ciência e tecnologia								
Sim	45,9%	34,4%	50,6%	45,0%	42,0%	54,0%	50,3%	43,1%
Não	53,5%	62,5%	47,0%	54,7%	57,4%	45,5%	49,7%	55,6%
Não sei	0,4%	3,1%	2,4%	0,3%	0,5%	0,2%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,2%	0,0%	1,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Por fim, a orientação política revela padrões mais matizados. Embora a exposição a informação relacionada com o ambiente seja relativamente equilibrada ao longo do espectro ideológico, a saúde e a medicina, bem como o bem-estar e a nutrição, tendem a apresentar níveis mais elevados de exposição entre os inquiridos posicionados na centro-direita (posições 5–7), atingindo picos de 65,3% e 68,7%, respetivamente.

A exposição à ciência e à tecnologia é mais desigual, com níveis mais baixos nos extremos políticos, particularmente na extrema-esquerda (34,4%). Estas variações sugerem que, embora a informação científica circule amplamente entre os grupos políticos, é razoável supor que certos domínios possam ser mais salientes em segmentos ideológicos específicos.

P2. De um modo geral, com que frequência recebe informações sobre…, 2026 (% e médias)

	%					
	Economia e negócios	Ambiente e ecologia	Política	Saúde e medicina	Bem-estar e nutrição	Ciência e tecnologia
1- Todos os dias ou quase todos os dias	16,7%	10,0%	30,8%	17,0%	19,9%	14,8%
2 - Pelo menos uma vez por semana	24,3%	25,9%	21,9%	31,5%	30,4%	27,2%
3 - Várias vezes por mês	24,9%	33,3%	20,5%	35,4%	31,3%	30,0%
4 - Quase nunca ou nunca	33,8%	30,6%	26,6%	15,9%	18,4%	27,8%
Não sei	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Média					
	2,76	2,85	2,43	2,50	2,48	2,71

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: Escala de 1 a 4, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 4 = Quase nunca ou nunca.

A frequência com que os inquiridos referem aceder a informação sobre diferentes temas revela variações significativas entre os diversos domínios. De um modo geral, a política destaca-se como o tema mais frequentemente consultado, com 30,8% dos inquiridos a referirem uma exposição diária ou quase diária e o valor médio mais baixo (2,43) na escala (escala invertida, em que valores mais baixos indicam maior frequência).

A saúde e a medicina (2,50) e o bem-estar e a nutrição (2,48) também apresentam níveis relativamente elevados de exposição regular, com a maioria dos inquiridos a indicar acesso pelo menos uma vez por semana ou várias vezes por mês. Em contrapartida, o ambiente e a ecologia (2,85) e a economia e os negócios (2,76) apresentam níveis mais baixos de envolvimento frequente, com proporções mais elevadas a referir acesso apenas várias vezes por mês ou quase nunca. A ciência e a tecnologia ocupam uma posição intermédia (2,71), com uma distribuição relativamente equilibrada entre as categorias de frequência.

Tendo em conta as diferenças demográficas (ver tabela na página seguinte), as diferenças de género revelam um padrão consistente em todos os temas. As mulheres tendem a referir uma exposição menos frequente (valores médios mais baixos) à economia e aos negócios (2,99 contra 2,51 para os homens), política (2,61 contra 2,23) e ciência e tecnologia (2,92 contra 2,49), enquanto os homens referem uma frequência ligeiramente superior em política (2,23 contra 2,61) e ciência e tecnologia (2,49 contra 2,92). Estas diferenças sugerem uma distinção de género no consumo de informação, embora a amplitude da variação se mantenha moderada.

As diferenças etárias são particularmente pronunciadas e parecem sugerir um efeito do ciclo de vida. Os inquiridos mais jovens (17–24) referem consistentemente uma maior frequência de exposição na maioria dos temas (por exemplo, 2,47 em economia e negócios, 2,41 em saúde e medicina), enquanto o grupo mais idoso (65+) refere uma frequência substancialmente inferior (valores numéricos mais elevados na escala), especialmente em economia e negócios (3,18), ambiente e ecologia (3,21) e ciência e tecnologia (3,24). Isto sugere que os indivíduos mais idosos interagem com menos regularidade com conteúdos informativos em todos os domínios, enquanto os grupos mais jovens apresentam padrões de exposição mais frequentes.

Q2. De um modo geral, com que frequência obtém informações sobre…, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (Médias)

	Economia e negócios	Ambiente e ecologia	Política	Saúde e medicina	Bem-estar e nutrição	Ciência e tecnologia
Todos	2,76	2,85	2,43	2,50	2,48	2,71
Masculino	2,51	2,82	2,23	2,55	2,57	2,49
Mulheres	2,99	2,88	2,61	2,46	2,39	2,92
17-24	2,47	2,69	2,33	2,41	2,34	2,41
25-34	2,67	2,82	2,46	2,49	2,39	2,58
35-44	2,71	2,77	2,5	2,45	2,44	2,6
45-54	2,75	2,8	2,42	2,47	2,48	2,66
55-64	2,68	2,77	2,22	2,39	2,38	2,67
65+	3,18	3,21	2,67	2,81	2,82	3,24
Baixo nível de escolaridade	3,12	3,04	2,77	2,68	2,76	3,03
Ensino médio	2,77	2,82	2,43	2,48	2,42	2,7
Ensino superior	2,41	2,69	2,11	2,35	2,29	2,41
1 - Extrema-esquerda	3,05	2,85	2,83	2,67	2,8	3,00
2	3,11	2,88	2,36	2,78	2,8	2,86
3	2,86	2,88	2,4	2,59	2,51	2,76
4 - Centro	2,85	2,86	2,58	2,47	2,47	2,76
5	2,49	2,77	2,18	2,45	2,41	2,55
6	2,5	2,9	2,28	2,5	2,44	2,65
7 - Extrema-direita	2,62	2,75	2,23	2,31	2,44	2,57

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 4, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 4 = Quase nunca ou nunca; b) Nível de escolaridade baixo = até ao 9.º ano («2.º/3.º Ciclo»), nível de escolaridade médio = Ensino Secundário / Curso Técnico Superior Profissional («Secundário / Curso Técnico Superior Profissional»), nível de escolaridade elevado = Qualquer grau académico.

O nível de escolaridade está também fortemente associado à frequência de acesso à informação. Os inquiridos com níveis de escolaridade mais baixos referem uma exposição mais reduzida em todos os temas, enquanto aqueles com escolaridade superior demonstram um envolvimento mais frequente. Esta relação inversa pode refletir diferenças nos hábitos de consumo de meios de comunicação ou na seletividade do consumo de informação, com os indivíduos mais instruídos a interagir mais frequentemente com conteúdos informativos de caráter geral.

A orientação política revela padrões diferenciados entre os temas. Os inquiridos posicionados na extrema-esquerda referem uma frequência de exposição relativamente mais baixa na maioria dos domínios, particularmente na economia e nos negócios (3,05), na política (2,83) e na ciência e tecnologia (3,00). Observa-se um padrão semelhante entre os inquiridos na posição 2. Em contrapartida, os indivíduos situados na centro-direita e na

direita (posições 5–7) tendem a relatar uma exposição mais frequente, especialmente em temas relacionados com a política e a economia. No entanto, a variação ao longo do espectro ideológico é menos pronunciada do que no caso da idade e do nível de escolaridade, sugerindo que a orientação política desempenha um papel secundário e em comparação com os fatores sociodemográficos estruturais. Na sociedade portuguesa, a posição no espectro político não determina os padrões de utilização da informação, mas ter uma orientação política é fundamental: a proporção de eleitores portugueses sem orientação política ou indecisos que afirmam nunca evitar as notícias é de 12,0%, em comparação com 30% dos que se situam à esquerda, 27% no centro e 25% à direita (Cardoso et al., 2025).

4.2. Frequência da pesquisa ativa sobre temas científicos

P3. Com que frequência recorre a cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, 2026 (Médias)

	Ambiente e ecologia	Saúde e medicina	Bem-estar e nutrição	Ciência e tecnologia
Redes sociais (Facebook, Instagram, TikTok…), blogs ou fóruns	3,47	3,21	3,1	2,81
Plataformas de vídeo online (YouTube, Twitch, etc.)	3,81	3,61	3,55	3,22
Conversas em aplicações de mensagens (WhatsApp, Telegram, Line)	3,78	3,53	3,51	3,19
Televisão e plataformas de televisão online (Netflix, HBO Max, Prime Video, Disney+, Apple TV, Sky, Filmin, etc.)	3,62	3,43	3,45	3,04
Jornais diários online ou em papel	3,93	3,81	3,85	3,49
Livros ou revistas de divulgação científica ou técnica; enciclopédias online (por exemplo, a Wikipédia)	4,05	3,91	3,9	3,87
Rádio e/ou podcasts	3,87	3,69	3,71	3,4
Publicações científicas ou revistas	4,12	3,99	4	3,99
Outras revistas impressas e/ou online	4,11	3,97	3,95	3,92
Sites institucionais (ministérios, universidades, OMS…)	4,07	3,89	4,01	3,94
Inteligência Artificial (ChatGPT, resumos do Google, Gemini…)	3,9	3,56	3,6	3,35

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 5 = Quase nunca ou nunca.

A análise das fontes utilizadas para a procura ativa de informação sobre temas científicos revela uma hierarquia clara no ecossistema informacional, estruturada principalmente por níveis de acessibilidade e formalidade. De um modo geral, as fontes mais informais e de fácil acesso — tais como as redes sociais, as plataformas de vídeo online e as aplicações de mensagens — são utilizadas com maior frequência (ou seja, valores médios mais baixos), particularmente nos domínios da ciência e da tecnologia (2,81 para as redes sociais) e em temas relacionados com a saúde. Em contrapartida, fontes mais formais e especializadas,

tais como publicações científicas, sítios Web institucionais e livros técnicos, são utilizadas com uma frequência consideravelmente menor em todos os domínios, apresentando consistentemente os valores médios mais elevados (cerca de 4,0 ou mais numa escala invertida, em que valores mais elevados representam uma menor frequência de utilização).

Entre as áreas temáticas, a ciência e a tecnologia destacam-se como o domínio em que a maioria das fontes é utilizada com maior frequência, sugerindo uma diversificação mais ampla dos pontos de entrada neste tema. Por outro lado, o ambiente e a ecologia tendem a apresentar valores médios mais elevados na maioria das fontes, indicando um comportamento de pesquisa ativa menos frequente. A saúde e a medicina, bem como o bem-estar e a nutrição, ocupam posições intermédias, combinando uma utilização relativamente frequente de fontes digitais e interpessoais com uma consulta mais ocasional de canais de informação formais.

Existem diferenças de género, mas estas são relativamente moderadas (ver tabela na página seguinte). As mulheres tendem a utilizar fontes formais e semiformais com maior frequência do que os homens, incluindo jornais online, enciclopédias, sítios Web institucionais e publicações científicas, na maioria das áreas temáticas. Os homens, por outro lado, referem uma utilização ligeiramente mais frequente das redes sociais e das plataformas de vídeo em alguns domínios, particularmente no ambiente e na ciência e tecnologia. Estas diferenças sugerem um padrão de procura de informação um pouco mais diversificado e formalizado entre as mulheres.

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por género, 2026 (médias)

	Total	Homens	Mulheres
Ambiente e ecologia			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,47	3,24	2,96
Plataformas de vídeo online	3,81	3,44	3,66
Conversas em aplicações de mensagens	3,78	3,48	3,54
Televisão e plataformas de televisão online	3,62	3,41	3,5
Jornais diários online ou impressos	3,93	3,73	3,97
Livros ou revistas de divulgação científica ou técnica; enciclopédias online	4,05	3,78	4,02
Rádio e/ou podcasts	3,87	3,65	3,77
Publicações científicas ou revistas	4,12	3,88	4,13
Outras revistas impressas e/ou online	4,11	3,84	4,05
Sites institucionais	4,07	3,94	4,07
Inteligência Artificial	3,9	3,59	3,61
Saúde e medicina			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,21	3,32	3,11
Plataformas de vídeo online	3,61	3,45	3,76
Conversas em aplicações de mensagens	3,53	3,46	3,6
Televisão e plataformas de televisão online	3,43	3,38	3,48
Jornais diários online ou em papel	3,81	3,68	3,93
Livros ou revistas de divulgação científica ou técnica; enciclopédias em linha	3,91	3,77	4,04
Rádio e/ou podcasts	3,69	3,57	3,8
Publicações científicas ou revistas	3,99	3,85	4,12
Outras revistas impressas e/ou online	3,97	3,82	4,13
Sites institucionais	3,89	3,8	3,97
Inteligência Artificial	3,56	3,55	3,57
Bem-estar e nutrição			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,1	3,47	3,47
Plataformas de vídeo online	3,55	3,6	4,02
Conversas em aplicações de mensagens	3,51	3,64	3,93
Televisão e plataformas de televisão online	3,45	3,5	3,74
Jornais diários online ou em papel	3,85	3,77	4,09
Livros ou revistas de divulgação científica ou técnica; enciclopédias em linha	3,9	3,87	4,24
Rádio e/ou podcasts	3,71	3,71	4,02
Publicações científicas ou revistas	4	3,94	4,3
Outras revistas impressas e/ou online	3,95	3,94	4,27
Sites institucionais	4,01	3,92	4,21
Inteligência Artificial	3,6	3,8	3,99
Ciência e tecnologia			
Redes sociais, blogs ou fóruns	2,81	2,76	2,88
Plataformas de vídeo online	3,22	2,94	3,48
Conversas em aplicações de mensagens	3,19	3,08	3,31
Televisão e plataformas de televisão online	3,04	2,9	3,16
Jornais diários online ou impressos	3,49	3,26	3,72
Livros ou revistas de divulgação científica ou técnica; enciclopédias online	3,87	3,7	4,04
Rádio e/ou podcasts	3,40	3,23	3,56
Publicações científicas ou revistas	3,99	3,81	4,16
Outras revistas impressas e/ou online	3,92	3,73	4,11
Sites institucionais	3,94	3,81	4,08
Inteligência Artificial	3,35	3,24	3,47

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 5 = Quase nunca ou nunca; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da P3.

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por idade, 2026 (médias)

	Total	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
Ambiente e ecologia							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,47	2,76	2,84	2,99	3,16	2,97	3,68
Plataformas de vídeo online	3,81	3,26	3,29	3,49	3,57	3,47	4,07
Conversas em aplicações de mensagens	3,78	3,25	3,41	3,53	3,68	3,28	3,73
Televisão e plataformas de televisão online	3,62	3,35	3,53	3,57	3,56	3,26	3,38
Jornais diários online ou em papel	3,93	3,76	3,78	3,9	3,89	3,79	3,94
Divulgação científica; enciclopédias online	4,05	3,74	3,72	3,93	3,94	3,77	4,24
Rádio e/ou podcasts	3,87	3,59	3,77	3,71	3,73	3,64	3,76
Publicações científicas ou revistas	4,12	3,78	3,8	3,97	4,06	3,95	4,32
Outras revistas impressas e/ou online	4,11	3,82	3,86	3,97	3,97	3,9	4,08
Sites institucionais	4,07	3,61	3,8	3,96	3,95	4,08	4,44
Inteligência Artificial	3,9	3,12	3,3	3,47	3,62	3,58	4,25
Saúde e medicina							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,21	3,06	2,96	3,23	3,17	3,09	3,76
Plataformas de vídeo online	3,61	3,33	3,42	3,59	3,58	3,49	4,12
Conversas em aplicações de mensagens	3,53	3,3	3,49	3,63	3,63	3,32	3,68
Televisão e plataformas de televisão online	3,43	3,37	3,48	3,45	3,49	3,29	3,48
Jornais diários online ou em papel	3,81	3,81	3,73	3,85	3,8	3,68	4,05
Divulgação científica; enciclopédias online	3,91	3,72	3,68	3,87	3,98	3,82	4,24
Rádio e/ou podcasts	3,69	3,68	3,68	3,74	3,65	3,63	3,8
Publicações científicas ou revistas	3,99	3,7	3,79	3,97	4,07	3,95	4,23
Outras revistas impressas e/ou online	3,97	3,85	3,79	4,03	3,97	3,92	4,22
Sites institucionais	3,89	3,51	3,65	3,87	3,85	3,98	4,26
Inteligência Artificial	3,56	3,11	3,24	3,42	3,55	3,57	4,22
Bem-estar e nutrição							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,1	3,11	3,27	3,41	3,48	3,39	3,96
Plataformas de vídeo online	3,55	3,53	3,67	3,83	3,79	3,7	4,25
Conversas em aplicações de mensagens	3,51	3,57	3,62	3,81	3,88	3,59	4,09
Televisão e plataformas de televisão online	3,45	3,47	3,67	3,7	3,65	3,46	3,7
Jornais diários online ou em papel	3,85	3,79	3,82	3,94	3,98	3,86	4,09
Divulgação científica; enciclopédias online	3,9	3,85	3,77	4,04	4,06	4,11	4,37
Rádio e/ou podcasts	3,71	3,82	3,84	3,87	3,82	3,73	4,17
Publicações científicas ou revistas	4	3,75	3,91	4,11	4,12	4,19	4,44
Outras revistas impressas e/ou online	3,95	3,87	3,98	4,14	4,1	4,05	4,39
Sites institucionais	4,01	3,61	3,86	4,06	4,05	4,13	4,44
Inteligência Artificial	3,6	3,47	3,66	3,81	3,91	3,92	4,36
Ciência e tecnologia							
Redes sociais, blogs ou fóruns	2,81	2,48	2,59	2,55	2,68	2,8	3,71
Plataformas de vídeo online	3,22	2,87	2,87	3,03	3,12	3,24	4,05
Conversas em aplicações de mensagens	3,19	3,02	3,11	3,05	3,06	3,06	3,85
Televisão e plataformas de televisão online	3,04	2,99	3,13	2,92	2,87	2,89	3,55
Jornais diários online ou em papel	3,49	3,48	3,45	3,5	3,42	3,34	3,87
Divulgação científica; enciclopédias online	3,87	3,66	3,63	3,92	3,84	3,81	4,3
Rádio e/ou podcasts	3,4	3,38	3,42	3,22	3,22	3,3	3,97
Publicações científicas ou revistas	3,99	3,56	3,76	3,97	4,04	3,99	4,35
Outras revistas impressas e/ou online	3,92	3,82	3,84	3,89	3,94	3,84	4,16
Sites institucionais	3,94	3,32	3,74	3,87	3,9	4,02	4,5
Inteligência Artificial	3,35	2,83	3,03	3,08	3,31	3,44	4,18

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 5 = Quase nunca ou nunca; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da P3

A idade (tabela na página anterior) constitui um dos fatores de diferenciação mais significativos. Os inquiridos mais jovens (17–24) recorrem em maior medida a fontes digitais e sociais, incluindo redes sociais, plataformas de vídeo e aplicações de mensagens, enquanto os grupos mais velhos, especialmente aqueles acima do limiar dos 55 anos, apresentam valores médios significativamente mais elevados (ou seja, menor frequência) para estes canais. Por outro lado, os inquiridos mais velhos demonstram um envolvimento relativamente maior com fontes tradicionais e formais, tais como jornais, rádio, sítios Web institucionais e publicações científicas. Isto indica uma divisão geracional não só na frequência, mas também no tipo de fontes utilizadas para a procura ativa de informação.

O nível de escolaridade (tabela na página seguinte) reforça ainda mais esta estrutura. Os indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados tendem a utilizar com maior frequência fontes mais formais e especializadas, incluindo publicações científicas, sítios Web institucionais e recursos enciclopédicos, enquanto aqueles com níveis de escolaridade mais baixos recorrem comparativamente mais a canais acessíveis e mediados, tais como a televisão, as redes sociais e as plataformas de mensagens. Este gradiente destaca o papel da educação na definição tanto da profundidade como da natureza das práticas de procura de informação.

P3. Com que frequência utiliza cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por nível de escolaridade, 2026 (Médias)

	Todos	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Elevado nível de escolaridade
Ambiente e ecologia				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,47	3,38	3,01	2,92
Plataformas de vídeo online	3,81	3,7	3,47	3,5
Conversas em aplicações de mensagens	3,78	3,63	3,46	3,46
Televisão e plataformas de televisão online	3,62	3,36	3,45	3,55
Jornais diários online ou impressos	3,93	3,96	3,84	3,75
Divulgação científica; enciclopédias online	4,05	4,08	3,85	3,79
Rádio e/ou podcasts	3,87	3,71	3,72	3,7
Publicações científicas ou revistas especializadas	4,12	4,16	3,92	3,94
Outras revistas impressas e/ou online	4,11	4,02	3,96	3,86
Sites institucionais	4,07	4,22	3,97	3,83
Inteligência Artificial	3,9	3,91	3,52	3,38
Saúde e medicina				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,21	3,39	3,12	3,15
Plataformas de vídeo online	3,61	3,75	3,53	3,55
Conversas em aplicações de mensagens	3,53	3,61	3,48	3,51
Televisão e plataformas de televisão online	3,43	3,3	3,47	3,53
Jornais diários online ou impressos	3,81	3,89	3,84	3,7
Divulgação científica; enciclopédias online	3,91	4,16	3,9	3,69
Rádio e/ou podcasts	3,69	3,68	3,72	3,67
Publicações científicas ou revistas	3,99	4,19	3,92	3,86
Outras revistas impressas e/ou online	3,97	4,1	3,97	3,85
Sites institucionais	3,89	4,17	3,84	3,67
Inteligência Artificial	3,56	3,88	3,47	3,34
Bem-estar e nutrição				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,1	3,61	3,39	3,4
Plataformas de vídeo online	3,55	3,9	3,76	3,78
Conversas em aplicações de mensagens	3,51	3,81	3,73	3,82
Televisão e plataformas de televisão online	3,45	3,57	3,61	3,68
Jornais diários online ou impressos	3,85	4	3,96	3,81
Divulgação científica; enciclopédias online	3,9	4,23	3,99	3,95
Rádio e/ou podcasts	3,71	3,92	3,87	3,81
Publicações científicas ou revistas	4	4,26	4,1	4
Outras revistas impressas e/ou online	3,95	4,23	4,08	4
Sites institucionais	4,01	4,23	4,03	3,94
Inteligência Artificial	3,6	4,07	3,86	3,78
Ciência e tecnologia				
Redes sociais, blogs ou fóruns	2,81	3,12	2,68	2,67
Plataformas de vídeo online	3,22	3,43	3,11	3,12
Conversas em aplicações de mensagens	3,19	3,42	3,02	3,15
Televisão e plataformas de televisão online	3,04	3,12	2,95	3,05
Jornais diários online ou impressos	3,49	3,74	3,44	3,31
Divulgação científica; enciclopédias online	3,87	4,2	3,84	3,6
Rádio e/ou podcasts	3,4	3,58	3,35	3,27
Publicações científicas ou revistas	3,99	4,24	3,96	3,78
Outras revistas impressas e/ou online	3,92	4,02	3,93	3,82
Sites institucionais	3,94	4,27	3,94	3,64
Inteligência Artificial	3,35	3,73	3,23	3,12

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 5 = Quase nunca ou nunca; b) Nível de escolaridade baixo = até ao 9.º ano («2.º/3.º Ciclo»), nível de escolaridade médio = Ensino Secundário / Curso Técnico Superior Profissional («Secundário / Curso Técnico Superior

Profissional»), nível de escolaridade elevado = Qualquer grau académico; c) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da P3.

P3. Com que frequência recorre a cada uma das seguintes fontes para se informar sobre…, por orientação política, 2026 (Médias)

	Total	1 – Extrema-esquerda	2	3	4 – Centro	5	6	7 – Extrema-direita
Ambiente e ecologia								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,47	2,85	3,46	3,28	3,14	2,91	2,96	2,71
Plataformas de vídeo online	3,81	3,00	3,81	3,74	3,59	3,44	3,41	2,95
Conversas em aplicações de mensagens	3,78	3,25	3,88	3,66	3,58	3,34	3,45	2,92
Televisão e plataformas de televisão online	3,62	3,48	3,53	3,48	3,48	3,44	3,4	3,22
Jornais diários online ou em papel	3,93	3,77	3,96	3,89	3,89	3,74	3,87	3,58
Divulgação científica; enciclopédias online	4,05	3,88	4,14	3,93	3,96	3,83	3,73	3,6
Rádio e/ou podcasts	3,87	3,37	3,81	3,7	3,74	3,64	3,77	3,48
Publicações científicas ou revistas	4,12	3,82	4,21	4,07	4,05	3,94	3,97	3,58
Outras revistas impressas e/ou online	4,11	4,02	4,14	3,95	3,97	3,88	3,99	3,71
Sites institucionais	4,07	3,93	4,16	4,12	4,06	3,9	3,8	3,75
Inteligência Artificial	3,9	3,74	3,95	3,82	3,62	3,43	3,44	2,97
Saúde e medicina								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,21	2,86	3,67	3,47	3,23	3,07	2,95	2,75
Plataformas de vídeo online	3,61	2,74	3,88	3,87	3,63	3,54	3,28	3,12
Conversas em aplicações de mensagens	3,53	3,12	3,84	3,71	3,56	3,44	3,34	2,96
Televisão e plataformas de televisão online	3,43	3,12	3,69	3,46	3,48	3,42	3,23	3,26
Jornais diários online ou em papel	3,81	3,67	4	3,88	3,86	3,71	3,7	3,64
Divulgação científica; enciclopédias online	3,91	3,95	4,05	3,89	4	3,83	3,67	3,68
Rádio e/ou podcasts	3,69	3,35	3,89	3,74	3,69	3,69	3,56	3,44
Publicações científicas ou revistas	3,99	4,07	4,2	4,05	4,03	3,88	3,89	3,8
Outras revistas impressas e/ou online	3,97	3,75	4,23	4,06	3,99	3,94	3,78	3,78
Sites institucionais	3,89	3,93	3,99	3,98	3,9	3,77	3,8	3,76
Inteligência Artificial	3,56	3,65	3,98	3,81	3,55	3,44	3,25	3,22
Bem-estar e nutrição								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,1	3,00	3,64	3,6	3,53	3,33	3,38	3,23
Plataformas de vídeo online	3,55	3,03	3,99	3,92	3,84	3,8	3,64	3,46
Conversas em aplicações de mensagens	3,51	3,33	4,15	3,93	3,81	3,7	3,64	3,29
Televisão e plataformas de televisão online	3,45	3,58	3,76	3,71	3,68	3,54	3,53	3,28
Jornais diários online ou em papel	3,85	3,73	3,91	3,97	3,99	3,84	3,94	3,59
Divulgação científica; enciclopédias online	3,9	3,96	4,13	4,13	4,13	3,93	3,97	3,69
Rádio e/ou podcasts	3,71	3,32	4,06	3,89	3,87	3,89	3,81	3,64
Publicações científicas ou revistas	4	4,02	4,22	4,19	4,2	4,02	3,99	3,71
Outras revistas impressas e/ou online	3,95	3,96	4,27	4,16	4,13	4,02	4,14	3,7
Sites institucionais	4,01	3,95	4,11	4,2	4,14	3,92	3,89	3,83
Inteligência Artificial	3,6	3,82	4,16	4,14	3,88	3,81	3,69	3,54
Ciência e tecnologia								
Redes sociais, blogs ou fóruns	2,81	2,68	3,35	3,15	2,78	2,63	2,7	2,36
Plataformas de vídeo online	3,22	2,88	3,43	3,48	3,23	3,11	2,97	2,71
Conversas em aplicações de mensagens	3,19	2,96	3,67	3,49	3,14	3,09	2,98	2,78
Televisão e plataformas de televisão online	3,04	3,27	3,38	3,17	3,02	3,03	2,76	2,72
Jornais diários online ou em papel	3,49	3,52	3,71	3,54	3,56	3,27	3,63	3,36
Divulgação científica; enciclopédias online	3,87	3,74	4,05	3,88	3,96	3,74	3,77	3,65
Rádio e/ou podcasts	3,4	3,22	3,76	3,45	3,41	3,32	3,26	3,11
Publicações científicas ou revistas	3,99	3,98	4,18	4,04	4,08	3,85	3,82	3,71
Outras revistas impressas e/ou online	3,92	3,93	4,07	3,95	3,95	3,81	3,96	3,87
Sites institucionais	3,94	4,31	4,11	4,02	4	3,79	3,76	3,86
Inteligência Artificial	3,35	3,73	3,73	3,66	3,37	3,15	3,06	2,72

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Todos os dias ou quase todos os dias e 5 = Quase nunca ou nunca; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 3.

Por fim, a orientação política (tabela na página anterior) introduz variações mais matizadas. Os inquiridos posicionados à esquerda do espectro ideológico referem, em geral, uma utilização mais frequente de um leque mais alargado de fontes, nomeadamente as formais e institucionais, enquanto os que se situam à direita tendem a apresentar níveis de frequência mais baixos em vários tipos de fontes, especialmente em domínios como a ciência e a tecnologia e o ambiente. No entanto, estas diferenças são menos pronunciadas do que as observadas em relação à idade e ao nível de escolaridade, sugerindo que a orientação política desempenha um papel secundário na estruturação do comportamento de procura de informação.

Em suma, os resultados apontam para um ecossistema de informação estratificado, no qual a pesquisa ativa sobre temas científicos é predominantemente mediada por plataformas digitais acessíveis, enquanto as fontes mais formais permanecem comparativamente marginais. Esta estrutura é fortemente moldada pela idade e pelo nível de escolaridade, com uma diferenciação adicional, mas mais limitada, em função do género e da orientação política.

4.3. Canais de comunicação

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informação sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), 2026 (Médias)

	Ambiente e ecologia	Saúde e medicina	Bem-estar e nutrição	Ciência e tecnologia
Redes sociais (Facebook, Instagram, TikTok…), blogs ou fóruns	3,70	3,61	3,78	3,71
Plataformas de vídeo online (YouTube, Twitch, etc.)	3,95	3,88	4,00	4,03
Conversas em aplicações de mensagens (WhatsApp, Telegram, Line)	3,74	3,72	3,81	3,79
Televisão e plataformas de televisão online (Netflix, HBO Max, Prime Video, Disney+, Apple TV, Sky, Filmin, etc.)	4,28	4,27	4,32	4,39
Jornais diários online ou em papel	4,44	4,45	4,46	4,55
Rádio e/ou podcasts	4,4	4,42	4,46	4,53
Família, amigos ou conhecidos	4,61	4,66	4,82	4,73
Inteligência Artificial (ChatGPT, resumos do Google, Gemini…)	4,06	4,09	4,08	4,18

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Não confio de todo na fonte e 7 = Confio plenamente na fonte.

A análise da confiança em diferentes canais de comunicação revela uma hierarquia consistente em todos os domínios científicos. De um modo geral, as fontes interpessoais, nomeadamente a família, os amigos ou os conhecidos, surgem como os canais que inspiram maior confiança, com os valores médios mais elevados em todos os temas, atingindo o seu pico nos domínios do bem-estar e da nutrição (4,82) e da ciência e tecnologia (4,73). Os meios de comunicação tradicionais, incluindo jornais online ou impressos (cerca de 4,44–4,55) e rádio ou podcasts (cerca de 4,40–4,53), também apresentam níveis relativamente

elevados de confiança. A televisão ocupa uma posição ligeiramente inferior, mas ainda assim positiva (cerca de 4,27–4,39). Em contrapartida, os canais nativos do meio digital e gerados pelos utilizadores, tais como as redes sociais (3,61–3,78), as aplicações de mensagens (3,72–3,81) e as plataformas de vídeo on es (3,88–4,03), tendem a inspirar menos confiança. As ferramentas de IA ocupam uma posição intermédia (cerca de 4,06–4,18), sugerindo um nível de confiança moderado, mas ainda não consolidado, provavelmente motivado pela falta de conhecimento sobre a ferramenta, que em Portugal ainda é residual em termos de acesso às notícias (Cardoso et al., 2025).

Em todas as áreas temáticas, os padrões de confiança revelam-se notavelmente estáveis, com apenas variações menores. A ciência e a tecnologia tendem a suscitar uma confiança ligeiramente superior na maioria dos canais, particularmente nas fontes institucionais e profissionais, enquanto a informação relacionada com o ambiente apresenta níveis de confiança marginalmente mais baixos nos canais digitais e informais.

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informação sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por género, 2026 (Médias)

	Total	Homens	Mulheres
Ambiente e ecologia			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,7	3,7	3,7
Plataformas de vídeo online	3,95	4,01	3,9
Conversas em aplicações de mensagens	3,74	3,81	3,67
Televisão e plataformas de televisão online	4,28	4,26	4,32
Jornais diários online ou em papel	4,44	4,43	4,46
Rádio e/ou podcasts	4,4	4,39	4,41
Família, amigos ou conhecidos	4,61	4,6	4,62
Inteligência Artificial	4,06	4,08	4,04
Saúde e medicina			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,61	3,6	3,61
Plataformas de vídeo online	3,88	3,96	3,82
Conversas em aplicações de mensagens	3,72	3,8	3,64
Televisão e plataformas de televisão online	4,27	4,32	4,23
Jornais diários online ou em papel	4,45	4,41	4,5
Rádio e/ou podcasts	4,42	4,43	4,41
Família, amigos ou conhecidos	4,66	4,66	4,65
Inteligência Artificial	4,09	4,1	4,07
Bem-estar e nutrição			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,78	3,72	3,85
Plataformas de vídeo online	4	4,02	3,99
Conversas em aplicações de mensagens	3,81	3,8	3,82
Televisão e plataformas de televisão online	4,32	4,29	4,36
Jornais diários online ou em papel	4,46	4,41	4,51
Rádio e/ou podcasts	4,46	4,45	4,48
Família, amigos ou conhecidos	4,82	4,81	4,84
Inteligência Artificial	4,08	4,08	4,09
Ciência e tecnologia			
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,71	3,73	3,69
Plataformas de vídeo online	4,03	4,16	3,92
Conversas em aplicações de mensagens	3,79	3,83	3,74
Televisão e plataformas de televisão online	4,39	4,41	4,4
Jornais diários online ou em papel	4,55	4,53	4,59
Rádio e/ou podcasts	4,53	4,54	4,53
Família, amigos ou conhecidos	4,73	4,74	4,73
Inteligência Artificial	4,18	4,25	4,1

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Não confio de todo na fonte e 7 = Confio plenamente na fonte; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte o quadro geral da pergunta 4.

As diferenças entre géneros são mínimas e não indicam divergências estruturais significativas. As mulheres manifestam uma confiança ligeiramente superior nos meios de comunicação tradicionais, como jornais e televisão, bem como em fontes interpessoais, enquanto os homens demonstram uma confiança marginalmente superior em plataformas de vídeo online e ferramentas de inteligência artificial. No entanto, estas variações são pequenas e não alteram substancialmente a hierarquia global de confiança.

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informação sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por idade, 2026 (Médias)

	Total	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
Ambiente e ecologia							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,7	4,13	3,91	3,79	3,6	3,64	3,41
Plataformas de vídeo online	3,95	3,97	4,13	4,08	3,87	4,07	3,56
Conversas em aplicações de mensagens	3,74	3,82	3,81	3,84	3,7	3,82	3,47
Televisão e plataformas de televisão online	4,28	4,11	4,19	4,22	4,22	4,46	4,39
Jornais diários online ou em papel	4,44	4,41	4,36	4,4	4,45	4,58	4,39
Rádio e/ou podcasts	4,4	4,24	4,31	4,38	4,37	4,53	4,51
Família, amigos ou conhecidos	4,61	4,37	4,29	4,45	4,54	4,83	5,09
Inteligência Artificial	4,06	4,17	4,09	4,16	4,04	4,19	3,66
Saúde e medicina							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,61	4,05	3,81	3,67	3,53	3,55	3,32
Plataformas de vídeo online	3,88	4	4,07	3,94	3,83	3,89	3,66
Conversas em aplicações de mensagens	3,72	3,98	3,73	3,83	3,66	3,75	3,53
Televisão e plataformas de televisão online	4,27	3,99	4,19	4,16	4,23	4,42	4,45
Jornais diários online ou em papel	4,45	4,35	4,39	4,45	4,49	4,57	4,36
Rádio e/ou podcasts	4,42	4,26	4,3	4,37	4,43	4,52	4,53
Família, amigos ou conhecidos	4,66	4,42	4,44	4,49	4,65	4,77	5,02
Inteligência Artificial	4,09	4,18	4,1	4,14	4,08	4,2	3,8
Bem-estar e nutrição							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,78	4,25	3,98	3,85	3,69	3,75	3,48
Plataformas de vídeo online	4	4,15	4,17	4,07	4,01	4	3,65
Conversas em aplicações de mensagens	3,81	4,08	3,78	3,9	3,75	3,87	3,65
Televisão e plataformas de televisão online	4,32	4,04	4,2	4,26	4,26	4,49	4,54
Jornais diários online ou em papel	4,46	4,39	4,34	4,52	4,45	4,57	4,4
Rádio e/ou podcasts	4,46	4,12	4,38	4,47	4,41	4,6	4,58
Família, amigos ou conhecidos	4,82	4,5	4,55	4,59	4,73	5,04	5,36
Inteligência Artificial	4,08	4,23	4,07	4,25	4,05	4,24	3,63
Ciência e tecnologia							
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,71	4,13	3,83	3,84	3,58	3,67	3,52
Plataformas de vídeo online	4,03	4,16	4,21	4,14	3,97	3,99	3,8
Conversas em aplicações de mensagens	3,79	3,99	3,78	3,87	3,77	3,77	3,66
Televisão e plataformas de televisão online	4,39	4,17	4,24	4,33	4,35	4,62	4,52
Jornais diários online ou em papel	4,55	4,38	4,44	4,6	4,58	4,71	4,47
Rádio e/ou podcasts	4,53	4,23	4,34	4,68	4,54	4,68	4,51
Família, amigos ou conhecidos	4,73	4,63	4,49	4,7	4,73	4,94	4,8
Inteligência Artificial	4,18	4,29	4,13	4,29	4,15	4,32	3,88

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Não confio de todo na fonte e 7 = Confio plenamente na fonte; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 4.

A idade (tabela na página anterior) introduz uma diferenciação mais visível, particularmente nos extremos. Os inquiridos mais jovens (17–24) tendem a manifestar maior confiança nos canais nativos digitais, incluindo as redes sociais (por exemplo, 4,13 no tema «ambiente») e as plataformas de vídeo online (cerca de 4,0 ou mais em todos os temas), em comparação com os grupos mais velhos. Em contrapartida, os inquiridos mais velhos (65+) demonstram

uma confiança notavelmente mais elevada nas fontes interpessoais, com valores que atingem 5,09 (ambiente) e 5,36 (bem-estar), bem como nos meios de comunicação tradicionais, tais como jornais e rádio. A confiança na IA diminui ligeiramente entre os grupos mais velhos (por exemplo, 3,66 no tema «ambiente» e 3,63 no tema «bem-estar»), indicando uma diferença geracional na credibilidade percebida das tecnologias emergentes, provavelmente motivada por taxas de utilização mais elevadas e pela experimentação com a tecnologia (Cardoso et al., 2025).

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informação sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por nível de escolaridade, 2026 (Médias)

	Todos	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Ensino superior
Ambiente e ecologia				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,7	3,72	3,75	3,63
Plataformas de vídeo online	3,95	3,94	3,98	3,92
Conversas em aplicações de mensagens	3,74	3,81	3,76	3,65
Televisão e plataformas de televisão online	4,28	4,37	4,24	4,24
Jornais diários online ou em papel	4,44	4,33	4,39	4,61
Rádio e/ou podcasts	4,4	4,46	4,32	4,45
Família, amigos ou conhecidos	4,61	4,85	4,5	4,51
Inteligência Artificial	4,06	3,94	4,04	4,18
Saúde e medicina				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,61	3,68	3,66	3,48
Plataformas de vídeo online	3,88	3,85	3,95	3,84
Conversas em aplicações de mensagens	3,72	3,77	3,71	3,68
Televisão e plataformas de televisão online	4,27	4,34	4,25	4,21
Jornais diários online ou impressos	4,45	4,33	4,45	4,58
Rádio e/ou podcasts	4,42	4,4	4,39	4,47
Família, amigos ou conhecidos	4,66	4,83	4,57	4,58
Inteligência Artificial	4,09	3,92	4,12	4,2
Bem-estar e nutrição				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,78	3,78	3,83	3,73
Plataformas de vídeo online	4	3,97	4,03	3,99
Conversas em aplicações de mensagens	3,81	3,88	3,8	3,76
Televisão e plataformas de televisão online	4,32	4,42	4,27	4,28
Jornais diários online ou impressos	4,46	4,35	4,45	4,55
Rádio e/ou podcasts	4,46	4,48	4,4	4,49
Família, amigos ou conhecidos	4,82	5,07	4,74	4,67
Inteligência Artificial	4,08	3,94	4,08	4,2
Ciência e tecnologia				
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,71	3,81	3,75	3,58
Plataformas de vídeo online	4,03	4,04	4,07	3,97
Conversas em aplicações de mensagens	3,79	3,89	3,81	3,66
Televisão e plataformas de televisão online	4,39	4,43	4,44	4,3
Jornais diários online ou em papel	4,55	4,47	4,49	4,71
Rádio e/ou podcasts	4,53	4,52	4,5	4,58
Família, amigos ou conhecidos	4,73	4,86	4,75	4,6
Inteligência Artificial	4,18	4,04	4,26	4,22

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Não confio de todo na fonte e 7 = Confio plenamente na fonte; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 4.

As diferenças ao nível do nível de escolaridade (tabela na página anterior) estão presentes, mas são relativamente moderadas. Os inquiridos com ensino superior tendem a manifestar

uma confiança ligeiramente maior em fontes institucionais e profissionais, tais como jornais, publicações científicas e sítios Web institucionais, particularmente nos domínios da ciência e tecnologia e da saúde. Por outro lado, os indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos demonstram uma confiança um pouco maior em fontes interpessoais (por exemplo, 5,07 no domínio do bem-estar) e na televisão. A confiança na inteligência artificial é ligeiramente superior entre os inquiridos com maior nível de escolaridade, embora as diferenças continuem a ser limitadas, sugerindo uma avaliação amplamente partilhada, mas cautelosa, destas ferramentas.

P4. Em que medida confia em cada um dos seguintes canais de comunicação quando procura informação sobre [TÓPICO] (1 – Não confio de todo na fonte e 7 – Confio plenamente na fonte), por orientação política, 2026 (Médias)

	Todos	1 – Extrema-esquerda	2	3	4	5	6	7 – Extrema-direita
Ambiente e ecologia								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,7	3,53	3,31	3,41	3,74	3,84	3,8	4,2
Plataformas de vídeo online	3,95	3,98	3,64	3,76	3,98	4,12	3,82	4,24
Conversas em aplicações de mensagens	3,74	4,15	3,12	3,49	3,76	3,91	3,83	3,94
Televisão e plataformas de televisão online	4,28	4,09	4,24	4,23	4,33	4,42	4,01	4,19
Jornais diários online ou em papel	4,44	4,01	4,22	4,54	4,47	4,6	4,08	4,07
Rádio e/ou podcasts	4,4	4,39	4,29	4,48	4,42	4,52	4,1	4,19
Família, amigos ou conhecidos	4,61	4,22	4,48	4,68	4,65	4,56	4,52	4,66
Inteligência Artificial	4,06	3,82	3,34	3,86	4,12	4,25	4,09	4,13
Saúde e medicina								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,61	3,83	3,08	3,31	3,62	3,73	3,77	4,27
Plataformas de vídeo online	3,88	4,08	3,4	3,69	3,91	4,02	3,89	4,35
Conversas em aplicações de mensagens	3,72	3,74	3,03	3,47	3,78	3,84	3,82	4,03
Televisão e plataformas de televisão online	4,27	3,92	3,97	4,28	4,32	4,3	4,19	4,25
Jornais diários online ou em papel	4,45	4,52	4,23	4,59	4,46	4,6	4,16	4,06
Rádio e/ou podcasts	4,42	4,12	4,26	4,56	4,43	4,55	4,11	4,2
Família, amigos ou conhecidos	4,66	4,47	4,54	4,73	4,67	4,63	4,58	4,97
Inteligência Artificial	4,09	3,98	3,55	3,83	4,1	4,29	4,23	4,44
Bem-estar e nutrição								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,78	4,15	3,31	3,53	3,78	3,93	3,86	4,35
Plataformas de vídeo online	4	4,45	3,71	3,77	3,99	4,15	4,03	4,66
Conversas em aplicações de mensagens	3,81	4,09	3,19	3,64	3,83	3,9	3,87	4,21
Televisão e plataformas de televisão online	4,32	4,04	4,32	4,36	4,33	4,4	4,22	4,33
Jornais diários online ou em papel	4,46	4,33	4,32	4,54	4,49	4,52	4,27	4,27
Rádio e/ou podcasts	4,46	4,46	4,24	4,56	4,44	4,58	4,29	4,43
Família, amigos ou conhecidos	4,82	4,84	4,76	4,93	4,84	4,74	4,8	4,99
Inteligência Artificial	4,08	3,62	3,47	3,81	4,14	4,28	4,19	4,41
Ciência e tecnologia								
Redes sociais, blogs ou fóruns	3,71	3,82	3,21	3,37	3,74	3,86	3,83	4,22
Plataformas de vídeo online	4,03	4,11	3,59	3,82	4,02	4,22	4,04	4,53
Conversas em aplicações de mensagens	3,79	4,14	3,11	3,51	3,8	3,94	3,87	4,36
Televisão e plataformas de televisão online	4,39	4,33	3,99	4,35	4,42	4,52	4,36	4,12
Jornais diários online ou em papel	4,55	4,38	4,07	4,64	4,58	4,71	4,3	4,2
Rádio e/ou podcasts	4,53	4,63	4,21	4,57	4,5	4,7	4,48	4,58
Família, amigos ou conhecidos	4,73	4,78	4,43	4,66	4,78	4,73	4,71	5,23
Inteligência Artificial	4,18	3,85	3,52	3,94	4,19	4,42	4,31	4,45

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Não confio de todo na fonte e 7 = Confio plenamente na fonte; b) Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da P4.

A orientação política (tabela na página anterior) revela padrões mais diferenciados, particularmente nos extremos do espectro. Os inquiridos da extrema-direita manifestam consistentemente níveis mais elevados de confiança em vários canais, incluindo as redes sociais (por exemplo, 4,20 em matéria de ambiente e 4,27 em saúde), plataformas de vídeo online (até 4,66 em bem-estar) e, especialmente, fontes interpessoais, que atingem valores consistentemente elevados nesta análise (por exemplo, 5,23 em ciência e tecnologia). Em contrapartida, os inquiridos da extrema-esquerda tendem a demonstrar uma confiança comparativamente mais baixa nos canais digitais e informais, mantendo, no entanto, uma confiança relativamente elevada nos meios de comunicação tradicionais e nas fontes institucionais. Apesar destas variações, a estrutura global da confiança mantém-se, em termos gerais, consistente ao longo de todo o espectro ideológico.

As conclusões relativas à confiança apontam para um panorama estável e estratificado, no qual as fontes interpessoais e os meios de comunicação tradicionais mantêm uma credibilidade mais elevada, enquanto os canais digitais e emergentes — embora amplamente utilizados — são alvo de níveis de confiança comparativamente mais baixos. Existem diferenças entre os grupos sociodemográficos, mas estas reforçam, em geral, este padrão global, em vez de o alterarem fundamentalmente. Independentemente da coorte, a relevância das fontes interpessoais no que diz respeito ao acesso às notícias não deve ser subestimada, uma vez que não só é frequente como também significativa do ponto de vista da fiabilidade e da confiança depositada nessas fontes (Cardoso et al., 2025; Newman et al., 2025).

5. Credibilidade e a propagação da desinformação em questões científicas

O exercício experimental baseado na exposição a títulos de notícias foi concebido para avaliar se breves estímulos cognitivos, ou «nudges», poderiam afetar a intenção declarada dos inquiridos de partilhar títulos de notícias científicas. A experiência centrou-se num problema central frequentemente destacado nos estudos sobre os meios de comunicação social e a desinformação: as pessoas tomam frequentemente a decisão de partilhar informação rapidamente, antes de considerarem a sua fiabilidade, impacto emocional ou potenciais consequências. A conceção testou, portanto, se pedir aos inquiridos que dedicassem um momento a refletir sobre dimensões específicas da manchete antes de responderem à pergunta sobre a partilha poderia reduzir ou, de alguma forma, modificar a sua intenção de partilhar.

No que diz respeito à dimensão do partilhar do experimento, definimos círculos precisos: o círculo pessoal, composto por família, amigos e/ou colegas, e um círculo digital, descrito como redes sociais e mensagens. Estes dois círculos estão relacionados com dois níveis diferentes de intimidade e de relação potencial com os outros no ato de partilhar conteúdos noticiosos. A distinção entre ambos por parte dos indivíduos tem vindo a ser bem documentada ao longo dos anos, e não só as pessoas se comportam de forma diferente em círculos distintos, com diferentes níveis de formalidade e conforto, como também parecem basear-se fortemente em redes de intimidade nas suas rotinas de consumo de notícias, partilhando e discutindo frequentemente notícias com a família, amigos ou colegas e confiando nessas relações como uma fonte de notícias legítima e fiável (Newman et al., 2025; Cardoso et al., 2025).

Conforme descrito na secção «Metodologia», os inquiridos da amostra online (CAWI) foram distribuídos aleatoriamente por um dos quatro grupos. O Grupo 1 recebeu um «nudge» combinado, tendo-lhe sido perguntado tanto sobre a reação emocional provocada pela manchete como sobre a credibilidade da mesma e a probabilidade de a verificarem; o Grupo 2 recebeu apenas o «nudge» emocional; o Grupo 3 recebeu apenas o «nudge» relativo à credibilidade e à verificação; e, por fim, o Grupo 4 atuou como grupo de controlo e passou diretamente à pergunta sobre a intenção de partilha, não tendo sido sujeito a qualquer tipo de «nudge». Cada inquirido foi exposto a oito manchetes, abrangendo quatro domínios científicos: clima, saúde e nutrição, vacinas e inteligência artificial. Para cada tema, os inquiridos viram uma manchete verdadeira e uma falsa, selecionadas entre duas variantes possíveis.

A tabela na página seguinte indica que os inquiridos foram, em geral, capazes de distinguir entre manchetes verdadeiras e falsas em termos de fiabilidade percebida, mas com exceções importantes. As manchetes verdadeiras tendem a obter pontuações de fiabilidade mais elevadas, particularmente as relacionadas com vacinas: a manchete sobre a vacina contra a gripe (4,71) e a manchete sobre a vacina contra o HPV (4,69) estão entre os itens que inspiram maior confiança. As manchetes verdadeiras relacionadas com o clima e a IA também recebem pontuações de fiabilidade moderadamente positivas, variando entre 3,89 e 4,32. No entanto, nem todas as afirmações verdadeiras são igualmente credíveis para os inquiridos. A manchete verdadeira que afirma que a homeopatia não funciona para além do efeito placebo recebe uma pontuação de fiabilidade mais baixa (3,44), sugerindo que a informação cientificamente precisa pode ainda enfrentar barreiras de credibilidade quando desafia crenças ou práticas familiares.

Fiabilidade percebida, intenção de verificação e emoções por manchete (estimativas ponderadas; escalas de 1 a 7), 2026

Real	Fiabilidade/Confiabilidad	% que verificaria	Desamparado	Ansioso	Otimista	Zangado	Culpado	Envergonhado	Deprimido	Pessimista	Indiferente	Empático
Clima												
As alterações climáticas estão associadas à gravidade dos incêndios florestais extremos que ocorreram em Portugal em 2025. (n=877)	4,32	60,3%	3,76	3,5	2,57	3,76	2,51	2,8	2,96	3,72	2,45	3,49
Os biocombustíveis não são 100% renováveis. (n=919)	4,13	63,3%	2,91	2,95	2,81	2,88	2,26	2,38	2,41	3,08	2,84	3,02
Saúde / Nutrição												
A utilização de protetor solar na vida quotidiana não causa deficiência de vitamina D. (n=897)	4,2	62,9%	2,5	2,53	3,53	2,34	2,05	2,11	2,1	2,34	2,92	3,14
A homeopatia não funciona (para além do efeito placebo). (n=898)	3,44	57,2%	2,43	2,46	2,73	2,62	2,07	2,13	2,23	2,55	3,18	2,8
Vacinas												
O vírus da gripe adapta-se e sofre alterações de estação para estação, pelo que é necessário vacinar-se todos os anos. (n=866)	4,71	55,7%	2,98	2,79	3,35	2,47	2,1	2,12	2,38	2,7	2,96	3,21
A vacina contra o papilomavírus humano é eficaz e segura. (n=930)	4,69	65,3%	2,23	2,58	4,79	2,13	1,95	2	2,02	2,14	2,44	3,71
IA												
As respostas de uma IA podem revelar um viés de bajulação (concordando com tudo o que dizemos). (n=881)	4,13	61,0%	3,16	3	2,72	3,07	2,29	2,42	2,41	3,25	2,98	2,9
Um modelo de IA é como um papagaio: consegue repetir conversas, mas não compreende o que está a dizer. (n=915)	3,89	59,3%	2,93	2,92	2,77	2,84	2,22	2,35	2,41	2,9	3,11	2,78

Falso	Fiabilidade/Confiabilidade	% que verificaria	Desamparado	Ansioso	Otimista	Irritado	Culpado	Envergonhado	Deprimido	Pessimista	Indiferente	Empático
Clima												
Alguns países pulverizam as nuvens antes de estas chegarem à península, para dispersar a chuva. (n=921)	2,89	60,8%	2,9	2,85	2,81	2,98	2,07	2,31	2,31	2,86	2,95	2,83
As recentes inundações são o resultado de um ataque meteorológico do HAARP. (n=874)	2,77	57,0%	3,32	3,3	2,47	3,73	2,12	2,69	2,87	3,46	2,97	2,87
Saúde / Nutrição												
Existem alimentos que ajudam a reduzir o cortisol e, consequentemente, contribuem para a perda de peso. (n=911)	4,04	70,4%	2,39	2,67	3,85	2,28	2,15	2,18	2,3	2,42	3,12	3,37
Foi identificada uma possível ligação entre o autismo e a utilização de paracetamol durante a gravidez. (n=884)	2,84	65,4%	2,59	2,65	2,58	3,31	2,02	2,42	2,4	2,96	2,73	2,83
Vacinas												
O mercúrio presente nas vacinas é prejudicial à saúde. (n=943)	3,37	70,2%	3,45	3,26	2,52	3,34	2,22	2,4	2,63	3,22	2,89	3,05
As vacinas contra a COVID-19 causam infertilidade e podem levar à impotência sexual masculina. (n=853)	2,96	66,7%	3,14	2,99	2,33	3,44	2,27	2,58	2,62	3,11	2,9	2,9
IA												
A IA pode proporcionar terapia a um nível comparável ao de qualquer psicólogo qualificado. (n=913)	3,03	55,1%	2,82	3,01	2,85	2,96	2,08	2,4	2,43	3,11	2,84	2,91
A IA atual foi concebida para exterminar a humanidade. (n=882)	3,27	63,1%	3,87	3,55	2,57	3,55	2,33	2,59	2,88	3,67	2,77	2,98

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) A escala de fiabilidade varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Nada fiável» e 7 a «Totalmente fiável»; b) A escala de emoção varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Nada» e 7 a «Muito».

As manchetes falsas recebem, em geral, pontuações de fiabilidade mais baixas, especialmente as alegações de conspiração climática sobre a pulverização de nuvens (2,89) e os ataques meteorológicos do HAARP (2,77), bem como a alegação falsa que associa o consumo de paracetamol durante a gravidez ao autismo (2,84). No entanto, algumas manchetes falsas são consideradas relativamente credíveis. O caso mais notável é a alegação falsa sobre saúde e nutrição de que certos alimentos ajudam a reduzir o cortisol e a perder peso, que obtém uma pontuação de fiabilidade de 4,04, mais próxima da de várias manchetes reais que foram apresentadas. Este é um aspeto particularmente relevante: a desinformação enquadrada em termos familiares de estilo de vida ou bem-estar pode ser mais credível do que alegações abertamente conspirativas. Da mesma forma, a alegação falsa de que o mercúrio nas vacinas é prejudicial à saúde obteve uma pontuação de 3,37, superior à de várias outras manchetes falsas, indicando que a desinformação relacionada com as vacinas pode manter um certo grau de plausibilidade.

No que diz respeito à probabilidade de verificar a fiabilidade das notícias, os inquiridos manifestam frequentemente uma disposição relativamente elevada para verificar tanto as notícias verdadeiras como as falsas. Em vários casos, as notícias falsas geram uma intenção de verificação mais elevada do que as verdadeiras. A notícia sobre o cortisol e a perda de peso (70,4 %) e a notícia sobre o mercúrio nas vacinas (70,2 %) estão entre os itens que os inquiridos verificariam com maior frequência. É de salientar que, no que diz respeito à amplitude das intenções, a vontade de verificar pode não ser simplesmente uma consequência da descrença. Pode também ser um reflexo de interesse, relevância percebida, incerteza, preocupação, ansiedade, etc.

As respostas emocionais também ajudam a compreender por que razão algumas manchetes podem ser mais partilhadas. As manchetes relacionadas com o clima, em particular as que dizem respeito a incêndios florestais e ataques HAARP, geram níveis mais elevados de impotência, ansiedade, raiva e pessimismo. A manchete falsa sobre a extinção causada pela IA também se destaca do ponto de vista emocional, com níveis elevados de impotência (3,87), ansiedade (3,55), raiva (3,55) e pessimismo (3,67). Em contrapartida, a manchete sobre a vacina contra o HPV suscita um otimismo relativamente elevado (4,79) e empatia (3,71), indicando que a informação científica positiva ou tranquilizadora também pode gerar envolvimento emocional. Em geral, o perfil emocional das manchetes não é secundário: parece estar intimamente ligado ao seu potencial de divulgação, especialmente quando as manchetes evocam preocupação, medo ou esperança.

No que diz respeito à partilha de conteúdos, e tendo em conta as tabelas da página seguinte, centradas na partilha com o círculo pessoal, verificamos que os inquiridos se mostram, em geral, mais dispostos a partilhar manchetes de forma privada ou interpessoal do que através das redes sociais e das plataformas de mensagens. Os índices de partilha no círculo pessoal são consistentemente mais elevados do que os observados para a partilha online, tanto para manchetes reais como falsas. Isto sugere que a comunicação interpessoal continua a ser um espaço relevante para a circulação de informação científica e desinformação, mesmo num ambiente mediático altamente digital. É igualmente importante sublinhar a relevância das estruturas de confiança no seio dos círculos sociais e o significado atribuído ao ato de partilhar informação relevante e fiável.

Os efeitos experimentais são visíveis na tabela abaixo. O grupo de controlo apresenta frequentemente a maior intenção de partilha, especialmente no caso de notícias verdadeiras. Por exemplo, no grupo de controlo, a intenção de partilhar a notícia sobre a vacina contra o HPV atinge 4,60, em comparação com 3,78 no grupo de «nudge» combinado e 3,68 no grupo de credibilidade/verificação. Da mesma forma, a notícia sobre a vacina contra a gripe atinge 4,37 no grupo de controlo, em comparação com 3,41 no grupo combinado e 3,80 no grupo

de credibilidade. Estas diferenças sugerem que estimular a reflexão antes da decisão de partilha pode reduzir a intenção de partilha, em comparação com a ausência de condicionamento.

No entanto, os efeitos não são idênticos entre os diferentes «nudges». O «nudge» emocional por si só (ser questionado sobre a reação emocional provocada pela manchete) produz frequentemente intenções de partilha relativamente elevadas, por vezes próximas das do grupo de controlo. Em várias manchetes, o Grupo 2 apresenta pontuações de partilha mais elevadas do que os Grupos 1 e 3. Isto é visível tanto para conteúdos reais como para conteúdos falsos. Por exemplo, a manchete falsa sobre o HAARP atinge 3,35 no grupo do incentivo emocional, em comparação com 2,76 no grupo do incentivo combinado e 2,78 no grupo da credibilidade/verificação. A manchete falsa sobre a extinção causada pela IA também atinge 3,76 no grupo emocional, em comparação com 3,20 no grupo combinado e 3,15 no grupo de credibilidade. Em alguns casos, a saliência emocional pode manter ou aumentar a vontade de partilhar, e pedir aos inquiridos que reflitam sobre a sua reação emocional não suprime necessariamente essa vontade.

Em contrapartida, o «nudge» de credibilidade e verificação parece estar associado de forma mais consistente a intenções de partilha mais baixas. O Grupo 3 apresenta frequentemente algumas das pontuações mais baixas, especialmente no que diz respeito a manchetes falsas e conteúdos com forte carga emocional, o que significa que solicitar aos inquiridos que avaliem se uma manchete é fiável e se a verificariam pode ativar um processo de decisão mais cauteloso. O incentivo combinado também tende a reduzir a partilha em comparação com o grupo de controlo, embora os seus efeitos nem sempre sejam mais fortes do que o incentivo de credibilidade por si só. Adicionar a reflexão emocional à reflexão sobre a credibilidade não melhora necessariamente a intervenção; o componente mais eficaz pode ser o próprio incentivo de credibilidade/verificação.

Intenção de partilha por grupo experimental e manchete (com pessoas do círculo pessoal (família, amigos, colegas); ponderada; escala de 1 a 7), 2026

	Grupo 1 (a)		Grupo 2 (b)		Grupo 3 (c)		Grupo 4 (d)	
Real	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*
Clima								
As alterações climáticas estão associadas à gravidade dos incêndios florestais extremos que ocorreram em Portugal em 2025. (n=877)	3,62a,b	0,15	3,84a,b	0,15	3,39a	0,13	3,90b	0,14
Os biocombustíveis não são 100% renováveis. (n=919)	3,06a	0,14	3,68b	0,13	3,10a	0,13	3,68b	0,12
Saúde / Nutrição								
A utilização de protetor solar na vida quotidiana não causa deficiência de vitamina D. (n=897)	3,64a	0,15	3,84a	0,14	3,69a	0,14	4,14a	0,13
A homeopatia não funciona (para além do efeito placebo). (n=898)	2,63a,b	0,14	2,96a,b	0,13	2,61a	0,12	3,08b	0,12
Vacinas								
O vírus da gripe adapta-se e sofre alterações de estação para estação, pelo que é necessário vacinar-se todos os anos. (n=866)	3,41a	0,15	3,94a,b	0,14	3,80a	0,14	4,37b	0,13
A vacina contra o papilomavírus humano é eficaz e segura. (n=930)	3,78a	0,14	4,50b	0,14	3,68a	0,14	4,60b	0,13
IA								
As respostas de uma IA podem revelar um viés de bajulação (concordando com tudo o que dizemos). (n=881)	3,24a,b	0,14	3,73a,c	0,14	3,02b	0,14	3,83c	0,13
Um modelo de IA é como um papagaio: consegue repetir conversas, mas não compreende o que está a dizer. (n=915)	2,95a	0,14	3,25a,b	0,14	3,04a	0,13	3,60b	0,12
Falso	**Grupo 1 (a)**		**Grupo 2 (b)**		**Grupo 3 I**		**Grupo 4 (d)**	
Clima	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*
Alguns países pulverizam as nuvens antes de estas atingirem a península, a fim de dispersar a chuva. (n=921)	3,00a,c,d	0,14	3,43a,b	0,13	2,61c	0,13	3,14b,d	0,13
As recentes inundações são o resultado de um ataque meteorológico do HAARP. (n=874)	2,76a	0,14	3,35b	0,15	2,78a	0,14	2,95a,b	0,14
Saúde / Nutrição								
Existem alimentos que ajudam a reduzir o cortisol e, consequentemente, contribuem para a perda de peso. (n=911)	3,33a	0,14	3,68a,b	0,14	3,35a	0,13	4,09b	0,13
Foi identificada uma possível associação entre o autismo e o consumo de paracetamol durante a gravidez. (n=884)	2,73a	0,15	3,34b	0,15	2,93a,b	0,13	3,28b	0,14
Vacinas								
O mercúrio presente nas vacinas é prejudicial à saúde. (n=943)	3,21a,b	0,15	3,67a	0,15	3,09b	0,13	3,38a,b	0,13
As vacinas contra a COVID-19 causam infertilidade e podem conduzir à impotência sexual masculina. (n=853)	2,96a	0,15	3,54b	0,15	2,89a	0,15	3,21a,b	0,14
IA								
A IA pode proporcionar uma terapia comparável à de qualquer psicólogo qualificado. (n=913)	2,79a	0,13	3,20a	0,14	2,83a	0,13	3,01a	0,13
A IA atual foi concebida para exterminar a humanidade. (n=882)	3,20a	0,15	3,76b	0,14	3,15a	0,14	3,34a,b	0,14

Nota: Os valores na mesma linha e subtabela que não partilham o mesmo índice diferem significativamente a p < 0,05 no teste em duas etapas para a igualdade das médias das colunas. As células sem índice não são incluídas no teste. Os testes pressupõem variâncias iguais.2,3

1 Esta categoria não é utilizada nas comparações, uma vez que não existe outra categoria válida para comparação

2 Os testes são ajustados para todas as comparações em pares dentro de uma linha de cada subtabela mais interna, utilizando a correção de Bonferroni.

3 As contagens das células em algumas sub-tabelas não são números inteiros. Foram arredondadas para os números inteiros mais próximos antes da realização das comparações em pares.

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) A escala de partilha varia entre 1 e 7, em que 1 = «Não partilharia de todo» e 7 = «Partilharia com certeza».

No que diz respeito à intenção de partilhar manchetes online, nas redes sociais e em plataformas de mensagens, observam-se as mesmas tendências, mas a níveis globais mais baixos. Em todas as manchetes, os inquiridos manifestam uma menor disposição para partilhar online do que com o seu círculo pessoal, o que pode refletir uma maior cautela em relação à partilha pública ou semipública, preocupação com a reputação ou uma distinção entre discutir informações em privado e divulgá-las ativamente através de redes digitais. Analisando os hábitos habituais de participação dos utilizadores de notícias portugueses, verifica-se um padrão claro de partilha e discussão de notícias e questões relacionadas com as notícias junto dos círculos pessoais, enquanto a interação com conteúdos online tende a ser mais moderada e passiva (Cardoso et al., 2025).

Mais uma vez, o grupo de controlo tende a apresentar as intenções de partilha mais elevadas. No caso das manchetes reais, a diferença é frequentemente substancial: a manchete sobre a vacina contra o HPV atinge 3,93 no grupo de controlo, em comparação com 3,10 no Grupo 1 e 3,07 no Grupo 3; a manchete sobre a vacina contra a gripe atinge 3,61 no grupo de controlo, em comparação com 2,63 e 2,88 nos Grupos 1 e 3. Padrões semelhantes verificam-se nas notícias sobre IA e alterações climáticas, reforçando a conclusão de que a ausência de um estímulo à reflexão está associada a uma maior disposição para partilhar.

No que diz respeito às notícias falsas, o padrão é mais variado, mas continua a ser interessante de analisar. A notícia falsa sobre o cortisol é, mais uma vez, uma das notícias falsas mais partilhadas, atingindo 3,23 no grupo de controlo e 3,00 no grupo com estímulo emocional. Isto está em consonância com a sua fiabilidade percebida relativamente elevada. As notícias falsas sobre o HAARP e a infertilidade causada pela vacina apresentam, em geral, uma menor propensão para partilha, mas o estímulo emocional tende, mais uma vez, a gerar intenções de partilha mais elevadas do que o estímulo à credibilidade/verificação. Por exemplo, a notícia sobre o HAARP regista um valor de 3,03 no Grupo 2, em comparação com 2,12 no Grupo 1 e 2,44 no Grupo 3. A manchete sobre a infertilidade associada à COVID-19 obteve uma pontuação de 2,87 no Grupo 2, em comparação com 2,35 e 2,44 nos Grupos 1 e 3. Verifica-se que a reflexão emocional, por si só, pode não ser suficiente para proteger contra a partilha de desinformação e pode, em alguns casos, sustentar o apelo comunicativo de conteúdos falsos.

A análise das anotações estatísticas nas tabelas reforça ainda mais a interpretação de que muitas destas diferenças são significativas. Em várias linhas, o grupo de controlo e/ou o grupo com «nudge» emocional diferem significativamente dos grupos de credibilidade ou de «nudge» combinado. No entanto, o efeito não é universal em todas as manchetes. Alguns itens, especialmente aqueles com menor intensidade emocional ou menor capacidade de partilha inicial, apresentam diferenças mais fracas ou não significativas. A eficácia dos estímulos parece, portanto, depender do conteúdo do título, do seu tema, da sua credibilidade percebida, bem como do canal de partilha.

Intenção de partilha por grupo experimental e título (redes sociais e mensagens; ponderada; escala de 1 a 7), 2026

	Grupo 1 (a)		Grupo 2 (b)		Grupo 3 I		Grupo 4 (d)	
Real	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*
Clima								
As alterações climáticas estão associadas à gravidade dos incêndios florestais extremos que ocorreram em Portugal em 2025. (n=877)	2,91a	0,1	3,18a,b	0,14	2,90a	0,13	3,47b	0,14
Os biocombustíveis não são 100% renováveis. (n=919)	2,47a	0,13	3,10b	0,13	2,52a	0,12	3,20b	0,12
Saúde / Nutrição								
A utilização de protetor solar na vida quotidiana não causa deficiência de vitamina D. (n=897)	2,58a	0,13	2,94a	0,13	3,03a,b	0,13	3,50b	0,13
A homeopatia não funciona (para além do efeito placebo). (n=898)	2,30a,b	0,12	2,40a,b	0,12	2,19a	0,11	2,63b	0,12
Vacinas								
O vírus da gripe adapta-se e sofre alterações de estação para estação, pelo que é necessário vacinar-se todos os anos. (n=866)	2,63a	0,14	3,11a,b	0,14	2,88a	0,13	3,61b	0,14
A vacina contra o papilomavírus humano é eficaz e segura. (n=930)	3,10a	0,14	3,64b	0,14	3,07a	0,14	3,93b	0,14
IA								
As respostas de uma IA podem revelar um viés de bajulação (concordando com tudo o que dizemos). (n=881)	2,60a,b	0,13	2,99a,c	0,13	2,37b	0,12	3,26c	0,13
Um modelo de IA é como um papagaio: consegue repetir conversas, mas não compreende o que está a dizer. (n=915)	2,38a	0,13	2,76a,b	0,13	2,64a	0,12	3,09b	0,12
Falso	**Grupo 1 (a)**		**Grupo 2 (b)**		**Grupo 3 I**		**Grupo 4 (d)**	
Clima	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*	*Média*	*σ*
Alguns países pulverizam as nuvens antes de estas atingirem a península, a fim de dispersar a chuva. (n=921)	2,37a,b	0,12	2,82a	0,13	2,22b	0,11	2,65a,b	0,13
As recentes inundações são o resultado de um ataque meteorológico do HAARP. (n=874)	2,12a	0,12	3,03b	0,15	2,44a,c	0,13	2,66b,c	0,13
Saúde / Nutrição								
Existem alimentos que ajudam a reduzir o cortisol e, consequentemente, contribuem para a perda de peso. (n=911)	2,76a,b	0,14	3,00a,b	0,13	2,69a	0,12	3,23b	0,13
Foi identificada uma possível ligação entre o autismo e o consumo de paracetamol durante a gravidez. (n=884)	2,17a	0,13	2,80b	0,14	2,47a,b	0,12	2,77b	0,13
Vacinas								
O mercúrio presente nas vacinas é prejudicial à saúde. (n=943)	2,52a,b	0,14	2,97a	0,14	2,47b	0,12	2,84a,b	0,12
As vacinas contra a COVID-19 causam infertilidade e podem conduzir à impotência sexual masculina. (n=853)	2,35a	0,13	2,87b	0,14	2,44a,b	0,14	2,78a,b	0,13
IA								
A IA pode proporcionar uma terapia comparável à de qualquer psicólogo qualificado. (n=913)	2,38a	0,13	2,58a	0,13	2,53a	0,12	2,68a	0,12
A IA atual foi concebida para exterminar a humanidade. (n=882)	2,60a,b	0,14	3,00a	0,14	2,43b	0,12	2,77a,b	0,14

Nota: Os valores na mesma linha e subtabela que não partilham o mesmo índice diferem significativamente a $p < 0,05$ no teste em duas etapas para a igualdade das médias das colunas. As células sem índice não são incluídas no teste. Os testes pressupõem variâncias iguais.2,3

1 Esta categoria não é utilizada nas comparações, uma vez que não existe outra categoria válida para comparação

2 Os testes são ajustados para todas as comparações em pares dentro de uma linha de cada subtabela mais interna, utilizando a correção de Bonferroni.

3 As contagens das células em algumas sub-tabelas não são números inteiros. Foram arredondadas para os números inteiros mais próximos antes de se realizarem as comparações em pares.

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) A escala de partilha varia entre 1 e 7, em que 1 = «Não partilharia de todo» e 7 = «Partilharia com certeza».

Refletindo sobre os resultados da experiência, constatamos que, em primeiro lugar, os inquiridos distinguem, em certa medida, entre títulos reais e falsos, mas não de forma consistente. Alguns títulos falsos, especialmente aqueles centrados no bem-estar, na otimização da saúde ou nos riscos das vacinas, alcançam uma fiabilidade percebida relativamente elevada. Isto indica que a desinformação não precisa de ser abertamente conspiratória para ser persuasiva ou cativante. Afirmações mais plausíveis e orientadas para o estilo de vida podem revelar-se especialmente problemáticas.

Em segundo lugar, a intenção de verificar a informação é elevada, mesmo no caso de manchetes falsas. Apesar dos resultados positivos, esta dinâmica deve ser interpretada com cautela, uma vez que a intenção de verificação pode refletir incerteza ou preocupação, mas não significa necessariamente que os inquiridos iriam efetuar a verificação de forma eficaz ou recorrer a fontes de elevada qualidade.

Em terceiro lugar, a intenção de partilha é consistentemente mais elevada nos círculos pessoais do que através das redes sociais ou plataformas de mensagens. Isto destaca a importância da comunicação interpessoal como via de circulação tanto de informação científica como de desinformação e está em consonância com conclusões consistentes ao longo dos anos (Newman et al., 2025; Cardoso et al., 2025).

Por fim, as intervenções experimentais apresentam diferentes níveis de impacto. O «nudge» de credibilidade e verificação está mais consistentemente associado a uma redução da intenção de partilha, especialmente quando comparado com o grupo de controlo. O «nudge» combinado também tende a reduzir a partilha, mas nem sempre mais do que o «nudge» de credibilidade por si só. Em contrapartida, o «nudge» emocional por si só parece menos eficaz e pode, por vezes, estar associado a intenções de partilha mais elevadas. Isto significa que a reflexão emocional, a menos que acompanhada de uma avaliação da credibilidade, pode aumentar a saliência do conteúdo em vez de reduzir a sua circulação.

Em termos gerais, a experiência sugere que os incentivos orientados para a exatidão podem reduzir a propensão para partilhar notícias científicas, incluindo as falsas. No entanto, o efeito não é uniforme e depende do tipo de conteúdo, do tema e do contexto de partilha. Isto significa que há mérito nas intervenções que incentivam a verificação e a avaliação da credibilidade no momento da partilha, embora se deva também ter em conta que os estímulos baseados na emoção, por si só, podem ser insuficientes para reduzir a propagação de desinformação relacionada com a ciência.

6. Fatores associados à credibilidade percebida e à suscetibilidade à desinformação

6.1. Crença em teorias da conspiração relativas a temas científicos

P7. [Aderência a teorias da conspiração sobre temas científicos] Gostaria agora que indicasse se concorda ou discorda das seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente», 2026 (% e médias)

	%				
	Existe uma cura para o cancro, mas está a ser ocultada do público por interesses comerciais.	Os vírus foram produzidos em laboratórios governamentais para controlar a nossa liberdade.	O governo tenta ocultar a relação entre as vacinas e o autismo.	As empresas farmacêuticas ocultam os perigos das vacinas.	Através do seu conhecimento, os cientistas detêm um poder que os torna perigosos.
1- Discordo totalmente	16,4%	19,5%	23,0%	11,3%	15,2%
2	9,4%	12,6%	12,3%	9,6%	10,6%
3	10,4%	13,2%	12,1%	12,3%	12,9%
4 - Nem concordo nem discordo	18,5%	18,2%	22,3%	20,3%	22,8%
5	14,5%	14,6%	11,5%	16,5%	16,6%
6	9,8%	7,4%	5,5%	11,4%	9,4%
7 - Concordo plenamente	17,4%	11,2%	8,8%	17,1%	11,9%
Não sei	2,1%	2,6%	3,9%	1,1%	0,5%
Prefiro não responder	1,4%	0,7%	0,6%	0,4%	0,0%
			Médias		
Média	4,08	3,65	3,41	4,26	3,92

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

No que diz respeito à adesão a teorias da conspiração, os resultados indicam um nível global moderado de concordância com afirmações de caráter conspiratório relacionadas com temas científicos, com valores médios geralmente concentrados em torno do ponto médio da escala. Entre as afirmações, a crença de que «as empresas farmacêuticas ocultam os perigos das vacinas» regista o nível mais elevado de concordância (4,26), seguida da ideia de que «existe uma cura para o cancro, mas está a ser ocultada» (4,08). Em contrapartida, alegações mais específicas e amplamente desmentidas, tais como a suposta ligação entre vacinas e autismo, apresentam níveis mais baixos de concordância (3,41), sugerindo uma certa diferenciação na plausibilidade atribuída a diferentes tipos de desinformação. A distribuição das respostas reforça ainda mais este padrão: embora uma proporção não negligenciável de inquiridos manifeste concordância (valores 5–7), uma parte substancial permanece concentrada em torno do ponto médio (18–23% a selecionar «nem concordo nem discordo»), indicando ambivalência, incerteza ou neutralidade face à alegação.

As diferenças de género (tabela na página seguinte) são relativamente limitadas, mas consistentes. As mulheres tendem a manifestar níveis ligeiramente mais elevados de concordância com a maioria das afirmações conspirativas, particularmente as relacionadas com curas ocultas (4,22 contra 3,94 entre os homens) e a desconfiança nas empresas farmacêuticas (4,28 contra 4,23). As diferenças são menores no que diz respeito a alegações mais específicas, tais como as vacinas e o autismo, em que ambos os grupos apresentam

um nível de concordância comparativamente mais baixo. De um modo geral, o género não parece ser um fator estruturante importante, embora sugira uma receptividade marginalmente superior entre as mulheres a certas narrativas de ocultação institucional.

P7. [Aderência a teorias da conspiração sobre temas científicos] Gostaria agora que indicasse se concorda ou discorda das seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente», por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	Existe uma cura para o cancro, mas está a ser ocultada do público por interesses comerciais.	Os vírus foram produzidos em laboratórios governamentais para controlar a nossa liberdade.	O governo tenta ocultar a relação entre as vacinas e o autismo.	As empresas farmacêuticas ocultam os perigos das vacinas.	Através do seu conhecimento, os cientistas detêm um poder que os torna perigosos.
Todos	4,08	3,65	3,41	4,26	3,92
Masculino	3,94	3,67	3,42	4,23	3,88
Mulher	4,22	3,62	3,38	4,28	3,95
17-24	4,08	3,79	3,39	3,9	4,08
25-34	4,13	3,98	3,49	4,11	4,14
35-44	4,1	3,68	3,45	4,24	3,99
45-54	4,23	3,83	3,54	4,53	4,09
55-64	4,07	3,47	3,35	4,29	3,89
65+	3,75	3,02	3,01	4,07	3,25
Baixo nível de escolaridade	4,25	3,81	3,73	4,47	4,06
Ensino médio	4,34	3,91	3,56	4,51	4,16
Ensino superior	3,65	3,22	2,95	3,77	3,51
1 - Extrema-esquerda	3,24	2,64	2,8	3,42	3,33
2	3,83	3,29	2,73	4,04	3,58
3	3,58	3,02	2,79	3,69	3,44
4 - Centro	4,2	3,76	3,5	4,35	4,01
5	3,91	3,55	3,26	4,15	3,83
6	4,8	4,44	4,08	5,12	4,34
7 - Extrema-direita	5,33	5,02	4,94	5,37	5,31

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 7, em que 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

As diferenças etárias revelam uma variação mais substancial. Os grupos de meia-idade (em particular os de 45–54 anos) tendem a apresentar os níveis mais elevados de concordância em várias afirmações, nomeadamente no que diz respeito às empresas farmacêuticas (4,53) e às curas ocultas (4,23). Em contrapartida, os inquiridos mais idosos (65+) apresentam consistentemente níveis mais baixos de concordância, especialmente no que se refere a alegações sobre vírus produzidos em laboratório (3,02) e sobre vacinas e autismo (3,01). Os grupos mais jovens (17–34) ocupam uma posição intermédia, mas demonstram um nível de concordância relativamente mais elevado com narrativas relacionadas com o poder e o controlo científicos (por exemplo, 4,08 entre os 17–24 anos relativamente à afirmação sobre o poder dos cientistas).

O nível de escolaridade surge como um dos fatores diferenciadores mais significativos. Os inquiridos com níveis de escolaridade mais baixos e médios manifestam consistentemente um maior grau de concordância com todas as afirmações conspirativas, com valores particularmente elevados no que diz respeito às crenças sobre curas ocultas (4,25 e 4,34) e à ocultação por parte da indústria farmacêutica (4,47 e 4,51). Em contrapartida, os indivíduos com ensino superior demonstram um nível de concordância sistematicamente mais baixo, especialmente no que diz respeito às vacinas e ao autismo (2,95) e aos vírus produzidos em laboratório (3,22). Este gradiente destaca o papel da educação na formação de uma avaliação crítica e na resistência à desinformação, o que também se verifica noutras fontes, a par de uma maior preocupação com o fenómeno (Cardoso et al., 2025; Newman et al., 2025).

A orientação política revela as diferenças mais substanciais. É evidente um claro gradiente ideológico, com a concordância a aumentar significativamente da esquerda para a direita. Os inquiridos da extrema-esquerda apresentam os níveis mais baixos de concordância em todas as afirmações (por exemplo, 3,24 para as curas ocultas, 2,64 para os vírus produzidos em laboratório), enquanto os da extrema-direita apresentam valores marcadamente mais elevados, atingindo os níveis mais altos observados no conjunto de dados (por exemplo, 5,33 para as curas ocultas, 5,02 para os vírus produzidos em laboratório, 5,37 para a ocultação farmacêutica, 5,31 para a desconfiança nos cientistas). Este padrão indica uma forte associação entre o posicionamento político de direita e uma maior adesão a narrativas de conspiração relacionadas com a ciência, uma tendência que tem sido amplamente mapeada em todo o mundo em estudos comparativos (van Prooijen et al., 2015; Rutjens et al., 2018; Hornsey et al., 2018),

Os resultados sugerem que, embora as crenças conspirativas sobre temas científicos estejam presentes na população a níveis moderados, estas encontram-se distribuídas de forma desigual, sendo a educação e a orientação política os fatores explicativos mais significativos, com variações mais matizadas em função da idade e do género.

6.2. Literacia científica

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, 2026 (%)

	%
Perguntar aos doentes como se sentem para verificar se notam quaisquer efeitos	9,2%
Examinar o efeito de cada componente do medicamento separadamente	17,1%
Administrar o medicamento a alguns doentes, mas não a outros, e comparar o que acontece aos dois grupos	48,0%
Basear-se exclusivamente no conhecimento médico para determinar a eficácia do medicamento	12,2%
Não sei	13,2%
Prefiro não responder	0,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

No que diz respeito aos aspetos da literacia científica, a maioria dos inquiridos identifica corretamente o desenho experimental que envolve uma comparação entre grupos tratados e não tratados como o método mais científico para determinar a eficácia de um medicamento, opção selecionada por 48,0% da amostra. Isto sugere um nível moderado de compreensão dos princípios fundamentais da metodologia científica, em particular a importância da comparação controlada.

No entanto, uma proporção substancial dos inquiridos opta por alternativas menos rigorosas, tais como examinar cada componente separadamente (17,1%) ou basear-se nas perceções subjetivas dos doentes (9,2%), enquanto 12,2% preferem basear-se apenas no conhecimento médico existente. Além disso, 13,2% afirmam não saber, o que indica incerteza quanto à conceção básica da investigação.

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, Por género, 2026 (%)

	Masculino	Feminino
Pergunte aos doentes como se sentem para verificar se notam quaisquer efeitos	10,9%	7,6%
Analise o efeito de cada componente do medicamento separadamente	16,9%	17,4%
Administrar o medicamento a alguns doentes, mas não a outros, e comparar o que acontece aos dois grupos	45,7%	50,3%
Basear-se exclusivamente no conhecimento médico para determinar a eficácia do medicamento	15,7%	9,0%
Não sei	10,6%	15,3%
Prefiro não responder	0,3%	0,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças entre os sexos são relativamente limitadas, mas consistentes. As mulheres tendem a identificar com maior frequência a abordagem experimental correta (50,3% contra 45,7% entre os homens), o que sugere níveis ligeiramente mais elevados de literacia científica nesta dimensão. Os homens, por sua vez, mostram-se mais inclinados a confiar exclusivamente na autoridade médica (15,7% contra 9,0%) e menos propensos a selecionar a opção «não sei», o que indica maior confiança (mas não necessariamente maior precisão).

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, Por idade, 2026 (%)

	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
Pergunte aos doentes como se sentem para verificar se notam quaisquer efeitos	11,3%	10,8%	8,7%	6,2%	7,7%	13,4%
Analise o efeito de cada componente do medicamento separadamente	14,7%	22,3%	18,0%	16,0%	16,4%	14,6%
Administrar o medicamento a alguns doentes, mas não a outros, e comparar o que acontece aos dois grupos	46,7%	44,6%	50,2%	52,5%	48,8%	41,7%
Baseiam-se exclusivamente no conhecimento médico para determinar a eficácia do medicamento	16,0%	9,0%	10,3%	11,1%	12,9%	16,9%
Não sei	11,3%	13,3%	12,9%	14,2%	13,7%	11,8%
Prefiro não responder	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	1,6%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças etárias revelam um padrão relativamente estável entre as diferentes faixas etárias, sendo a resposta correta a opção mais selecionada em todos os grupos. No entanto, os inquiridos de meia-idade (35–54) apresentam os níveis mais elevados de identificação correta (50,2% e 52,5%, respetivamente), enquanto tanto os inquiridos mais jovens (17–24 – 46,7%) como os mais idosos (65+ – 41,7%) apresentam níveis ligeiramente inferiores.

Os inquiridos mais idosos também tendem mais a basear-se exclusivamente na autoridade médica (16,9 %) e a escolher opções menos rigorosas, o que sugere um certo declínio na familiaridade com a lógica experimental. Os inquiridos mais jovens, embora relativamente precisos, apresentam níveis ligeiramente mais elevados de incerteza em comparação com os grupos de meia-idade e têm níveis de confiança na autoridade médica comparáveis aos dos maiores de 65 anos (16 %).

O nível de escolaridade (tabela na página seguinte) surge como o fator diferenciador mais significativo. A proporção de inquiridos que selecionam o desenho experimental correto aumenta acentuadamente com o nível de escolaridade, passando de 36,2% entre os que possuem um nível de escolaridade baixo para 61,4% entre os indivíduos com um nível de escolaridade elevado. Por outro lado, a confiança em abordagens menos científicas, tais como relatos subjetivos dos doentes (13,3% vs. 6,1%) ou na autoridade médica (15,8% vs. 10,6%), bem como as manifestações de incerteza (16,1% vs. 8,6%), diminuem substancialmente com o aumento do nível de escolaridade. Este gradiente destaca o papel da educação formal na promoção da compreensão do raciocínio científico.

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, Por nível de escolaridade, 2026 (%)

	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Nível de escolaridade elevado
Perguntar aos doentes como se sentem para verificar se notam quaisquer efeitos	13,3%	8,6%	6,1%
Analise o efeito de cada componente do medicamento separadamente	18,6%	20,0%	12,3%
Administrar o medicamento a alguns doentes, mas não a outros, e comparar o que acontece aos dois grupos	36,2%	45,9%	61,4%
Basear-se exclusivamente no conhecimento médico para determinar a eficácia do medicamento	15,8%	10,7%	10,6%
Não sei	16,1%	14,8%	8,6%
Prefiro não responder	0,0%	0,0%	1,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

P8. [Literacia científica] Imagine que alguns cientistas estão a estudar a eficácia de um medicamento para a hipertensão arterial. Vou apresentar-lhe quatro opções para a realização deste estudo. Qual destas opções seria a forma mais científica de determinar a eficácia do medicamento?, por orientação política, 2026 (%)

	1 - Extrema-esquerda	2	3	4 - Centro	5	6	7 - Extrema-direita
Pergunte aos doentes como se sentem para verificar se notam quaisquer efeitos	12,1%	10,8%	8,9%	9,2%	9,1%	7,4%	16,7%
Analise o efeito de cada componente do medicamento separadamente	12,1%	15,7%	14,9%	17,6%	17,5%	16,9%	19,4%
Administrar o medicamento a alguns doentes, mas não a outros, e comparar o que acontece aos dois grupos	27,3%	50,6%	51,6%	47,8%	48,6%	48,6%	40,3%
Baseia-se exclusivamente no conhecimento médico para determinar a eficácia do medicamento	27,3%	7,2%	11,1%	12,0%	13,8%	14,2%	11,1%
Não sei	21,2%	15,7%	13,0%	13,5%	9,6%	12,8%	12,5%
Prefiro não responder	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

A orientação política (apresentada na página anterior) revela variações mais matizadas. Embora o desenho experimental continue a ser a opção mais selecionada em todo o espectro, a sua prevalência é menor nos extremos, particularmente entre os inquiridos da extrema-esquerda (27,3%) e ligeiramente reduzida na extrema-direita (40,3%), em comparação com valores mais elevados entre as posições moderadas (cerca de 48–51%). Os inquiridos da extrema-esquerda demonstram uma confiança relativamente elevada tanto na autoridade médica (27,3 %) como na incerteza (21,2 %), enquanto os da extrema-direita revelam uma maior preferência por opções menos rigorosas, tais como relatos subjetivos dos doentes (16,7 %). Estes padrões sugerem que os desvios em relação ao raciocínio mais científico são mais pronunciados nos extremos ideológicos, embora de formas diferentes.

6.3. Literacia mediática

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, 2026

	Verdadeiro	Falso	Não sei	Prefiro não responder
A RTP depende da publicidade como principal fonte de financiamento.	38,0%	36,3%*	25,5%	0,1%
As notícias e os conteúdos que uma pessoa vê no Instagram ou no Facebook são selecionados aleatoriamente.	17,5%	57,0%*	25,3%	0,2%
A maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada.	67,5%*	9,2%	23,2%	0,1%
Os algoritmos das redes sociais são concebidos principalmente para nos mostrar publicações sobre os temas que mais nos interessam.	62,1%*	15,0%	22,8%	0,1%
Num jornal digital, qualquer texto que inclua o nome do autor é um artigo de opinião.	38,4%	24,5%*	37,0%	0,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: (*) Resposta correta.

Para avaliar os níveis de literacia mediática, foram colocadas aos inquiridos cinco perguntas no formato «verdadeiro ou falso», o que significa que havia uma resposta correta. O objetivo é avaliar o conhecimento que os inquiridos têm sobre as características estruturais do ecossistema mediático português: o facto de a RTP, serviço público de comunicação social (PSM) de Portugal, não depender da publicidade para o seu funcionamento; de as notícias nas redes sociais serem selecionadas; de a maioria das empresas de comunicação social ser de propriedade privada; de os algoritmos personalizarem os feeds; e de nem todos os textos num site de notícias que tenham uma assinatura serem artigos de opinião.

Os resultados revelam níveis desiguais de literacia mediática nas diferentes dimensões do conhecimento sobre o ecossistema mediático. Enquanto algumas afirmações são corretamente identificadas pela maioria dos inquiridos, outras revelam níveis substanciais de incompreensão e incerteza. Os níveis mais elevados de respostas corretas observam-se na afirmação de que a maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada (67,5 %) e de que os algoritmos das redes sociais são concebidos para mostrar aos utilizadores conteúdos alinhados com os seus interesses (62,1 %).

Da mesma forma, a maioria rejeita corretamente a ideia de que o conteúdo em plataformas como o Instagram ou o Facebook é selecionado aleatoriamente (57,0%). No entanto, o conhecimento é consideravelmente mais fraco em relação a outros itens: apenas 36,3% identificam corretamente que a RTP não depende principalmente da publicidade, e apenas 24,5% rejeitam corretamente a afirmação de que qualquer texto com assinatura num jornal digital é um artigo de opinião. Notavelmente, os níveis de incerteza permanecem elevados em vários itens, com as respostas «não sei» a atingirem cerca de um quarto ou mais dos inquiridos em vários casos (37,0% na questão da assinatura em textos noticiosos).

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por género, 2026

	Todos	Homens	Mulheres
A RTP depende da publicidade como principal fonte de financiamento.			
Verdadeiro	38,0%	35,9%	40,3%
Falso	36,3%*	45,7%	27,6%
Não sei	25,5%	18,3%	32,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%
As notícias e os conteúdos que uma pessoa vê no Instagram ou no Facebook são selecionados aleatoriamente.			
Verdadeiro	17,5%	18,4%	16,4%
Falso	57,0%*	59,4%	55,1%
Não sei	25,3%	21,9%	28,5%
Prefiro não responder	0,2%	0,3%	0,1%
A maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada.			
Verdade	67,5%*	73,2%	62,4%
Falso	9,2%	11,6%	6,9%
Não sei	23,2%	15,1%	30,6%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%
Os algoritmos das redes sociais são concebidos principalmente para nos mostrar publicações sobre os temas que mais nos interessam.			
Verdadeiro	62,1%*	61,3%	63,4%
Falso	15,0%	19,9%	10,2%
Não sei	22,8%	18,6%	26,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%
Num jornal digital, qualquer texto que inclua o nome do autor é um artigo de opinião.			
Verdadeiro	38,4%	43,4%	34,0%
Falso	24,5%*	26,7%	22,2%
Não sei	37,0%	29,8%	43,6%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,2%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: (*) Resposta correta.

As diferenças entre os sexos são moderadas, mas revelam alguns contrastes relevantes. Os homens tendem a dar mais respostas corretas em determinados itens, nomeadamente no que diz respeito ao modelo de financiamento da RTP (45,7% de respostas corretas contra 27,6% entre as mulheres) e à estrutura de propriedade das empresas de comunicação social (73,2% contra 62,4%).

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por idade, 2026

	Todos	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
A RTP depende da publicidade como principal fonte de financiamento.							
Verdadeiro	38,0%	42,1%	34,4%	35,0%	39,1%	45,6%	31,1%
Falso	36,3%*	32,2%	30,7%	37,9%	39,2%	38,2%	35,2%
Não sei	25,5%	25,0%	34,7%	27,0%	21,7%	16,2%	33,7%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
As notícias e os conteúdos que uma pessoa vê no Instagram ou no Facebook são selecionados aleatoriamente.							
Verdadeiro	17,5%	18,7%	18,9%	19,0%	18,5%	17,7%	12,3%
Falso	57,0%*	60,0%	62,2%	60,6%	62,3%	57,9%	36,4%
Não sei	25,3%	20,7%	18,6%	20,3%	19,2%	24,4%	50,6%
Prefiro não responder	0,2%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%
A maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada.							
Verdadeiro	67,5%*	52,0%	59,0%	68,2%	74,5%	77,8%	58,5%
Falso	9,2%	19,3%	13,7%	11,6%	5,1%	6,5%	7,3%
Não sei	23,2%	28,0%	27,0%	20,3%	20,4%	15,7%	34,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Os algoritmos das redes sociais são concebidos principalmente para nos mostrar publicações sobre os temas que mais nos interessam.							
Verdadeiro	62,1%*	63,3%	64,7%	71,1%	67,4%	65,7%	36,7%
Falso	15,0%	18,0%	16,1%	14,1%	15,8%	14,2%	13,3%
Não sei	22,8%	18,0%	18,9%	14,8%	16,8%	20,1%	50,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Num jornal digital, qualquer texto que inclua o nome do autor é um artigo de opinião.							
Verdadeiro	38,4%	28,7%	27,0%	34,7%	36,3%	49,4%	47,5%
Falso	24,5%*	42,0%	33,2%	28,0%	24,7%	19,5%	10,1%
Não sei	37,0%	28,7%	39,4%	37,3%	38,8%	31,2%	42,4%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,3%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: (*) Resposta correta.

As mulheres, por sua vez, demonstram uma precisão ligeiramente superior na compreensão da curadoria algorítmica (63,4% contra 61,3%), mas também revelam níveis mais elevados de incerteza em vários itens, especialmente no que diz respeito à autoria e ao conteúdo de opinião (43,6% de «não sei» contra 29,8% entre os homens). Em termos gerais, as diferenças sugerem uma maior confiança e precisão entre os homens no que se refere ao conhecimento institucional, enquanto as mulheres apresentam padrões de resposta mais cautelosos.

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, Por nível de escolaridade, 2026

	Todos	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Elevado nível de escolaridade
A RTP depende da publicidade como sua principal fonte de financiamento.				
Verdadeiro	38,0%	33,4%	41,2%	38,7%
Falso	36,3%*	31,6%	36,2%	41,0%
Não sei	25,5%	34,7%	22,6%	20,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%
As notícias e os conteúdos que uma pessoa vê no Instagram ou no Facebook são selecionados aleatoriamente.				
Verdadeiro	17,5%	20,7%	19,2%	12,7%
Falso	57,0%*	36,5%	58,4%	74,9%
Não sei	25,3%	42,5%	22,4%	12,1%
Prefiro não responder	0,2%	0,3%	0,0%	0,3%
A maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada.				
Verdadeiro	67,5%*	55,8%	69,3%	76,7%
Falso	9,2%	11,4%	8,8%	7,6%
Não sei	23,2%	32,5%	21,9%	15,7%
Prefiro não responder	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%
Os algoritmos das redes sociais são concebidos principalmente para nos mostrar publicações sobre os temas que mais nos interessam.				
Verdadeiro	62,1%*	43,0%	67,2%	74,9%
Falso	15,0%	13,7%	15,7%	15,3%
Não sei	22,8%	43,0%	17,2%	9,8%
Prefiro não responder	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%
Num jornal digital, qualquer texto que inclua o nome do autor é um artigo de opinião.				
Verdadeiro	38,4%	36,6%	39,7%	38,4%
Falso	24,5%*	16,8%	23,9%	32,5%
Não sei	37,0%	46,2%	36,3%	29,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,5%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: (*) Resposta correta.

As diferenças etárias são acentuadas e revelam um padrão não linear. Os grupos de meia-idade (35–64) tendem a apresentar níveis mais elevados de respostas corretas na maioria dos itens, particularmente no que diz respeito à propriedade dos meios de comunicação social (até 77,8% entre os 55–64) e à curadoria algorítmica (atingindo 71,1% entre os 35–44).

P9. [Literacia mediática] Vou ler-lhe algumas afirmações. Pode dizer-me, com base no que sabe, se são verdadeiras ou falsas?, por orientação política, 2026

	Todos	1 - Extrema-esquerda	2	3	4 - Centro	5	6	7 - Extrema-direita
A RTP depende da publicidade como principal fonte de financiamento.								
Verdadeiro	38,0%	39,4%	31,3%	37,8%	37,3%	40,3%	42,2%	37,5%
Falso	36,3%*	18,2%	36,1%	35,1%	35,6%	40,6%	40,8%	31,9%
Não sei	25,5%	42,4%	32,5%	27,0%	27,1%	19,1%	17,0%	29,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
As notícias e os conteúdos que uma pessoa vê no Instagram ou no Facebook são selecionados aleatoriamente.								
Verdadeiro	17,5%	25,0%	12,0%	14,8%	18,8%	17,1%	15,0%	30,6%
Falso	57,0%*	31,3%	53,0%	58,5%	54,7%	64,4%	60,5%	47,2%
Não sei	25,3%	43,8%	34,9%	26,7%	26,3%	18,6%	24,5%	20,8%
Prefiro não responder	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	1,4%
A maioria das empresas de comunicação social em Portugal é de propriedade privada.								
Verdadeiro	67,5%*	40,6%	69,9%	68,2%	66,1%	74,5%	70,7%	58,3%
Falso	9,2%	12,5%	4,8%	6,5%	8,8%	10,6%	8,8%	19,4%
Não sei	23,2%	46,9%	25,3%	25,3%	25,1%	14,9%	20,4%	20,8%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
Os algoritmos das redes sociais são concebidos principalmente para nos mostrar publicações sobre os temas que mais nos interessam.								
Verdadeiro	62,1%*	40,6%	48,2%	56,1%	63,7%	67,8%	69,4%	63,0%
Falso	15,0%	15,6%	19,3%	15,9%	13,8%	16,3%	13,6%	11,0%
Não sei	22,8%	43,8%	32,5%	28,0%	22,4%	15,8%	17,0%	24,7%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
Num jornal digital, qualquer texto que inclua o nome do autor é um artigo de opinião.								
Verdadeiro	38,4%	31,3%	34,9%	42,5%	36,5%	39,6%	40,8%	41,7%
Falso	24,5%*	25,0%	28,9%	24,5%	22,3%	29,7%	22,4%	16,7%
Não sei	37,0%	43,8%	36,1%	32,8%	41,2%	30,7%	36,7%	40,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: (*) Resposta correta.

Os inquiridos mais jovens também apresentam um desempenho relativamente bom no que diz respeito aos conhecimentos relacionados com as plataformas (por exemplo, 60,0% rejeitaram corretamente a aleatoriedade na seleção de conteúdos), mas revelam um desempenho mais fraco em aspetos institucionais, como o financiamento da RTP. Os inquiridos mais idosos (65+) apresentam consistentemente níveis mais baixos de respostas corretas e uma incerteza substancialmente mais elevada, o que é particularmente notório no caso da curadoria algorítmica (50,0% de «não sei») e dos mecanismos de seleção de conteúdos, indicando uma lacuna geracional significativa na literacia mediática.

O nível de escolaridade é o fator diferenciador mais consistente e significativo. O ensino superior está associado a níveis significativamente mais elevados de respostas corretas em todos os itens. Por exemplo, 74,9% dos inquiridos com elevado nível de escolaridade rejeitam corretamente a ideia de que o conteúdo das redes sociais é aleatório (em comparação com 36,5% entre os inquiridos com baixo nível de escolaridade), e 76,7% identificam corretamente as estruturas de propriedade dos meios de comunicação social (contra 55,8%). Da mesma forma, a compreensão da curadoria algorítmica aumenta acentuadamente com o nível de escolaridade (74,9% contra 43,0%), enquanto a incerteza diminui substancialmente. Em contrapartida, os inquiridos com níveis de escolaridade mais baixos apresentam tanto uma menor precisão como taxas mais elevadas de «não sei», particularmente no que diz respeito a aspetos mais técnicos ou estruturais do sistema mediático.

A orientação política revela padrões diferenciados, mas menos sistemáticos. Os inquiridos posicionados no centro e na direita moderada (posições 4–6) tendem a apresentar níveis mais elevados de respostas corretas em vários itens, particularmente no que diz respeito à propriedade dos meios de comunicação social e à curadoria algorítmica. Em contrapartida, aqueles que se situam nos extremos ideológicos apresentam padrões mais heterogéneos. Os inquiridos da extrema-esquerda revelam elevados níveis de incerteza (por exemplo, 46,9% «não sei» no que diz respeito à propriedade dos meios de comunicação social), enquanto os da extrema-direita apresentam menor precisão em alguns itens, tais como o funcionamento da seleção de conteúdos nas redes sociais (47,2% de respostas corretas contra mais de 60,0% em vários grupos centristas). Estes resultados sugerem que a literacia mediática é, de certa forma, mais baixa nos extremos ideológicos, embora de formas diferentes: através da incerteza à esquerda e de imprecisões à direita.

6.4. «As notícias vêm ter comigo»

Nesta secção, exploramos a dinâmica da chamada perceção *«as notícias vêm ter comigo»* (NFM), concebida e desenvolvida por Gil de Zuñiga et al. (2017). Os autores definem esta perceção como *«a medida em que os indivíduos acreditam que podem manter-se indiretamente informados sobre assuntos públicos — apesar de não acompanharem ativamente as notícias — através da utilização geral da Internet, da informação recebida de pares e das ligações nas redes sociais online. Assim, capta a perceção das pessoas de que as notícias simplesmente as "encontrarão" sem que as procurem.»* (Gil de Zuñiga et al., 2017: 107).

Embora relevante ao nível da dieta mediática, esta perceção é particularmente útil no âmbito dos estudos sobre desinformação, devido à complexidade subjacente às dinâmicas de fiabilidade no que diz respeito à seleção ou aceitação passiva de fluxos de informação, especialmente no que se refere a amigos e conhecidos: «a confiança em conteúdos recomendados por amigos pode desempenhar um papel nos processos de disseminação de desinformação. As pessoas que utilizam o NFM e que dependem dos seus pares para

serem informadas sobre notícias importantes à medida que estas surgem podem estar mais propensas a confiar em conteúdos gerados por pares, o que não corresponde necessariamente a fontes noticiosas profissionais verificadas e factuais» (Gil de Zuñiga & Cheng, 2021: 8).

P10. [As notícias vêm ter comigo] A seguir, indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa «discordo totalmente» e 5 significa «concordo totalmente», 2026 (% e médias)

	Confio nos meus amigos para me dizerem o que é importante quando surgem notícias significativas.	Consigo manter-me bem informado mesmo quando não acompanho ativamente as notícias.	Não preciso de procurar ativamente as notícias porque, quando surgem questões públicas importantes, estas chegam até mim através das redes sociais.
1 - Discordo totalmente	12,9%	8,9%	11,7%
2	17,6%	18,4%	16,4%
3 - Nem concordo nem discordo	42,4%	38,3%	35,8%
4	21,9%	26,9%	27,5%
5 - Concordo plenamente	4,9%	7,1%	8,1%
Não sei	0,2%	0,3%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%
		Média	
	2,88	3,05	3,04

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente.

Os resultados indicam níveis moderados de concordância com as atitudes relativas à NFM, com valores médios próximos do ponto médio da escala em todas as afirmações. Entre os três itens, a convicção de que é possível manter-se bem informado sem acompanhar ativamente as notícias (média = 3,05) e de que as questões públicas importantes chegam aos indivíduos através das redes sociais (3,04) revelam uma concordância ligeiramente superior à confiança nos amigos para sinalizar notícias importantes (2,88).

A distribuição das respostas reforça este padrão: a maior parte dos inquiridos seleciona consistentemente a categoria do ponto médio («nem concordo nem discordo»), variando entre 35,8% e 42,4%, enquanto os níveis de forte concordância permanecem relativamente limitados (entre 4,9% e 8,1%). Isto sugere uma ambivalência geral em relação ao consumo passivo de notícias, em vez de um forte apoio.

A nível sociodemográfico (tabela na página seguinte) e começando pelo género, constatamos que as diferenças são mínimas e não alteram substancialmente o padrão geral. As mulheres manifestam um grau de concordância ligeiramente superior em relação à exposição passiva às notícias, particularmente no que diz respeito ao papel das redes sociais na divulgação de notícias (3,10 contra 2,96 entre os homens), enquanto os homens demonstram uma dependência marginalmente superior das redes interpessoais (2,90 contra 2,86). Estas diferenças são pequenas, indicando que as atitudes em relação ao NFM são amplamente partilhadas entre os géneros.

As diferenças etárias revelam um padrão mais claro. Os inquiridos mais jovens (17–34) apresentam níveis mais elevados de concordância com o consumo passivo de notícias, particularmente na convicção de que podem manter-se informados sem acompanhar ativamente as notícias (3,24 e 3,22) e de que as notícias chegam até si através das redes sociais (3,17 e 3,18). Em contrapartida, os inquiridos mais idosos (65+) demonstram um nível de concordância notavelmente mais baixo com estas afirmações (2,58 e 2,60, respetivamente), sugerindo uma orientação mais forte para a procura ativa de notícias. Curiosamente, a confiança nos amigos aumenta ligeiramente entre os grupos mais idosos (3,03 entre os maiores de 65 anos), indicando uma mudança para vias interpessoais em vez de vias mediadas por plataformas. A menor taxa de utilização das redes sociais entre os indivíduos mais idosos é também um fator na dinâmica etária em questão (Cardoso et al., 2025).

P10. [As notícias vêm ter comigo] A seguir, indique, por favor, o seu nível de concordância com as seguintes afirmações. Utilize uma escala de 1 a 5, em que 1 significa «discordo totalmente» e 5 significa «concordo totalmente», por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (% e médias)

	Confio nos meus amigos para me dizerem o que é importante quando surgem notícias significativas.	Consigo manter-me bem informado mesmo quando não acompanho ativamente as notícias.	Não preciso de procurar ativamente as notícias porque, quando surgem questões públicas importantes, estas chegam até mim através das redes sociais.
Total	2,88	3,05	3,04
Masculino	2,90	3,03	2,96
Mulheres	2,86	3,06	3,10
17-24	2,85	3,24	3,17
25-34	2,98	3,22	3,18
35-44	2,79	3,14	3,21
45-54	2,77	3,22	3,10
55-64	2,92	2,91	3,01
65+	3,03	2,58	2,60
Baixo nível de escolaridade	2,95	2,95	2,96
Nível de escolaridade médio	2,90	3,14	3,14
Ensino superior	2,80	3,05	3,00
1 - Extrema-esquerda	2,83	3,04	2,67
2	3,04	2,63	2,60
3	2,86	2,86	2,79
4 - Centro	2,92	3,10	3,12
5	2,81	3,10	3,07
6	2,80	3,08	3,20
7 - Extrema-direita	2,94	3,42	3,54

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a) Escala de 1 a 5, em que 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente.

As diferenças ao nível do nível de escolaridade são relativamente limitadas, mas revelam alguma diferenciação. Os inquiridos com nível de escolaridade médio manifestam um grau de concordância ligeiramente superior em relação ao consumo passivo de notícias (3,14 em ambas as afirmações relacionadas com a exposição passiva), enquanto os que possuem um nível de escolaridade superior apresentam um grau de concordância um pouco inferior (cerca de 3,00 / 3,05), sugerindo uma tendência marginalmente maior para a procura ativa de informação. Os indivíduos com menor nível de escolaridade demonstram uma dependência ligeiramente superior das redes interpessoais (2,95), embora as diferenças se mantenham, em geral, modestas.

A orientação política revela uma variação mais acentuada, particularmente nas extremidades do espectro político. Os inquiridos da extrema-direita apresentam os níveis mais elevados de concordância com o consumo passivo de notícias, especialmente no que diz respeito a manter-se informado sem acompanhar ativamente as notícias (3,42) e ao papel das redes sociais na divulgação de informação (3,54), representando os valores mais elevados observados no conjunto de dados. Em contrapartida, os inquiridos da extrema-esquerda e do centro apresentam níveis mais moderados de concordância, enquanto os que se situam na posição 2 revelam uma concordância notavelmente mais baixa (por exemplo, 2,63 e 2,60), indicando um maior cepticismo em relação à exposição passiva às notícias. Estes padrões sugerem que as atitudes de NFM são mais prevalentes entre os indivíduos posicionados à direita do espectro ideológico.

De um modo geral, os resultados apontam para uma aceitação moderada e amplamente distribuída do consumo passivo de notícias, caracterizada pela ambivalência em vez de por um forte acordo. A idade e a orientação política surgem como os fatores diferenciadores mais relevantes, enquanto o género e o nível de escolaridade desempenham um papel mais limitado na estruturação destas atitudes.

7. Perceções sobre a desinformação na vida quotidiana

7.1. Contacto com a desinformação

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a…, 2026 (%)

	Sim	Não	Não sei	Prefiro não responder
…nutrição e bem-estar?	39,8%	60,0%	0,2%	0,1%
…vacinas?	23,8%	75,9%	0,3%	0,1%
…a causa dos grandes incêndios florestais do verão?	19,0%	80,8%	0,1%	0,1%
…as alterações climáticas?	36,6%	63,2%	0,1%	0,1%
…terapias alternativas?	26,1%	73,7%	0,2%	0,1%
…tratamentos médicos?	29,9%	69,9%	0,1%	0,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

No que diz respeito ao potencial contacto com desinformação, foi perguntado aos inquiridos se consideravam que poderiam ter recebido informação potencialmente falsa sobre uma vasta gama de temas. Os resultados são afirmativos, tendo os utilizadores de facto recebido esse tipo de conteúdo, mas os resultados variam substancialmente consoante os temas.

De um modo geral, os níveis mais elevados de exposição percebida a potencial desinformação verificam-se nas áreas da nutrição e bem-estar (39,8 %) e das alterações climáticas (36,6 %), seguidas dos tratamentos médicos (29,9 %) e das terapias alternativas (26,1 %). Em contrapartida, registam-se níveis mais baixos no que diz respeito às vacinas (23,8 %) e, em particular, às causas dos grandes incêndios florestais de verão (19,0 %). Isto não significa que haja necessariamente menos desinformação a circular relativamente aos temas menos frequentemente mencionados, mas sim que alguns temas estão mais associados à desinformação percebida do que outros, independentemente do volume de conteúdo em circulação.

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por género, 2026 (%)

	Total	Homens	Mulheres
…nutrição e bem-estar?			
Sim	39,8%	39,4%	39,9%
Não	60,0%	60,3%	59,9%
Não sei	0,2%	0,3%	0,1%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,1%
…vacinas?			
Sim	23,8%	26,2%	21,3%
Não	75,9%	73,3%	78,4%
Não sei	0,3%	0,4%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,1%
…a causa dos grandes incêndios florestais deste verão?			
Sim	19,0%	22,2%	15,7%
Não	80,8%	77,6%	84,0%
Não sei	0,1%	0,2%	0,1%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,2%
…as alterações climáticas?			
Sim	36,6%	40,1%	33,1%
Não	63,2%	59,6%	66,8%
Não sei	0,1%	0,3%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,1%
…terapias alternativas?			
Sim	26,1%	26,6%	25,2%
Não	73,7%	73,1%	74,5%
Não sei	0,2%	0,3%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,1%
…tratamentos médicos?			
Sim	29,9%	29,9%	30,1%
Não	69,9%	70,0%	69,8%
Não sei	0,1%	0,1%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças entre géneros são mínimas na maioria dos temas. Os homens referem uma exposição ligeiramente superior a informações suspeitas de serem falsas relativas às vacinas (26,2% contra 21,3%), às alterações climáticas (40,1% contra 33,1%) e aos incêndios florestais (22,2% contra 15,7%), enquanto as mulheres referem uma exposição marginalmente superior em matéria de nutrição e tratamentos médicos. No entanto, estas variações continuam a ser limitadas, indicando perceções globalmente semelhantes entre os géneros.

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por idade, 2026 (%)

	Total	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
…nutrição e bem-estar?							
Sim	39,8%	55,3%	47,4%	40,6%	41,3%	38,6%	22,5%
Não	60,0%	44,0%	52,3%	59,4%	58,7%	61,2%	76,8%
Não sei	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,2%	0,6%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
…vacinas?							
Sim	23,8%	32,7%	30,4%	28,7%	24,5%	19,7%	11,7%
Não	75,9%	65,3%	69,3%	71,3%	75,5%	80,0%	87,6%
Não sei	0,3%	1,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,2%	0,6%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
…a causa dos grandes incêndios florestais do verão?							
Sim	19,0%	32,5%	23,0%	23,5%	17,4%	17,2%	9,2%
Não	80,8%	66,2%	77,0%	76,2%	82,6%	82,6%	90,5%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,2%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
…as alterações climáticas?							
Sim	36,6%	44,7%	44,6%	44,4%	38,7%	31,3%	20,0%
Não	63,2%	54,7%	55,4%	55,6%	61,1%	68,4%	79,7%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,2%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
…terapias alternativas?							
Sim	26,1%	39,7%	28,9%	29,9%	26,7%	23,4%	15,2%
Não	73,7%	58,9%	70,8%	69,8%	73,3%	76,4%	84,5%
Não sei	0,2%	0,7%	0,3%	0,3%	0,0%	0,2%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
…tratamentos médicos?							
Sim	29,9%	43,7%	33,1%	36,7%	30,2%	28,4%	15,2%
Não	69,9%	55,6%	66,9%	63,3%	69,8%	71,6%	84,4%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças etárias são consideravelmente mais pronunciadas. Os inquiridos mais jovens (17–34) referem, de forma consistente, uma maior exposição a suspeitas de desinformação em todos os temas. Por exemplo, 55,3% dos inquiridos com idades compreendidas entre os 17 e os 24 anos referem ter-se deparado com informação potencialmente falsa sobre nutrição e bem-estar, em comparação com apenas 22,5% entre os inquiridos com 65 anos ou mais.

Da mesma forma, a exposição percebida à desinformação sobre as alterações climáticas diminui acentuadamente com a idade (44,7% entre os 17–24 anos, contra 20,0% entre os maiores de 65 anos). Este padrão é consistente em todos os domínios, indicando que os indivíduos mais jovens estão mais expostos a informações questionáveis ou são mais propensos a reconhecê-las. Portugal destaca-se entre os países europeus no que diz respeito às preocupações com a veracidade dos conteúdos online, com 7 em cada 10

inquiridos do Digital News Report a declararem-se preocupados (71,0%). A proporção é ligeiramente superior entre os maiores de 65 anos do que entre os 18-24 anos (75,0% contra 69,0%), uma tendência que não se verifica na amostra global, onde as taxas de preocupação se mantêm estáveis em todas as faixas etárias (Cardoso et al., 2025; Newman et al., 2025).

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por nível de escolaridade, 2026 (%)

	Total	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Nível de escolaridade elevado
…nutrição e bem-estar?				
Sim	39,8%	28,0%	43,3%	47,2%
Não	60,0%	71,9%	56,3%	52,6%
Não sei	0,2%	0,0%	0,4%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%
…vacinas?				
Sim	23,8%	20,9%	24,9%	25,6%
Não	75,9%	78,7%	74,8%	74,1%
Não sei	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%
…a causa dos grandes incêndios florestais deste verão?				
Sim	19,0%	19,8%	20,4%	16,8%
Não	80,8%	79,6%	79,6%	83,1%
Não sei	0,1%	0,3%	0,0%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%
…as alterações climáticas?				
Sim	36,6%	31,8%	39,1%	38,5%
Não	63,2%	67,8%	60,8%	61,5%
Não sei	0,1%	0,3%	0,1%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%
…terapias alternativas?				
Sim	26,1%	21,0%	28,4%	28,3%
Não	73,7%	78,5%	71,3%	71,6%
Não sei	0,2%	0,3%	0,3%	0,2%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%
…tratamentos médicos?				
Sim	29,9%	26,1%	31,0%	32,5%
Não	69,9%	73,8%	68,8%	67,5%
Não sei	0,1%	0,0%	0,1%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças ao nível do nível de escolaridade revelam também um gradiente claro. Os inquiridos com níveis de escolaridade mais elevados referem uma maior exposição a suspeitas de desinformação, particularmente nas áreas da nutrição (47,2% contra 28,0% entre os com baixo nível de escolaridade) e dos tratamentos médicos (32,5% contra 26,1%). Tal poderá refletir níveis mais elevados de consciência crítica ou um maior envolvimento em ambientes ricos em informação. Por outro lado, os indivíduos com menor nível de escolaridade são mais propensos a referir que não se deparam com esse tipo de informação.

P11. Pensando nos últimos 7 dias, recebeu alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa relativamente a… Por orientação política, 2026 (%)

	Total	1 - Extrema-esquerda	2	3	4 - Centro	5	6	7 - Extrema-direita
…nutrição e bem-estar?								
Sim	39,8%	32,3%	32,5%	35,0%	39,2%	44,2%	43,5%	44,4%
Não	60,0%	67,7%	67,5%	65,0%	60,8%	55,1%	56,5%	54,2%
Não sei	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
…vacinas?								
Sim	23,8%	34,4%	21,7%	20,8%	21,7%	26,2%	23,1%	42,5%
Não	75,9%	65,6%	78,3%	79,0%	78,2%	73,3%	76,2%	56,2%
Não sei	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,1%	0,5%	0,7%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
…a causa dos grandes incêndios florestais do verão?								
Sim	19,0%	25,0%	16,7%	16,7%	18,4%	19,6%	18,4%	33,3%
Não	80,8%	75,0%	83,3%	83,0%	81,4%	80,2%	81,6%	65,3%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,3%	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	1,4%
…alterações climáticas?								
Sim	36,6%	40,6%	31,3%	28,6%	35,4%	38,6%	48,0%	58,3%
Não	63,2%	59,4%	68,7%	71,4%	64,4%	61,1%	51,4%	40,3%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,2%	0,7%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
…terapias alternativas?								
Sim	26,1%	25,0%	26,5%	23,7%	24,1%	28,2%	26,4%	38,9%
Não	73,7%	75,0%	73,5%	76,3%	75,8%	71,3%	73,0%	58,3%
Não sei	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,5%	0,7%	1,4%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
…tratamentos médicos?								
Sim	29,9%	37,5%	25,3%	23,5%	29,6%	31,4%	35,4%	41,7%
Não	69,9%	62,5%	74,7%	76,5%	70,4%	68,3%	64,6%	56,9%
Não sei	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

A orientação política revela algumas das diferenças mais marcantes. Os inquiridos da extrema-direita referem, de forma consistente, uma maior exposição a suspeitas de desinformação em todos os temas. Por exemplo, 58,3% afirmam ter-se deparado com informação potencialmente falsa sobre as alterações climáticas, em comparação com 28,6%–40,6% nos grupos de esquerda e de centro. Padrões semelhantes surgem no que diz respeito às vacinas (42,5% na extrema-direita contra cerca de 21% a 26% na maioria dos outros grupos) e aos tratamentos médicos (41,7% contra aproximadamente 23% a 35%). Isto sugere que os indivíduos na extremidade direita do espectro ideológico estão mais expostos à desinformação em vários domínios ou são mais propensos a percebê-la.

A perceção de ter-se deparado com desinformação é generalizada, mas distribui-se de forma desigual. A relevância do tema, a idade, o nível de escolaridade e, em particular, a

orientação política desempenham papéis fundamentais na formação destas perceções, enquanto as diferenças de género permanecem comparativamente marginais.

P12. E no que diz respeito à informação que recebeu e que considera poder ser falsa, através de que canais a recebeu?, 2026 (%)

	Sim	Não	Não sei	Prefiro não responder
Conversas presenciais ou por telefone	40,6%	58,8%	0,5%	0,1%
Aplicações de mensagens instantâneas (WhatsApp, Telegram…)	49,8%	49,8%	0,4%	0,0%
Redes sociais (Facebook, X, Bluesky…)	74,3%	25,3%	0,4%	0,0%
Redes sociais baseadas em vídeo online (YouTube, Instagram, Twitch, TikTok…)[MP1]	68,1%	30,9%	0,9%	0,1%
Meios de comunicação digitais ou impressos	39,9%	59,8%	0,4%	0,0%
Televisão ou plataformas de televisão online (Netflix, HBO Max, Prime Video, Disney+, Apple TV, Sky, Filmin, etc.)	36,7%	62,7%	0,6%	0,1%
Rádio ou podcasts	31,2%	68,3%	0,5%	0,1%
Inteligência Artificial (ChatGPT, resumos do Google, Gemini…)	38,2%	61,2%	0,6%	0,0%
Outros	24,7%	69,2%	5,1%	1,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=1185 (Pessoas que receberam, na última semana, informações ou notícias que consideram poderem ser falsas).

Tendo em conta os canais através dos quais as pessoas suspeitam ter recebido conteúdos de desinformação na semana anterior, os resultados revelam que a suspeita de desinformação é, de forma esmagadora, percebida como circulando através de canais digitais e em rede, com as redes sociais a destacarem-se claramente como a principal via de acesso.

No total, 74,3% dos inquiridos que referiram ter-se deparado com informação potencialmente falsa identificam as redes sociais como fonte, seguidas pelas plataformas de vídeo online (68,1%) e pelas aplicações de mensagens instantâneas (49,8%). Canais mais tradicionais, como a televisão (36,7 %), a rádio (31,2 %) e os meios de comunicação social impressos/digitais (39,9 %), são menos frequentemente associados a suspeitas de desinformação, embora continuem a ser relevantes.

Os resultados estão em consonância com conclusões anteriores que indicavam que as pessoas acreditam que a desinformação se encontra principalmente nas redes sociais (Newman et al., 2020) e que os ambientes de rede são menos fiáveis e mais propensos à circulação de desinformação (Fletcher & Nielsen, 2019; Kalogeroupoulos et al., 2019). Isto também tem impacto na perceção do conteúdo noticioso em ambientes de rede. Os dados relativos a Portugal identificam um padrão claro no que diz respeito à confiança: as notícias nas redes sociais são consideradas substancialmente menos fiáveis do que as notícias em geral e as notícias encontradas nos motores de busca (Cardoso et al., 2025). Estas conclusões sistemáticas ilustram a erosão da confiança em ambientes de informação mais amplos devido à sensibilização para a desinformação (Lewandowsky et al., 2023).

P12. E no que diz respeito à informação que recebeu e que considera poder ser falsa, através de que canais a recebeu?, por género, 2026 (%)

	Total	Homens	Mulheres
Conversas presenciais ou por telefone	40,6%	42,6%	38,2%
Aplicações de mensagens instantâneas	49,8%	53,9%	45,4%
Redes sociais	74,3%	74,2%	74,6%
Redes sociais baseadas em vídeo online	68,1%	68,8%	67,3%
Meios de comunicação digitais ou impressos	39,9%	43,1%	36,0%
Televisão ou plataformas de televisão online	36,7%	39,8%	32,7%
Rádio ou podcasts	31,2%	34,2%	27,6%
Inteligência Artificial	38,2%	40,3%	35,9%
Outros	24,7%	27,9%	21,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=1185 (Pessoas que receberam, na última semana, informações ou notícias que consideram poderem ser falsas). Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 12.

As diferenças de género continuam, em geral, a ser limitadas. Os homens referem uma exposição ligeiramente superior através de aplicações de mensagens instantâneas (53,9%), meios de comunicação digitais/impressos e ferramentas de IA (40,3%), enquanto as mulheres apresentam uma exposição marginalmente superior através das redes sociais (74,6%). No entanto, estas diferenças são relativamente pequenas e não alteram substancialmente o padrão geral.

P12. E no que diz respeito à informação que recebeu e que considera poder ser falsa, através de que canais a recebeu?, por idade, 2026 (%)

	Total	17-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+
Conversas presenciais ou por telefone	40,6%	51,4%	48,2%	37,2%	30,8%	40,0%	50,5%
Aplicações de mensagens instantâneas	49,8%	54,1%	52,3%	45,9%	40,4%	58,3%	56,2%
Redes sociais	74,3%	71,4%	69,5%	74,5%	79,2%	75,3%	70,5%
Redes sociais baseadas em vídeo online	68,1%	67,9%	69,5%	71,4%	71,3%	62,6%	61,9%
Meios de comunicação digitais ou impressos	39,9%	49,1%	40,3%	39,8%	40,7%	36,6%	34,3%
Televisão ou plataformas de televisão online	36,7%	45,0%	38,6%	37,2%	36,9%	32,3%	31,4%
Rádio ou podcasts	31,2%	42,3%	30,9%	35,7%	29,3%	27,7%	23,8%
Inteligência Artificial	38,2%	50,5%	47,7%	37,8%	34,7%	30,3%	34,3%
Outros	24,7%	35,7%	25,0%	26,4%	22,4%	23,4%	17,9%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=1185 (Pessoas que receberam, na última semana, informações ou notícias que consideram poderem ser falsas). Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 12.

As diferenças etárias são particularmente acentuadas. Os inquiridos mais jovens (17–34) referem uma exposição significativamente maior através de aplicações de mensagens instantâneas (mais de 50,0%), ferramentas de IA (até 50,5%) e conversas cara a cara, o que indica um ambiente de informação mais híbrido, que combina intercâmbios digitais e

interpessoais. Em contrapartida, os grupos mais velhos (55+) referem uma menor exposição através de canais nativamente digitais, tais como a IA e as plataformas de vídeo, mas uma dependência relativamente maior de aplicações de mensagens e da comunicação interpessoal. É de salientar que a utilização da IA como porta de entrada percebida diminui de forma constante com a idade.

P12. E no que diz respeito à informação que recebeu e que considera poder ser falsa, através de que canais a recebeu?, por nível de escolaridade, 2026 (%)

	Total	Baixa escolaridade	Nível de escolaridade médio	Nível de escolaridade elevado
Conversas presenciais ou por telefone	40,6%	41,4%	40,6%	40,0%
Aplicações de mensagens instantâneas	49,8%	51,5%	53,2%	45,2%
Redes sociais	74,3%	73,6%	71,6%	77,5%
Redes sociais baseadas em vídeo online	68,1%	66,4%	66,9%	70,5%
Meios de comunicação digitais ou impressos	39,9%	42,7%	42,9%	34,8%
Televisão ou plataformas de televisão online	36,7%	46,1%	35,8%	31,4%
Rádio ou podcasts	31,2%	37,6%	31,5%	26,4%
Inteligência Artificial	38,2%	41,7%	40,8%	33,2%
Outros	24,7%	32,1%	25,1%	19,5%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=1185 (Aqueles que receberam, na última semana, informações ou notícias que consideram poderem ser falsas). Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte a tabela geral da pergunta 12.

As diferenças em termos de nível de escolaridade são moderadas. Os indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos referem uma exposição ligeiramente superior através da televisão (46,1 %), da rádio (37,6 %) e de «outras» fontes (32,1 %), enquanto os que possuem um nível de escolaridade mais elevado demonstram uma maior associação às redes sociais (77,5 %) e às plataformas de vídeo online (70,5 %). Isto sugere que os inquiridos com maior nível de escolaridade estão mais integrados nos ecossistemas de informação digitais onde se considera que a desinformação circula.

Q12. E no que diz respeito à informação que recebeu e que considera poder ser falsa, através de que canais a recebeu?, por orientação política, 2026 (%)

	Total	1 - Extrema-esquerda	2	3	4 - Centro	5	6	7 - Extrema-direita
Conversas presenciais ou por telefone	40,6%	47,1%	32,6%	49,7%	38,7%	38,1%	34,4%	46,3%
Aplicações de mensagens instantâneas	49,8%	72,2%	39,5%	52,4%	49,5%	50,8%	46,9%	52,8%
Redes sociais	74,3%	61,1%	83,7%	73,7%	75,1%	75,4%	72,9%	67,9%
Redes sociais baseadas em vídeo online	68,1%	66,7%	60,5%	70,1%	66,9%	66,3%	75,0%	75,5%
Meios de comunicação digitais ou impressos	39,9%	55,6%	27,9%	39,0%	37,8%	39,9%	49,0%	52,8%
Televisão ou plataformas de televisão online	36,7%	35,3%	27,9%	33,3%	34,4%	38,9%	42,7%	56,6%
Rádio ou podcasts	31,2%	35,3%	23,3%	26,2%	27,6%	35,3%	31,3%	54,7%
Inteligência Artificial	38,2%	50,0%	25,6%	35,3%	36,8%	39,5%	43,8%	49,1%
Outros	24,7%	29,4%	23,3%	25,8%	23,3%	24,1%	23,7%	28,3%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=1185 (Pessoas que receberam, na última semana, informações ou notícias que consideram poderem ser falsas). Para uma descrição completa das categorias com exemplos, consulte o quadro geral da pergunta 12.

A orientação política revela uma variação mais substancial. Os inquiridos da extrema-direita referem consistentemente uma maior exposição na maioria dos canais, nomeadamente na televisão (56,6%), na rádio/podcasts (54,7%), nos meios de comunicação digitais/impressos (52,8%) e na IA (49,1%), sugerindo uma atribuição mais ampla da desinformação tanto nos ecossistemas tradicionais como nos digitais. Ao mesmo tempo, as redes sociais « » continuam a ser o canal dominante em todos os grupos ideológicos, atingindo o pico entre os inquiridos na posição «2» (83,7%). Curiosamente, os inquiridos da extrema-esquerda referem a maior exposição a aplicações de mensagens instantâneas (72,2%) e IA (50,0%), indicando diferentes configurações de canais entre os extremos ideológicos.

Tendo em conta o panorama sociodemográfico, a perceção dos canais de desinformação é fortemente moldada pelas plataformas digitais, especialmente pelas redes sociais e pelos ambientes baseados em vídeo, embora a comunicação interpessoal e as aplicações de mensagens também desempenhem um papel central. As diferenças demográficas revelam que os grupos mais jovens, com maior nível de escolaridade e de orientação política mais radical tendem a perceber um ecossistema mais vasto e mais mediado digitalmente de circulação de desinformação.

7.2. Partilha de desinformação

P13. Nos últimos 7 dias, partilhou alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa…, 2026 (%)

	Sim	Não	Não utilizo redes sociais	Não sei	Prefiro não responder
P13.1. ...nas suas redes sociais ou aplicações de mensagens?	11,9%	82,9%	5,2%	0,0%	0,0%
P13.2. ...em conversas presenciais ou por telefone com outras pessoas?	13,1%	86,9%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Tendo em conta a partilha auto-declarada de informação considerada falsa, os resultados apontam para uma prática limitada, embora não negligenciável. No total, 11,9% dos inquiridos referem ter partilhado esse tipo de conteúdo através das redes sociais ou de aplicações de mensagens, enquanto uma proporção ligeiramente superior (13,1%) refere tê-lo feito em conversas presenciais ou por telefone.

Isto sugere que a comunicação interpessoal continua a ser, pelo menos, tão importante quanto os ambientes digitais na potencial disseminação de desinformação, mesmo que a exposição seja principalmente digital.

As diferenças demográficas (tabela na página seguinte) revelam padrões importantes. Os homens são consistentemente mais propensos a referir ter partilhado informação potencialmente falsa do que as mulheres, tanto online (14,1% contra 9,6%) como offline (15,4% contra 10,6%). A idade é um dos fatores diferenciadores mais marcantes: os inquiridos mais jovens (17–24) destacam-se com os níveis mais elevados de partilha auto-relatada (21,3% online e 23,8% offline), com um declínio geral nos grupos etários mais velhos, embora se verifique alguma flutuação entre os inquiridos de meia-idade.

As diferenças em termos de escolaridade estão presentes, mas são modestas. Os indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos referem taxas de partilha ligeiramente mais elevadas, particularmente em contextos interpessoais (15,2%), enquanto aqueles com escolaridade mais elevada referem níveis mais baixos em geral, especialmente fora da Internet (10,6%). Isto sugere uma associação fraca, mas consistente, entre a escolaridade e um menor envolvimento na partilha de informação questionável.

P13. Nos últimos 7 dias, partilhou alguma informação ou notícia que considere poder ser falsa…, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%) [Proporção de quem partilhou]

	P13.1. …nas suas redes sociais ou aplicações de mensagens?	P13.2. …em conversas presenciais ou por telefone com outras pessoas?
Total	11,9%	13,1%
Homens	14,1%	15,4%
Mulheres	9,6%	10,6%
17-24	21,3%	23,8%
25-34	14,9%	17,6%
35-44	10,6%	12,2%
45-54	7,0%	7,4%
55-64	15,0%	14,2%
65+	9,8%	12,3%
Baixo nível de escolaridade	12,7%	15,2%
Nível de escolaridade médio	12,1%	13,5%
Ensino superior	10,9%	10,6%
1 - Extrema-esquerda	15,2%	15,6%
2	7,2%	6,0%
3	9,2%	12,7%
4 - Centro	10,4%	12,0%
5	13,8%	12,9%
6	17,6%	16,3%
7 - Extrema-direita	20,5%	23,6%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: As percentagens correspondem à proporção de pessoas que responderam «sim» quando questionadas sobre se tinham partilhado informações que consideravam poderem ser falsas na semana anterior.

A orientação política revela um gradiente mais acentuado. Os inquiridos nas extremidades do espectro político registam níveis mais elevados de partilha, sendo a extrema-direita a que apresenta os níveis mais elevados em geral (20,5% online e 23,6% offline), seguida da extrema-esquerda (cerca de 15,0%). As posições ideológicas intermédias, particularmente as mais próximas do centro, registam níveis mais baixos. Este padrão sugere que uma identificação ideológica mais forte, independentemente da orientação, pode estar associada a uma maior probabilidade de partilha de informação percebida como potencialmente falsa.

Em suma, embora a maioria dos inquiridos não refira partilhar desinformação, uma minoria não negligenciável, em particular os indivíduos mais jovens e aqueles que se situam nos extremos ideológicos, reconhece tê-lo feito, com a comunicação interpessoal a desempenhar um papel surpreendentemente proeminente a par das plataformas digitais. Mais importante ainda, o facto de estes números se basearem na autoperceção («informação que considera poder ser falsa») introduz uma camada adicional de interpretação. Como tal, tendem a refletir um quadro atitudinal mais complexo, que inclui comportamento, consciência, reflexividade e incerteza quanto à informação e à precisão e fiabilidade da fonte.

7.3. A vulnerabilidade à desinformação

P14. Confiança na identificação de desinformação, 2026 (% e médias)

	%	
	P14.1 Quão confiante se sente na sua capacidade de identificar informação que seja falsa ou que distorça a realidade: muito confiante, razoavelmente confiante, pouco confiante ou nada confiante?	P14.2 Em que medida está confiante de que a pessoa comum em Portugal consegue distinguir informações falsas?
1 - Muito confiante	12,5%	4,5%
2 - Bastante confiante	58,5%	31,2%
3 - Não muito confiante	22,7%	45,4%
4 - Não está de todo confiante	5,4%	17,1%
Não sei	0,6%	1,8%
Prefiro não responder	0,1%	0,0%
	Média	
Média	2,21	2,77

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Quando questionados sobre a sua capacidade e a capacidade de terceiros para identificar desinformação, os resultados revelam uma assimetria notável entre a capacidade autoavaliada e a perceção da capacidade de terceiros para identificar desinformação. A nível agregado, os inquiridos manifestam uma confiança moderada na sua própria capacidade de reconhecer informação falsa ou enganosa (média = 2,21 numa escala de 1 a 4, em que valores mais baixos indicam maior confiança). Uma grande maioria afirma estar «razoavelmente confiante» (58,5 %) ou «muito confiante» (12,5 %), sendo que apenas uma minoria expressa baixa confiança.

Em contrapartida, a confiança na capacidade da pessoa comum é substancialmente mais baixa (média = 2,77). Neste caso, as perceções inclinam-se marcadamente para o cepticismo: 45,4% consideram que a pessoa comum «não está muito confiante» e 17,1% «não está de todo confiante» na distinção de informações falsas.

Os padrões demográficos revelam nuances adicionais (tabela na página seguinte). As mulheres manifestam uma confiança ligeiramente superior à dos homens, tanto na autoavaliação como na avaliação dos outros. As diferenças etárias são particularmente pronunciadas: os inquiridos mais velhos (especialmente os com mais de 65 anos) manifestam a maior confiança nas suas próprias capacidades, enquanto os grupos mais jovens manifestam menor confiança. Ao mesmo tempo, a confiança nos outros também aumenta com a idade, embora se mantenha consistentemente inferior às autoavaliações em todos os grupos.

P14. Confiança na identificação de desinformação, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (Médias)

	Q14.1 Quão confiante se sente na sua capacidade de identificar informação falsa ou que distorce a realidade: muito confiante, razoavelmente confiante, pouco confiante ou nada confiante?	Q14.2 Em que medida está confiante de que a pessoa comum em Portugal consegue distinguir informações falsas?
Total	2,21	2,77
Masculino	2,12	2,71
Mulher	2,29	2,82
17-24	2,00	2,58
25-34	2,14	2,65
35-44	2,09	2,68
45-54	2,22	2,77
55-64	2,26	2,87
65+	2,43	2,93
Baixo nível de escolaridade	2,36	2,70
Nível de escolaridade médio	2,20	2,74
Ensino superior	2,08	2,84
1 - Extrema-esquerda	2,34	2,58
2	2,27	3,18
3	2,20	2,81
4 - Centro	2,25	2,74
5	2,14	2,74
6	2,22	2,82
7 - Extrema-direita	2,00	2,49

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 — «Muito confiante» e 4 — «Nada confiante».

A educação apresenta um quadro mais complexo. Os indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos manifestam maior confiança na sua própria capacidade, enquanto aqueles com níveis de escolaridade mais elevados expressam uma autoconfiança comparativamente menor, mas uma maior confiança nos outros. Tal pode refletir diferenças na cautela epistémica ou na consciência da complexidade da informação.

A orientação política revela um gradiente claro. Os inquiridos da extrema-direita manifestam a menor confiança nas suas próprias capacidades (média = 2,00, o que indica uma confiança numericamente mais elevada, mas, na realidade, mais baixa, dada a orientação da escala) e também a menor confiança nos outros (2,49), enquanto aqueles mais próximos do centro ou de posições moderadas tendem a expressar avaliações mais equilibradas. (Nota: uma vez que valores mais baixos indicam maior confiança, os inquiridos da extrema-direita parecem numericamente mais confiantes em si próprios, mas também demonstram uma confiança relativamente baixa nos outros.)

A discrepância identificada na avaliação da capacidade pessoal e da capacidade dos outros sugere um claro «efeito da terceira pessoa», em que os indivíduos se percebem como mais

capazes do que os outros a lidar com a desinformação. Este efeito tem sido amplamente abordado na literatura sobre « ». A nível fundamental, Davison (1983) identificou um padrão de autoimunidade, em que as pessoas percebem as mensagens dos meios de comunicação como tendo maiores efeitos nos outros do que em si próprias.

Mais recentemente, e referindo-se especificamente à desinformação, Nielsen & Graves (2017) descrevem padrões de sobreestimativa da resistência pessoal às notícias falsas, em paralelo com a subestimativa da resistência dos outros, que são mais suscetíveis de serem expostos e influenciados pela desinformação. Corbu et al. (2020) estabelecem, através de uma análise comparativa, que este quadro percetivo se aplica no contexto europeu e, mais recentemente, o efeito foi identificado no que diz respeito à desinformação na área da saúde e, especificamente, à pandemia da COVID-19 (Chen & Fu, 2022; Wei et al., 2021; Yang & Tian, 2021). É importante referir que o efeito destes quadros de perceção não deve ser ignorado no que diz respeito à satisfação com os sistemas democráticos no seu conjunto, um ponto importante levantado por Nisbet et al., (2021) ao concluírem que a influência presumida da desinformação eleitoral sobre os outros reduz a própria satisfação de uma pessoa com a democracia.

7.4. IA e desinformação

P15. [IA] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, 2026 (% e médias)

	%	
	P15.1 A Inteligência Artificial (IA) torna mais fácil, mais rápido e mais barato a divulgação de notícias falsas.	P15.2 A Inteligência Artificial (IA) é uma ferramenta útil que ajuda as pessoas a desmascarar rumores ou mentiras que se espalham como notícias verdadeiras.
1- Discordo totalmente	5,5%	11,3%
2	4,3%	8,0%
3	8,1%	12,9%
4	21,6%	27,9%
5	17,8%	17,8%
6	13,4%	8,3%
7 - Concordo plenamente	21,6%	6,5%
Não sei	7,1%	6,8%
Prefiro não responder	0,5%	0,6%
	Média	
Média	4,83	3,90

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Tendo em conta o papel da IA na desinformação, tanto como ameaça como oportunidade, os resultados apontam para uma perceção dupla, clara mas matizada, da tecnologia no contexto da desinformação. Por um lado, os inquiridos concordam, de forma generalizada, que a IA facilita a propagação de notícias falsas, com uma pontuação média relativamente elevada (4,83 numa escala de 1 a 7). Por outro lado, manifestam um acordo mais moderado quanto ao facto de a IA poder ajudar a desmascarar informações falsas (3,90), o que indica uma avaliação mais cautelosa ou incerta do seu papel positivo. A distribuição percentual ao

longo da escala reforça esta assimetria. A concordância de que a IA permite a disseminação de desinformação é relativamente forte e polarizada para valores mais elevados, com 21,6% a «concordar totalmente». Em contrapartida, as perceções da IA como ferramenta corretiva estão mais concentradas nas respostas intermédias da escala, com menos apoios veementes (apenas 6,5% a «concordar totalmente»), sugerindo que o seu potencial mitigador está menos firmemente estabelecido na opinião pública.

P15. [IA] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações: Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (Médias)

	P15.1 A Inteligência Artificial (IA) torna mais fácil, mais rápido e mais barato a divulgação de notícias falsas.	P15.2 A Inteligência Artificial (IA) é uma ferramenta útil que ajuda as pessoas a desmascarar rumores ou mentiras que se espalham como notícias verdadeiras.
Total	4,83	3,90
Masculino	4,88	4,03
Mulheres	4,79	3,79
17-24	4,52	4,05
25-34	4,76	3,92
35-44	4,72	3,83
45-54	5,00	3,83
55-64	4,84	4,03
65+	4,89	3,83
Baixo nível de escolaridade	4,58	3,91
Nível de escolaridade médio	4,87	3,87
Ensino superior	4,98	3,94
1 - Extrema-esquerda	4,11	3,46
2	4,90	3,24
3	5,00	3,73
4 - Centro	4,79	3,85
5	4,92	4,19
6	4,74	4,06
7 - Extrema-direita	4,63	4,32

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: a escala varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Discordo totalmente» e 7 a «Concordo totalmente».

As diferenças demográficas proporcionam uma maior granularidade. Os homens manifestam um grau de concordância ligeiramente superior ao das mulheres em ambas as dimensões, particularmente no que diz respeito à utilidade da IA na desmistificação de notícias falsas. Os padrões etários revelam que os grupos de meia-idade (especialmente os de 45–54 anos) são os mais convencidos do papel da IA na disseminação de notícias falsas, enquanto os

inquiridos mais jovens (17–24 anos) se mostram comparativamente menos preocupados, mas mais abertos ao potencial corretivo da IA (4,05), tal como os inquiridos de 55–64 anos (4,03).

O nível de escolaridade apresenta um gradiente subtil, mas consistente. Os inquiridos com maior nível de escolaridade tendem a concordar mais que a IA facilita a desinformação (4,98), enquanto as diferenças relativamente ao seu papel na desmascaramento são menores, sugerindo que uma maior consciência das capacidades tecnológicas pode aumentar a sensibilidade aos riscos sem reforçar substancialmente o otimismo quanto às soluções.

A orientação política revela um dos padrões mais distintivos. Embora a preocupação com a IA como facilitadora de notícias falsas seja relativamente generalizada em todo o espectro político, os inquiridos da extrema-esquerda manifestam um menor grau de concordância (4,11) em comparação com outros grupos. Em contrapartida, a confiança na IA como ferramenta de desmascaramento aumenta à medida que se avança para a direita, atingindo o seu pico entre a extrema-direita (4,32). Isto sugere que as atitudes em relação ao papel da IA não são apenas de natureza tecnológica, mas também mediadas ideologicamente, particularmente no que diz respeito aos seus benefícios percebidos.

Os resultados destacam um contexto de ambivalência cautelosa: a IA é amplamente reconhecida como um poderoso facilitador da desinformação, enquanto a sua capacidade de a contrariar é reconhecida, mas suscita menos confiança. Este desequilíbrio sugere que as perceções do público são moldadas mais por preocupações com a escala, a velocidade e a manipulação do que pela confiança em soluções tecnológicas, reforçando a importância da governação, da transparência e de intervenções complementares lideradas por seres humanos. Os inquiridos portugueses refletem, assim, um padrão de perceção amplamente documentado, no qual a IA é cada vez mais enquadrada tanto como um motor da desinformação como uma resposta à mesma, permitindo simultaneamente a produção em grande escala de conteúdos enganosos e apoiando práticas de verificação de factos, deteção e confirmação (Qian et al., 2024; OCDE, 2024; Samet, 2025).

8. Atitudes em relação à desinformação e à ciência

8.1. Impacto da desinformação

P16. [Impactos da desinformação] Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 corresponde a «discordo totalmente» e 7 a «concordo totalmente», 2026 (% e médias)

	%			
	P16.1 A circulação de desinformação ou rumores pode ter efeitos nocivos na saúde pública.	P16.2 A desinformação e os rumores têm o poder de manipular as convicções das pessoas.	P16.3 A desinformação e os rumores levam as pessoas a desconfiar das instituições.	P16.4 A desinformação e os rumores representam uma ameaça à democracia.
1- Discordo totalmente	2,5%	3,0%	2,8%	3,9%
2	4,2%	2,8%	3,4%	4,6%
3	7,7%	6,1%	6,1%	9,1%
4	18,7%	16,8%	17,0%	18,0%
5	20,4%	18,0%	19,4%	18,6%
6	15,2%	17,6%	17,7%	15,5%
7 - Concordo plenamente	30,1%	35,2%	32,8%	29,2%
Não sei	1,2%	0,4%	0,8%	1,1%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
	Média			
Média	5,19	5,39	5,33	5,09

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Ao avaliar os impactos sociais mais amplos da desinformação, os resultados revelam um consenso forte e consistente de que a desinformação tem impactos sociais significativos, com elevados níveis de concordância nas quatro dimensões avaliadas. Todas as pontuações médias situam-se acima de 5 numa escala de 1 a 7, indicando que os inquiridos, de um modo geral, consideram a desinformação e os rumores prejudiciais, influentes e com consequências estruturais.

Entre os diferentes impactos, o maior consenso verifica-se na perceção de que a desinformação tem o poder de manipular as crenças das pessoas (média = 5,39), seguida de perto pela opinião de que provoca desconfiança nas instituições (5,33). Estes resultados sugerem que os inquiridos são particularmente sensíveis às consequências cognitivas e institucionais da desinformação. Ligeiramente inferiores, embora ainda elevadas, são as perceções dos seus efeitos nocivos na saúde pública (5,19) e do seu papel como ameaça à democracia (5,09), indicando que, embora estes impactos estruturais sejam amplamente reconhecidos, podem ser percebidos como um pouco menos imediatos ou diretos. A distribuição das respostas reforça este padrão, com uma grande proporção de inquiridos a selecionar categorias de concordância mais elevadas, incluindo mais de 30% que «concordam plenamente» que a desinformação manipula crenças e causa desconfiança. Os níveis de discordância são mínimos em todos os itens, apontando para um amplo consenso social sobre a gravidade da questão.

P16. [Impactos da desinformação] Em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações? Utilize uma escala de 1 a 7, em que 1 significa «discordo totalmente» e 7 significa «concordo totalmente». Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	P16.1 A circulação de desinformação ou rumores pode ter efeitos nocivos na saúde pública.	P16.2 A desinformação e os rumores têm o poder de manipular as convicções das pessoas.	P16.3 A desinformação e os rumores levam as pessoas a desconfiar das instituições.	P16.4 A desinformação e os rumores representam uma ameaça à democracia.
Total	5,19	5,39	5,33	5,09
Masculino	5,10	5,38	5,29	5,08
Mulheres	5,29	5,41	5,38	5,10
17-24	5,03	5,11	4,91	4,85
25-34	5,04	5,15	4,97	4,91
35-44	5,27	5,52	5,42	5,17
45-54	5,50	5,64	5,59	5,33
55-64	5,40	5,63	5,65	5,31
65+	4,54	4,90	4,95	4,57
Baixo nível de escolaridade	4,76	4,97	4,95	4,72
Nível de escolaridade médio	5,26	5,40	5,35	5,07
Ensino superior	5,54	5,78	5,67	5,46
1 - Extrema-esquerda	4,38	4,45	4,45	4,68
2	5,61	5,67	5,59	5,49
3	5,20	5,49	5,35	5,25
4 - Centro	5,23	5,39	5,36	5,10
5	5,19	5,41	5,34	5,02
6	5,08	5,44	5,26	4,86
7 - Extrema-direita	4,98	4,96	5,22	4,81

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 — Discordo totalmente e 7 — Concordo totalmente.

Existem diferenças demográficas, mas estas não alteram fundamentalmente o consenso geral. As mulheres manifestam consistentemente níveis de concordância ligeiramente superiores aos dos homens, o que sugere uma maior sensibilidade aos impactos da desinformação. Os padrões etários indicam que os grupos de meia-idade (45–64) expressam a maior preocupação, particularmente no que diz respeito à manipulação e à desconfiança,

enquanto os inquiridos mais jovens (17–24) e mais idosos (65+) apresentam níveis de concordância comparativamente mais baixos, embora ainda acima do ponto médio.

O nível de escolaridade revela um gradiente claro: os inquiridos com maior nível de escolaridade percebem consistentemente impactos mais fortes, especialmente no que diz respeito à manipulação (5,78) e à desconfiança institucional (5,67). Isto pode refletir uma maior consciência das consequências sistémicas e a longo prazo.

A orientação política introduz uma maior variação. Os inquiridos da extrema-esquerda registam os níveis mais baixos de concordância em todas as dimensões, enquanto os que se situam em posições intermédias (em particular a categoria 2) manifestam a maior preocupação. A extrema-direita também regista níveis ligeiramente mais baixos de impacto percebido em comparação com o centro, especialmente no que diz respeito às ameaças à democracia (4,81). Isto sugere que as perceções das consequências da desinformação são parcialmente moldadas pelo posicionamento ideológico, particularmente no que se refere à confiança institucional e às preocupações democráticas.

De um modo geral, os resultados indicam um elevado nível de consciência social quanto aos riscos que a desinformação representa, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de moldar crenças e minar a confiança. Ao mesmo tempo, as variações demográficas e ideológicas apontam para diferenças na forma como estes riscos são interpretados e hierarquizados, o que pode ter implicações para a comunicação de políticas e estratégias de intervenção.

A preocupação com o impacto da desinformação é bem expressa pelos cidadãos através de uma vasta gama de fontes, sendo o consenso geral de que esse impacto tende a ser sistémico (Lewandowsky et al., 2023) e de que é necessário um reforço institucional (Altay, 2026).

8.2. Desinformação e liberdade de imprensa

P17. [Liberdade de imprensa] Indique com qual destas duas afirmações concorda mais:, 2026 (%)

	%
O governo deve tomar medidas para restringir a informação falsa na Internet, mesmo que isso limite a liberdade de imprensa.	65,5%
A liberdade de imprensa deve ser protegida, mesmo que sejam publicadas informações falsas.	31,4%
Não sei	3,0%
Prefiro não responder	0,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Quando confrontados com o equilíbrio entre a intervenção governamental para mitigar e combater a desinformação e o impacto na liberdade de imprensa, os resultados revelam uma forte preferência entre os inquiridos pela intervenção governamental para restringir a informação falsa online, mesmo que isso implique o risco de limitar a liberdade de imprensa.

Uma clara maioria (65,5%) apoia esta posição, em comparação com 31,4% que dão prioridade à proteção da liberdade de imprensa, mesmo que sejam publicadas informações falsas. Isto indica que, no atual ambiente informativo, as preocupações com a desinformação superam as normas liberais clássicas de liberdade de imprensa irrestrita para uma parte substancial da população.

P17. [Liberdade de imprensa] Indique com qual destas duas afirmações concorda mais: Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%)

	%			
	O governo deve tomar medidas para restringir a informação falsa na Internet, mesmo que isso limite a liberdade de imprensa.	A liberdade de imprensa deve ser protegida, mesmo que sejam publicadas informações falsas.	Não sei	Prefiro não responder
Total	65,5%	31,4%	3,0%	0,1%
Masculino	64,5%	33,5%	1,7%	0,3%
Mulheres	66,6%	29,1%	4,3%	0,0%
17-24	61,3%	38,0%	0,7%	0,0%
25-34	68,6%	30,7%	0,3%	0,3%
35-44	73,0%	26,4%	0,3%	0,3%
45-54	73,0%	26,8%	0,2%	0,0%
55-64	65,7%	31,1%	3,2%	0,0%
65+	43,7%	41,8%	14,2%	0,3%
Baixo nível de escolaridade	60,9%	31,5%	7,4%	0,2%
Nível de escolaridade médio	67,5%	31,0%	1,5%	0,0%
Ensino superior	67,7%	31,6%	0,5%	0,3%
1 - Extrema-esquerda	59,4%	40,6%	0,0%	0,0%
2	66,3%	19,3%	14,5%	0,0%
3	60,9%	31,3%	7,5%	0,3%
4 - Centro	70,3%	28,1%	1,6%	0,0%
5	61,7%	36,5%	1,7%	0,0%
6	59,9%	39,5%	0,0%	0,7%
7 - Extrema-direita	60,3%	38,4%	1,4%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Os padrões demográficos revelam que esta preferência é amplamente partilhada por toda a sociedade, embora com alguma variação na intensidade. As diferenças de género são modestas: as mulheres (66,6%) manifestam um apoio ligeiramente superior às medidas restritivas do que os homens (64,5%), que se mostram marginalmente mais inclinados a dar prioridade à liberdade de imprensa.

As diferenças etárias são mais pronunciadas. Os grupos de meia-idade (35–54) revelam o maior apoio à intervenção governamental (73,0%), o que sugere uma preocupação acrescida com os riscos sociais da desinformação. Em contrapartida, os inquiridos mais jovens (17–24) manifestam um apoio ligeiramente superior à liberdade de imprensa (38,0 %), enquanto o grupo mais idoso (65+) se destaca pela sua ambivalência, com um apoio mais baixo à intervenção (43,7 %), um apoio mais elevado à liberdade de imprensa (41,8 %) e uma percentagem notavelmente elevada de incerteza (14,2 %).

A educação também desempenha um papel, embora as diferenças sejam moderadas. O apoio à intervenção governamental aumenta ligeiramente com o nível de escolaridade, passando de 60,9% entre os inquiridos com menor nível de escolaridade para cerca de 67,0% entre os grupos com nível de escolaridade médio e elevado, o que sugere que um nível de escolaridade mais elevado pode estar associado a uma maior preocupação com os malefícios da desinformação.

A orientação política introduz variações mais matizadas, mas não altera fundamentalmente o padrão geral. O apoio à intervenção governamental continua a ser a posição maioritária em todo o espectro político, embora atinja o seu pico entre os inquiridos centristas (70,3 %). A extrema-esquerda demonstra um apoio comparativamente mais elevado à liberdade de imprensa (40,6 %), enquanto a extrema-direita também se inclina um pouco mais para a liberdade de imprensa (38,4 %) do que o centro. Isto sugere que o cepticismo em relação à intervenção governamental pode surgir em ambos os extremos ideológicos, embora por razões potencialmente diferentes.

De um modo geral, os resultados apontam para uma ampla disposição da sociedade em aceitar compromissos regulamentares em resposta à desinformação, embora esta disposição seja atenuada por focos de resistência — particularmente entre os indivíduos mais jovens, os inquiridos mais idosos e aqueles que se situam nos extremos ideológicos, que se mantêm mais cautelosos quanto à limitação da liberdade de imprensa. É de salientar que, devido à classificação historicamente elevada de Portugal em termos de liberdade de imprensa — 10.º lugar entre 180 países (Repórteres Sem Fronteiras, 2026) —, este compromisso está a ser avaliado hipoteticamente. Desde a instauração do regime democrático em 1974 e a entrada em vigor da Constituição portuguesa em 1976, a liberdade de imprensa tem-se mantido como um valor fundamental do sistema democrático português, com uma perceção generalizada de que os meios de comunicação social são imparciais e independentes de influências políticas e económicas (Cardoso et al., 2023).

8.3. Os atores por trás da desinformação

Tendo em conta as ameaças representadas por diferentes atores no que diz respeito à desinformação, os resultados revelam que os cidadãos atribuem a responsabilidade pela desinformação principalmente a atores nativos do mundo digital, sendo que os influenciadores ou personalidades online emergem como a ameaça mais amplamente percebida (53,8 %) (tabela na página seguinte). Isto coloca os criadores de conteúdos individuais no centro da preocupação pública, à frente de atores institucionais ou tradicionais.

Um segundo nível de ameaças percebidas inclui lobbies ou grupos de pressão (43,9 %), políticos ou partidos políticos do próprio país (41,7 %) e proprietários de plataformas de redes sociais (41,7 %), seguidos de perto por atores políticos estrangeiros (38,7 %). Isto indica que os inquiridos percebem a desinformação como um fenómeno político tanto

nacional como internacional, reconhecendo simultaneamente o papel facilitador das plataformas.

Os atores mais tradicionais são considerados menos centrais, mas continuam a ser relevantes. Os meios de comunicação social e os jornalistas (36,4 %), os ativistas (36,1 %) e as pessoas comuns (32,0 %) são identificados por cerca de um terço dos inquiridos, o que sugere o reconhecimento de que a desinformação não é apenas de cima para baixo, mas também difusa e socialmente enraizada. Em contrapartida, as empresas (19,3 %) e figuras públicas, tais como celebridades (28,6 %), são menos frequentemente consideradas como ameaças importantes.

P18. [Agentes de desinformação] No que diz respeito à informação falsa e enganosa que circula atualmente em geral, qual dos seguintes grupos representa a maior ameaça em termos de criação e/ou divulgação dessa informação? Selecione todas as opções aplicáveis., 2026 (%)

	%	
	Sim	Não
Influenciadores / personalidades online	53,8%	46,2%
Governos estrangeiros, políticos ou partidos políticos	38,7%	61,3%
Políticos ou partidos políticos do meu país	41,7%	58,3%
Grupos de pressão	43,9%	56,1%
Empresas	19,3%	80,7%
Proprietários de plataformas de redes sociais	41,7%	58,3%
Os meios de comunicação social e os jornalistas	36,4%	63,6%
Personalidades públicas (por exemplo, cantores, estrelas do desporto…)	28,6%	71,4%
Ativistas ou grupos ativistas	36,1%	63,9%
Pessoas comuns	32,0%	68,0%
Outros	1,8%	98,2%
Nenhuma das opções acima [RESPOSTA ÚNICA]	2,3%	97,7%
Não sei	5,8%	94,2%
Prefiro não responder	0,6%	99,4%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

As diferenças demográficas revelam padrões importantes. A perceção dos influenciadores como uma ameaça aumenta significativamente com o nível de escolaridade, passando de 42,9% entre os inquiridos com menor nível de escolaridade para 65,1% entre os que possuem um nível de escolaridade elevado, o que sugere uma maior consciência da dinâmica da informação digital. A idade também é relevante: os grupos de meia-idade (45–64) demonstram a maior preocupação na maioria das categorias de intervenientes, particularmente no que diz respeito aos influenciadores e aos grupos de pressão, enquanto os inquiridos mais jovens (17–24) manifestam consistentemente níveis mais baixos de preocupação, especialmente em relação aos intervenientes institucionais.

A orientação política introduz fortes assimetrias. A extrema-esquerda é consideravelmente menos propensa a identificar influenciadores (28,1 %) ou atores políticos nacionais (28,1 %) como ameaças, mas mais propensa a apontar atores estrangeiros (43,8 %). Em contrapartida, os inquiridos do centro e da direita moderada (níveis 4–6) demonstram os níveis mais elevados de preocupação em relação a influenciadores, grupos de pressão e

atores políticos nacionais, o que sugere uma visão mais sistémica da desinformação. Curiosamente, a extrema-direita demonstra uma preocupação comparativamente menor em relação às plataformas de redes sociais (30,6 %) e aos grupos de pressão (31,9 %), mas continua a identificar os influenciadores (45,2 %) como uma fonte importante.

P18. [Agentes de desinformação] No que diz respeito à informação falsa e enganosa que circula atualmente em geral, qual dos seguintes grupos representa a maior ameaça em termos de criação e/ou divulgação dessa informação? Selecione todas as opções aplicáveis. Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%)

	Influenciadores / personalidades online	Governos estrangeiros, políticos ou partidos políticos	Políticos ou partidos políticos do meu país	Grupos de pressão	Empresas	Proprietários de plataformas de redes sociais	Os meios de comunicação social e os jornalistas	Personalidades públicas (por exemplo, cantores	Ativistas ou grupos ativistas	Pessoas comuns
Total	53,8%	38,7%	41,7%	43,9%	19,3%	41,7%	36,4%	28,6%	36,1%	32,0%
Homens	55,4%	41,8%	42,6%	48,3%	21,7%	41,7%	35,4%	30,0%	38,7%	29,7%
Mulheres	52,6%	35,7%	41,0%	39,9%	17,2%	42,2%	37,7%	27,3%	33,8%	34,3%
17-24	43,7%	27,2%	35,8%	20,0%	20,7%	30,0%	36,4%	33,3%	23,8%	25,8%
25-34	46,3%	32,9%	44,4%	24,1%	23,8%	31,9%	36,6%	28,9%	24,5%	32,5%
35-44	55,0%	34,7%	40,8%	37,4%	20,6%	36,3%	35,8%	28,9%	32,6%	29,6%
45-54	63,8%	42,5%	46,4%	53,0%	21,5%	45,7%	38,0%	30,2%	43,2%	31,1%
55-64	56,9%	43,4%	40,8%	61,6%	18,7%	52,6%	35,8%	28,4%	43,1%	37,8%
65+	44,1%	41,3%	35,8%	43,7%	9,8%	42,4%	34,8%	23,5%	36,1%	30,7%
Baixa escolaridade	42,9%	36,7%	35,7%	31,8%	17,4%	39,7%	32,5%	23,4%	27,8%	28,3%
Ensino médio	53,2%	37,7%	39,2%	42,6%	20,6%	40,1%	40,1%	29,0%	38,8%	33,7%
Ensino superior	65,1%	41,6%	50,3%	56,9%	19,8%	45,7%	36,3%	33,3%	41,1%	33,6%
1 - Extrema-esquerda	28,1%	43,8%	28,1%	21,9%	12,5%	31,3%	15,6%	25,0%	21,9%	18,8%
2	43,4%	33,7%	47,0%	53,0%	20,5%	43,4%	22,9%	19,3%	26,5%	31,3%
3	54,7%	39,1%	42,7%	45,3%	14,8%	46,1%	32,6%	31,8%	33,2%	34,2%
4 - Centro	54,3%	38,3%	41,0%	44,5%	20,8%	44,2%	35,4%	25,2%	33,8%	35,4%
5	58,5%	40,0%	43,6%	48,5%	19,6%	38,6%	40,3%	32,9%	44,1%	29,0%
6	57,8%	43,5%	41,5%	36,5%	21,1%	33,3%	51,0%	35,4%	46,3%	21,1%
7 - Extrema-direita	45,2%	34,2%	39,7%	31,9%	22,2%	30,6%	38,9%	30,1%	37,5%	28,8%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

De um modo geral, os resultados apontam para uma perceção híbrida da responsabilidade pela desinformação, combinando uma forte preocupação com os atores digitais individualizados (influenciadores) com uma desconfiança mais ampla em relação a fontes políticas, institucionais e baseadas em plataformas. Isto reforça a ideia de que os cidadãos

entendem a desinformação como um ecossistema com múltiplos atores, embora com uma ênfase clara no papel dos criadores de conteúdos online.

Estes resultados refletem os destacados na literatura sobre a desinformação como um fenómeno sustentado pela ação de múltiplos atores (Wardle & Derakhshan, 2017) embora com um forte subtexto relacionado com plataformas, redes e tecnologia (van Dijck et al., 2018), no qual estes atores não atuam de forma isolada, mesmo que a sua coordenação seja, na maioria das vezes, não intencional e involuntária (Tucker et al., 2018).

9. Confiança

9.1. Os benefícios e as desvantagens da ciência e da tecnologia

P19. Se tivesse de fazer um balanço da ciência e da tecnologia, tendo em conta todos os aspetos positivos e negativos, qual das seguintes opções refletiria melhor a sua opinião?, 2026 (%)

	%
Os benefícios superam as desvantagens	46,5%
Os benefícios e as desvantagens estão equilibrados	36,5%
As desvantagens superam as vantagens	15,9%
Não sei	0,9%
Prefiro não responder	0,2%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Tendo em conta a avaliação dos benefícios e das desvantagens da ciência e da tecnologia, os resultados indicam uma visão predominantemente positiva, mas matizada, da ciência e da tecnologia, com quase metade dos inquiridos (46,5%) a considerar que os benefícios superam as desvantagens, enquanto uma proporção substancial (36,5%) adota uma posição mais equilibrada. Apenas uma minoria (15,9%) considera que as desvantagens superam os benefícios. Isto sugere que, embora prevaleça o otimismo, existe também um grau significativo de ambivalência e de reflexão crítica.

Os padrões demográficos revelam diferenças significativas (tabela na página seguinte). Os homens (51,7 %) são mais propensos do que as mulheres (42,1 %) a expressar uma visão claramente positiva, enquanto as mulheres se mostram mais inclinadas a considerar os benefícios e as desvantagens equilibrados (39,5 %) e ligeiramente mais propensas a enfatizar as desvantagens (17,0 %).

As diferenças etárias são relativamente moderadas, mas os grupos mais jovens (17–34) tendem mais a adotar uma visão equilibrada, enquanto os grupos mais velhos tendem a inclinar-se ligeiramente mais para a ideia de que os benefícios superam as desvantagens. No entanto, o cepticismo (as desvantagens superam os benefícios) mantém-se bastante estável em todos os grupos etários, rondando os 16,0%.

A educação surge como um fator divisório fundamental. Os inquiridos com um nível de escolaridade elevado são marcadamente mais otimistas (61,3 %) e significativamente menos propensos a enfatizar as desvantagens (8,0 %), em comparação com aqueles com um nível de escolaridade mais baixo, entre os quais apenas 34,4 % consideram que os benefícios superam as desvantagens e 24,3 % acreditam no contrário. Isto aponta para uma forte associação entre a educação e a confiança no progresso científico e tecnológico.

P19. Se tivesse de fazer um balanço da ciência e da tecnologia, tendo em conta todos os aspetos positivos e negativos, qual das seguintes opções refletiria melhor a sua opinião?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (%)

	Os benefícios superam as desvantagens	Os benefícios e as desvantagens estão equilibrados	As desvantagens superam os benefícios	Não sei	Prefiro não responder
Total	46,5%	36,5%	15,9%	0,9%	0,2%
Homens	51,7%	32,8%	14,8%	0,7%	0,1%
Mulheres	42,1%	39,5%	17,0%	1,2%	0,2%
17-24	44,0%	40,0%	16,0%	0,0%	0,0%
25-34	41,0%	42,2%	16,5%	0,0%	0,3%
35-44	47,7%	38,4%	13,9%	0,0%	0,0%
45-54	48,3%	35,5%	16,2%	0,0%	0,0%
55-64	47,6%	33,4%	16,5%	2,0%	0,5%
65+	47,3%	33,0%	16,2%	3,5%	0,0%
Baixo nível de escolaridade	34,4%	39,8%	24,3%	1,4%	0,0%
Ensino médio	43,7%	38,8%	15,9%	1,4%	0,3%
Ensino superior	61,3%	30,5%	8,0%	0,0%	0,2%
1 - Extrema-esquerda	29,0%	32,3%	38,7%	0,0%	0,0%
2	39,0%	35,4%	25,6%	0,0%	0,0%
3	51,8%	31,8%	13,2%	3,2%	0,0%
4 - Centro	44,5%	39,1%	15,6%	0,6%	0,2%
5	53,2%	34,2%	12,1%	0,5%	0,0%
6	37,8%	45,9%	15,5%	0,0%	0,7%
7 - Extrema-direita	45,2%	26,0%	28,8%	0,0%	0,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

A orientação política apresenta os contrastes mais acentuados. A extrema-esquerda destaca-se como o grupo mais cético, com apenas 29,0% a considerar que as vantagens superam as desvantagens e uma pluralidade (38,7%) a afirmar o contrário. À medida que se avança para o centro e a direita moderada (níveis 3–5), o otimismo aumenta substancialmente, atingindo um pico de 53,2% entre os que se situam no nível 5. A extrema-direita apresenta um padrão mais ambivalente, com 45,2% de opiniões positivas, mas também uma percentagem relativamente elevada (28,8%) que salienta as desvantagens, a par de uma forte preferência por pontos de vista equilibrados entre aqueles que se situam imediatamente abaixo da extrema-direita (nível 6).

De um modo geral, os resultados apontam para um otimismo generalizado, mas desigual, em relação à ciência e à tecnologia, fortemente condicionado pelo nível de escolaridade e pela orientação política. Embora a maioria dos cidadãos reconheça os seus benefícios, uma percentagem considerável — especialmente entre os grupos com menor nível de escolaridade e os grupos ideologicamente extremistas — manifesta atitudes críticas ou céticas, refletindo as tensões persistentes na forma como a mudança tecnológica é percebida. A análise dos impactos negativos e positivos da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento em geral tem sido amplamente abordada pelas proposições teóricas da «sociedade de risco» (Beck, 1992), mas ressoa fortemente com a discussão em apreço, devido aos aspetos da IA que suscitam ansiedade (Qian et al., 2024).

É de salientar que as dinâmicas subjacentes à perceção da ciência são, nestes termos de discussão, de natureza multifatorial e, mais importante ainda, que mesmo um posicionamento neutro em relação à ciência pode ter causas diferentes, no sentido de que nem todo o cepticismo é igual e depende, em grande medida, do contexto (Rutjens et al., 2018).

9.2. Confiança nos outros

P20. Diria que, regra geral, nunca se pode ser demasiado cauteloso ao lidar com os outros, ou que se pode confiar na maioria das pessoas? Por favor, avalie-se numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «nunca se pode ser demasiado cauteloso» e 7 significa «pode-se confiar na maioria das pessoas». 2026 (% e médias)

	%
1 - Nunca se é demasiado cuidadoso	13,7%
2	9,2%
3	18,3%
4	35,1%
5	17,3%
6	2,9%
7 - Pode confiar na maioria das pessoas	3,4%
Não sei	0,0%
Prefiro não responder	0,0%
	Média
Média	3,55

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Ao analisar a confiança que os inquiridos depositam nos outros, os resultados apontam para um nível moderado, mas cauteloso, de confiança interpessoal, com uma média global de 3,55 numa escala de 1 a 7, ligeiramente abaixo do ponto médio. Isto sugere que os inquiridos tendem ligeiramente para a ideia de que «nunca se é demasiado cauteloso», em vez de confiarem plenamente nos outros.

A distribuição reforça esta interpretação. A maior parte dos inquiridos (35,1%) escolheu o ponto médio (4), indicando ambivalência, enquanto um total de 41,2% se situou no lado mais cauteloso (1–3), em comparação com 23,6% no lado mais confiante (5–7). A confiança forte é relativamente rara, com apenas 3,4% a selecionar a categoria mais elevada. Os padrões

demográficos revelam uma variação sistemática (tabela na página seguinte). Os homens (3,70) referem níveis de confiança mais elevados do que as mulheres (3,41), indicando uma ligeira diferença de género na confiança social percebida. As diferenças etárias são igualmente pronunciadas: os inquiridos mais jovens (17–24 = 3,85; 25–34 = 3,75) são os que demonstram maior confiança, enquanto a confiança diminui de forma constante com a idade, atingindo o seu nível mais baixo entre os maiores de 65 anos (3,28).

P20. Diria que, regra geral, nunca se pode ser demasiado cauteloso ao lidar com os outros, ou que se pode confiar na maioria das pessoas? Por favor, avalie-se numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «nunca se pode ser demasiado cauteloso» e 7 significa «pode-se confiar na maioria das pessoas». Por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	Médias
Total	3,55
Masculino	3,70
Mulheres	3,41
17-24	3,85
25-34	3,75
35-44	3,54
45-54	3,53
55-64	3,54
65+	3,28
Baixo nível de escolaridade	3,43
Nível de escolaridade médio	3,51
Ensino superior	3,72
1 - Extrema-esquerda	2,97
2	3,01
3	3,53
4 - Centro	3,51
5	3,73
6	3,55
7 - Extrema-direita	4,02

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 — «Nunca se pode ser demasiado cauteloso» e 7 — «Pode confiar na maioria das pessoas».

A educação está associada de forma positiva à confiança. Os inquiridos com um nível de escolaridade elevado (3,72) apresentam níveis de confiança mais elevados do que aqueles com escolaridade média (3,51) ou baixa (3,43), sugerindo que a educação pode fomentar uma maior confiança nos outros ou nas instituições sociais de forma mais ampla. A orientação política apresenta um dos gradientes mais evidentes. A extrema-esquerda apresenta os níveis mais baixos de confiança (2,97), seguida pelos que se situam no nível 2 (3,01), o que indica uma forte tendência para a cautela. A confiança aumenta progressivamente em direção ao centro e à direita moderada, atingindo o pico de 4,02 entre a extrema-direita, o único grupo claramente acima do ponto médio. Isto sugere que o

posicionamento ideológico está fortemente ligado à confiança generalizada, com os indivíduos de tendência à direita a expressarem mais confiança nos outros do que os inquiridos de tendência à esquerda.

Em geral, os resultados retratam uma sociedade caracterizada por uma confiança cautelosa, onde a ambivalência domina e a confiança forte é limitada. As diferenças em função da idade, do nível de escolaridade e, especialmente, da orientação política indicam que a confiança interpessoal está distribuída de forma desigual, podendo moldar a forma como os indivíduos interagem com a informação, as instituições e uns com os outros. O quadro analítico para a confiança interpessoal utilizado neste contexto, entendida como a convicção de que se pode confiar nas outras pessoas, constitui uma componente central do capital social e do funcionamento democrático, mas pode ser afetado por ambientes informativos caracterizados pela desinformação e pela polarização (Putnam, 2000; Uslaner, 2002; Lewandowsky et al., 2023).

9.3. Confiança nas instituições

P21. Em que medida confia nas seguintes instituições ou grupos para lidar com questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, a saúde ou o ambiente: muito, bastante, um pouco ou nada?, 2026 (% e médias)

	%							
	P21.1 O Governo português	P21.2 Governo regional/autónomo (dependendo da região de residência)	P21.3 Os políticos	P21.4 Nações Unidas / Organização Mundial de Saúde (OMS)	P21.5 União Europeia	P21.6 Jornalistas	P21.7 Cientistas	P21.8 IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera)
1 – Nada	16,1%	14,0%	30,5%	11,3%	11,2%	13,0%	4,0%	4,9%
2 – Um pouco	45,2%	47,4%	51,9%	35,0%	38,2%	46,4%	21,7%	22,9%
3 – Bastante	30,5%	32,0%	12,2%	41,5%	41,8%	35,1%	54,1%	51,9%
4 – Muito	5,7%	4,4%	2,1%	10,1%	6,5%	4,1%	18,8%	19,2%
Não sei	0,6%	0,5%	1,6%	2,1%	1,8%	1,3%	1,3%	0,7%
Prefiro não responder	1,9%	1,7%	1,7%	0,1%	0,5%	0,2%	0,1%	0,3%
	Médias							
Média	2,26	2,27	1,85	2,52	2,45	2,31	2,89	2,86

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Tendo em conta o panorama da confiança institucional, os resultados revelam um panorama estratificado da confiança institucional, com diferenças claras entre os atores científicos, as organizações internacionais e as instituições políticas. De um modo geral, os níveis de confiança mantêm-se moderados, mas nenhuma instituição alcança uma avaliação fortemente positiva, o que indica uma atitude pública geralmente cautelosa.

A nível agregado, os cientistas (média = 2,89) e o IPMA — Instituto Português do Mar e da Atmosfera (2,86) — destacam-se como os atores que inspiram maior confiança. A maioria dos inquiridos manifesta uma confiança relativamente elevada nestes grupos, com mais de metade a indicar «bastante» confiança (54,1 % no caso dos cientistas, 51,9 % no caso do IPMA) e percentagens comparativamente elevadas a selecionar «muita» confiança (18,8 % e 19,2 %, respetivamente). Isto posiciona os conhecimentos científicos e técnicos como a fonte de autoridade mais credível na abordagem de questões relacionadas com a ciência, a saúde e o ambiente.

Um segundo nível inclui instituições internacionais e supranacionais, nomeadamente as Nações Unidas / Organização Mundial de Saúde (2,52) e a União Europeia (2,45). Estes atores beneficiam de perfis de confiança relativamente equilibrados, com cerca de 40,0% dos inquiridos a expressarem «bastante» confiança, embora um número menor selecione a categoria mais elevada. A confiança nestas instituições está, assim, presente, mas não é esmagadoramente forte, refletindo um grau de legitimidade combinado com algum cepticismo.

Em contrapartida, os atores políticos nacionais são os que suscitam menos confiança. Os políticos recebem a pontuação média mais baixa (1,85), com 30,5% a não manifestarem qualquer confiança e uma maioria (51,9%) a indicar apenas «um pouco» de confiança. Da mesma forma, o Governo português (2,26) e os governos regionais/autónomos (2,27) são vistos com mais cepticismo do que os atores científicos ou internacionais, com uma maioria a selecionar «um pouco» de confiança. Os jornalistas (2,31) ocupam uma posição intermédia, mas inclinam-se mais para as instituições políticas do que para os atores científicos. Quase metade dos inquiridos (46,4%) afirma confiar nos jornalistas apenas «um pouco», o que sugere preocupações persistentes quanto à credibilidade dos meios de comunicação social, embora a desconfiança total continue a ser inferior à registada em relação aos políticos.

P21. Em que medida confia nas seguintes instituições ou grupos para lidar com questões relacionadas com a ciência e a tecnologia, a saúde ou o ambiente: muito, bastante, um pouco ou nada?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	P21.1 O Governo português	P21.2 Governo regional/autónomo (dependendo da região de	P21.3 Os políticos	P21.4 As Nações Unidas / Organização Mundial de Saúde (OMS)	P21.5 União Europeia	P21.6 Jornalistas	P21.7 Cientistas	P21.8 IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera)
Total	2,26	2,27	1,85	2,52	2,45	2,31	2,89	2,86
Masculino	2,29	2,29	1,88	2,48	2,43	2,30	2,92	2,84
Mulheres	2,24	2,26	1,83	2,55	2,46	2,31	2,87	2,89
17-24	2,26	2,33	2,07	2,68	2,56	2,35	2,74	2,72
25-34	2,20	2,24	1,92	2,48	2,45	2,17	2,71	2,70
35-44	2,18	2,23	1,87	2,55	2,52	2,28	2,86	2,78
45-54	2,20	2,17	1,78	2,52	2,40	2,27	2,90	2,87
55-64	2,33	2,31	1,86	2,54	2,41	2,42	2,96	2,95
65+	2,47	2,49	1,79	2,39	2,44	2,38	3,08	3,08
Baixo nível de escolaridade	2,23	2,26	1,81	2,35	2,32	2,30	2,76	2,81
Ensino médio	2,20	2,20	1,82	2,48	2,39	2,26	2,83	2,83
Ensino superior	2,36	2,37	1,93	2,71	2,63	2,37	3,08	2,95
1 – Extrema-esquerda	2,28	2,21	1,88	2,54	2,50	2,39	2,63	2,84
2	2,12	2,25	1,76	2,39	2,25	2,21	2,88	2,90
3	2,33	2,33	1,86	2,66	2,52	2,41	2,99	2,94
4 – Centro	2,24	2,26	1,83	2,51	2,45	2,29	2,84	2,85
5	2,35	2,29	1,91	2,53	2,49	2,32	3,02	2,92
6	2,09	2,22	1,73	2,30	2,30	2,12	2,90	2,78
7 – Extrema-direita	2,18	2,24	1,99	2,24	2,18	2,31	2,58	2,77

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 e 4, sendo que 1 significa «Nada» e 4 significa «Muito».

Os padrões demográficos reforçam estas hierarquias. A confiança nos cientistas e na IPMA aumenta com a idade e o nível de escolaridade, atingindo o seu pico entre os inquiridos mais idosos e com um nível de escolaridade elevado (médias superiores a 3,0). Em contrapartida, a confiança nas instituições políticas mantém-se consistentemente baixa em todos os grupos, com apenas variações marginais.

A orientação política introduz mais nuances. Embora a confiança nos cientistas se mantenha relativamente elevada em todo o espectro político, os inquiridos de extrema-direita tendem

a manifestar uma confiança ligeiramente inferior nas instituições internacionais (ONU / OMS = 2,24, UE = 2,18) em comparação com os indivíduos de centro ou de esquerda. Entretanto, a confiança nas instituições nacionais varia de forma menos acentuada, mas mantém-se, em geral, moderada.

Em suma, os resultados indicam uma hierarquia clara de confiança: as instituições científicas e técnicas inspiram mais confiança do que as organizações internacionais, que, por sua vez, superam, por ordem, os meios de comunicação social e os atores políticos nacionais. Este padrão sublinha o papel central da autoridade baseada na especialização, ao mesmo tempo que destaca um cepticismo profundamente enraizado em relação às instituições políticas, o que pode ter implicações na comunicação de políticas e na adesão do público em áreas como a saúde e a governação ambiental. Os resultados estão em consonância com os dados históricos destacados no Barómetro de Confiança da Edelman, onde cientistas e professores (aqueles que lidam com o conhecimento) obtêm avaliações de confiança consideravelmente mais elevadas por parte dos cidadãos do que os políticos ou os meios de comunicação social (Edelman Trust Institute, 2026).

10. Populismo científico

10.1. Ciência e sociedade

P22. As afirmações seguintes referem-se à relação entre a ciência e a sociedade. Em que medida concorda ou discorda delas?, 2026 (% e médias)

	%					
	Q22.1 Os cientistas estão interessados apenas no seu próprio benefício.	Q22.2 Os cientistas estão em conluio com políticos e empresas.	Q22.3 As pessoas comuns devem ter uma palavra a dizer no trabalho dos cientistas.	Q22.4 As pessoas comuns devem estar envolvidas nas decisões sobre os temas que os cientistas investigam.	Q22.5 As pessoas comuns devem confiar mais na sua própria experiência de vida do que nas recomendações dos cientistas.	Q22.6 A nossa sociedade deve basear-se mais no senso comum do que em estudos científicos.
1 – Discordo totalmente	17,8%	7,4%	16,1%	13,7%	14,0%	19,1%
2	17,2%	11,2%	14,5%	13,8%	13,4%	15,6%
3	21,7%	16,3%	14,6%	15,3%	15,8%	15,8%
4	23,9%	29,9%	28,0%	26,0%	28,7%	24,9%
5	11,5%	17,4%	15,1%	16,7%	16,7%	12,9%
6	3,7%	8,9%	6,4%	8,2%	6,4%	6,2%
7 – Concordo plenamente	3,7%	7,0%	4,8%	5,7%	4,7%	5,1%
Não sei	0,5%	1,8%	0,5%	0,6%	0,3%	0,4%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
	Médias					
Média	3,20	3,95	3,00	3,66	3,59	3,36

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Tendo em conta a relação entre a ciência e a sociedade, foi perguntado aos inquiridos o seu grau de concordância com uma série de afirmações relacionadas com a forma como a ciência interage com outras esferas sociais, bem como sobre o papel dos cidadãos na definição das agendas científicas. Os dados apontam para uma relação complexa e, de certa forma, ambivalente entre a ciência, o conhecimento especializado e a sociedade, combinando uma confiança moderada na autoridade científica com um cepticismo significativo quanto à independência dos cientistas e um forte apoio ao envolvimento do público na tomada de decisões na esfera científica.

A nível agregado, a afirmação que recebeu maior apoio é a Q22.2 («Os cientistas estão em conluio com políticos e empresas») (média = 3,95). Esta pontuação relativamente elevada, próxima do ponto médio mas inclinada para a concordância, indica uma desconfiança generalizada quanto à independência dos agentes científicos, sugerindo que muitos

inquiridos percebem a ciência como estando entrelaçada com interesses políticos e económicos.

Em contrapartida, a Q22.3 («As pessoas comuns devem ter uma palavra a dizer no trabalho dos cientistas») (3,00) regista a média mais baixa, embora ainda se situe em torno do ponto médio. Isto sugere que, embora a participação pública seja apoiada, não é endossada de forma esmagadora como um princípio fundamental que orienta o trabalho científico. De forma mais ampla, os inquiridos manifestam um acordo moderado com abordagens participativas e experienciais ao conhecimento. Tanto a Q22.4 (envolvimento das pessoas comuns nas decisões) (3,66) como a Q22.5 (valorização da experiência vivida a par das recomendações científicas) (3,59) obtêm pontuações relativamente elevadas, aludindo a um modelo epistemológico híbrido em que a especialização científica é respeitada, mas não considerada suficiente por si só.

Ao mesmo tempo, verifica-se algum apoio à autoridade científica, tal como refletido na Q22.6 («a sociedade deve confiar mais nos estudos científicos do que no senso comum») (3,36). No entanto, o nível moderado de concordância sugere que a ciência não é vista como a única ou dominante fonte de conhecimento legítimo, mas sim como um componente entre outros, o que nem sempre se reflete na forma como os cientistas se posicionam e se apresentam na esfera pública.

A afirmação Q22.1 («Os cientistas estão apenas interessados no seu próprio benefício») (3,20) também recebe uma pontuação intermédia, reforçando a ideia de um cepticismo latente em relação às motivações dos cientistas, embora não com a mesma intensidade que a perceção de envolvimento institucional captada na Q22.2.

Os padrões demográficos aprofundam esta interpretação (tabela na página seguinte). Os inquiridos mais jovens (17–24) demonstram maior concordância com afirmações participativas e céticas (por exemplo, 4,39 na Q22.2), indicando uma postura mais crítica e empenhada em relação à ciência. Por outro lado, os grupos mais idosos (65+) revelam menor concordância com estas visões céticas (3,30 na Q22.2) e uma confiança ligeiramente maior na autoridade científica, sugerindo uma orientação mais deferente em relação ao conhecimento especializado.

A educação também desempenha um papel fundamental. Os inquiridos com menor nível de escolaridade demonstram consistentemente um maior grau de concordância na maioria das afirmações, incluindo o cepticismo em relação aos cientistas e o apoio ao envolvimento do público, enquanto os indivíduos com maior nível de escolaridade se mostram mais contidos, particularmente no que diz respeito a alegações sobre o interesse próprio dos cientistas ou a conivência com o poder político e/ou económico.

A divisão mais marcante surge ao longo de linhas políticas. Os inquiridos de extrema-direita demonstram sistematicamente um maior grau de concordância em todas as afirmações, incluindo tanto alegações céticas (por exemplo, 5,22 na Q22.2) como posições participativas (por exemplo, 4,84 na Q22.4). Isto indica uma crítica fortemente politizada à autoridade científica, possivelmente combinada com o apoio a formas alternativas de conhecimento. Em contrapartida, os inquiridos de extrema-esquerda apresentam os níveis mais baixos de

concordância, sugerindo uma confiança comparativamente maior nas instituições científicas e um menor apoio a enquadramentos anti-elitistas.

Q22. As seguintes afirmações referem-se à relação entre a ciência e a sociedade. Em que medida concorda ou discorda delas?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	Q22.1 Os cientistas estão interessados apenas no seu próprio benefício.	Q22.2 Os cientistas estão em conluio com políticos e empresas.	Q22.3 As pessoas comuns devem ter uma palavra a dizer no trabalho dos cientistas.	Q22.4 As pessoas comuns devem estar envolvidas nas decisões sobre os temas que os cientistas investigam.	Q22.5 As pessoas comuns devem confiar mais na sua própria experiência de vida do que nas recomendações dos cientistas.	P22.6 A nossa sociedade deveria basear-se mais no bom senso do que em estudos científicos.
Todos	3,20	3,95	3,00	3,66	3,59	3,36
Masculino	3,24	4,00	3,58	3,74	3,73	3,48
Mulheres	3,17	3,91	3,43	3,58	3,46	3,23
17-24	3,25	4,39	3,77	4,01	3,74	3,60
25-34	3,29	4,12	3,83	3,76	3,48	3,42
35-44	3,31	4,01	3,56	3,68	3,44	3,23
45-54	3,35	4,07	3,50	3,69	3,65	3,29
55-64	3,11	3,92	3,40	3,70	3,68	3,39
65+	2,82	3,30	3,09	3,28	3,55	3,40
Baixo nível de escolaridade	3,40	3,97	3,61	3,80	3,89	3,73
Ensino médio	3,27	4,10	3,67	3,80	3,73	3,52
Ensino superior	2,95	3,79	3,22	3,38	3,15	2,85
1 – Extrema-esquerda	2,40	2,78	2,87	3,36	3,32	3,60
2	2,78	3,38	3,19	3,23	3,04	2,80
3	2,88	3,70	3,28	3,39	3,33	3,18
4 – Centro	3,20	3,99	3,51	3,70	3,61	3,34
5	3,25	3,89	3,50	3,71	3,61	3,32
6	3,59	4,22	3,60	3,60	3,75	3,59
7 – Extrema-direita	4,53	5,22	4,55	4,84	4,73	4,56

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Discordo totalmente» e 7 a «Concordo totalmente».

De um modo geral, os resultados revelam um panorama epistémico híbrido e contestado: a ciência continua a ser uma fonte de conhecimento importante e relativamente fiável, mas está simultaneamente sujeita a suspeitas, a exigências de democratização e à concorrência de formas de compreensão baseadas na experiência. O debate sobre a necessidade de uma integração mais profunda entre a esfera científica e a sociedade em geral não é novo (Royal

Society, 1985; Irwin, 1995). A prevalência de uma abordagem descendente consolida-se numa postura condescendente entre cientistas e cidadãos, na qual os primeiros informam os segundos, mas sem se envolverem verdadeiramente de forma significativa (Irwin & Wynne, 1996). Como tal, a investigação apela a um maior envolvimento do público, à coprodução de conhecimento e a formas de prática científica mais enraizadas socialmente (Bucchi & Trench, 2021; Jasanoff, 2005; Nowotny et al., 2001).

10.2. Partilha de opiniões científicas

P23. [Partilha de pontos de vista científicos] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, 2026 (% e médias)

	%		
	P23.1 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, independentemente do que os outros pensem.	P23.2 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, mesmo que isso pudesse levar a que ficasse mais isolado dos outros.	P23.3 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, mesmo que achasse que os outros se opõem a essas opiniões.
1- Discordo totalmente	9,6%	9,5%	8,3%
2	9,8%	8,8%	8,3%
3	13,5%	12,7%	12,1%
4	24,8%	24,7%	25,0%
5	18,8%	19,7%	20,5%
6	9,5%	11,3%	11,2%
7 – Concordo plenamente	12,1%	11,3%	12,9%
Não sei	1,8%	1,8%	1,8%
Prefiro não responder	0,1%	0,1%	0,1%
		Média	
Média	4,13	4,18	4,29

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Ao analisar as perspetivas sobre a partilha de opiniões científicas, os resultados indicam uma disposição relativamente forte entre os inquiridos para expressarem os seus pontos de vista sobre questões científicas, mesmo em contextos sociais ou reações potencialmente adversos. Nas três afirmações, as pontuações médias situam-se acima do ponto médio, sugerindo que a expressão pública sobre temas relacionados com a ciência é, em geral, normalizada e não inibida.

A nível agregado, observa-se o maior grau de concordância na pergunta Q23.3 («Partilharia as minhas opiniões mesmo que outros se opusessem a elas») (média = 4,29). Isto sugere um elevado grau de resiliência percebida face ao desacordo social, indicando que os inquiridos se sentem relativamente à vontade para expressar opiniões divergentes sobre questões científicas.

De igual modo, a Q23.2 (disposição para partilhar opiniões mesmo correndo o risco de isolamento social) (4,18) também apresenta uma pontuação relativamente elevada,

reforçando a ideia de que os custos sociais não dissuadem fortemente a expressão. Entretanto, a Q23.1, relativa à partilha de opiniões independentemente do que os outros pensam (4,13), embora ligeiramente inferior, continua a refletir uma postura comunicativa amplamente assertiva.

A distribuição das respostas corrobora ainda mais esta interpretação: as maiores percentagens concentram-se em torno do ponto médio (categoria 4), mas as categorias de concordância combinadas (5–7) superam consistentemente a discordância (1–3) em todos os itens. Isto aponta para uma inclinação moderada, mas clara, para a expressão aberta, em vez de hesitação.

Q23. [Partilha de opiniões científicas] Indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações:, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (Médias)

	P23.1 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, independentemente do que os outros pensem.	P23.2 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, mesmo que isso pudesse levar a que ficasse mais isolado dos outros.	P23.3 Partilharia as minhas opiniões sobre questões científicas, mesmo que achasse que os outros se opõem a essas opiniões.
Total	4,13	4,18	4,29
Masculino	4,19	4,31	4,40
Mulheres	4,07	4,04	4,17
17-24	3,68	4,27	4,37
25-34	3,85	4,15	4,21
35-44	4,16	4,23	4,40
45-54	4,16	4,16	4,22
55-64	4,42	4,25	4,36
65+	4,17	4,03	4,21
Baixo nível de escolaridade	4,04	4,04	4,12
Nível de escolaridade médio	4,09	4,17	4,29
Ensino superior	4,25	4,31	4,44
1 – Extrema-esquerda	3,69	3,35	3,52
2	4,23	4,37	4,41
3	4,06	4,11	4,18
4 – Centro	4,09	4,06	4,15
5	4,12	4,24	4,39
6	4,21	4,41	4,51
7 – Extrema-direita	4,79	4,94	5,29

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Discordo totalmente» e 7 a «Concordo totalmente».

Os padrões demográficos revelam alguma variação, mas reforçam, em grande medida, a tendência geral. Os homens manifestam uma disposição ligeiramente superior para partilhar opiniões do que as mulheres, particularmente em cenários mais conflituosos (por exemplo, 4,40 contra 4,17 na pergunta 23.3). As diferenças etárias são mais matizadas: os inquiridos mais jovens (17–24) mostram-se menos propensos a partilhar opiniões «independentemente dos outros» (3,68), mas revelam uma disposição relativamente elevada quando a questão é enquadrada em termos de desacordo ou isolamento, sugerindo um comportamento comunicativo dependente do contexto.

O nível de escolaridade está associado de forma positiva à disposição para expressar opiniões. Os inquiridos com maior nível de escolaridade obtêm consistentemente as pontuações mais elevadas em todos os itens (por exemplo, 4,44 na Q23.3), indicando que a confiança ou o envolvimento com questões científicas podem facilitar a expressão pública.

As diferenças mais pronunciadas surgem ao longo de linhas políticas. Os inquiridos de extrema-direita demonstram um nível de concordância significativamente mais elevado em todas as afirmações, particularmente em cenários de conflito (5,29 na Q23.3, 4,94 na Q23.2). Isto sugere uma forte propensão para uma expressão assertiva e potencialmente conflituosa de opiniões sobre questões científicas. Em contrapartida, os inquiridos de extrema-esquerda apresentam os níveis mais baixos de concordância (por exemplo, 3,52 na P23.3), o que indica uma abordagem mais contida ou sensível ao contexto no que diz respeito à expressão pública.

De um modo geral, os resultados apontam para uma esfera pública em que os indivíduos estão, de um modo geral, dispostos a expressar opiniões sobre ciência, mesmo perante desacordo ou pressão social. No entanto, esta abertura está distribuída de forma desigual, sendo a orientação política o fator diferenciador mais forte, podendo moldar não só o que as pessoas acreditam sobre ciência, mas também a forma como participam na sua discussão pública. Os aspetos relacionados com a disposição para partilhar opiniões científicas ou para utilizar o conhecimento científico como argumento revestem-se de particular importância no atual contexto social e político.

A ciência é frequentemente mobilizada como um recurso retórico, em que os intervenientes invocam ou contestam seletivamente os conhecimentos especializados para apoiar posições pré-existentes ou para deslegitimar a opinião dos outros, um processo ligado ao raciocínio motivado e à politização da ciência (Bolsen & Druckman, 2018; Gieryn, 1983). Em contextos políticos polarizados, o aspeto grupal subjacente à instrumentalização da ciência assume uma relevância ainda maior, uma vez que, perante a incerteza, as pessoas moldam as suas perspetivas com base nas avaliações morais que partilham com os outros (Kahan, 2012), ao mesmo tempo que apresentam uma predisposição para rejeitar informações que se opõem às configurações epistemológicas dos grupos a que pertencem (Kahan, 2011; Kahan, 2017).

Kahan (2012) apresenta um argumento interessante sobre o poder potencialmente polarizador do conhecimento: ao contrário do que se defende no «modelo do défice» (Brown, 2009) (as pessoas discordam devido à falta de conhecimento), o autor demonstra que os indivíduos com perfis de literacia mais elevados em numeracia/ciências são mais propensos à polarização, uma vez que avaliam as suas competências cognitivas e conhecimentos para filtrar seletivamente os dados que confirmam as suas opiniões políticas (Kahan, 2012). As conclusões de Kahan assumem particular relevância para esta discussão, uma vez que as

principais referências se basearam em investigação sobre temas como o ambiente, o clima e as catástrofes ambientais.

10.3. A sociedade e os seus subgrupos

Ao observar as atitudes em relação aos subgrupos da sociedade, os dados apontam para um forte compromisso normativo com a igualdade entre grupos, combinado com uma ambivalência residual e uma clara polarização ideológica, particularmente no que diz respeito a visões hierárquicas e anti-igualitárias.

A nível agregado, observa-se o maior grau de concordância nas perguntas Q24.1 («Ao definir prioridades, devemos ter em conta todos os grupos») (média = 5,08) e Q24.3 («A igualdade entre grupos deve ser o nosso ideal») (5,06). Ambas as afirmações recebem elevados níveis de apoio, com uma grande percentagem a selecionar categorias de concordância (5–7), incluindo 28,3% e 27,2% que «concordam totalmente», respetivamente. Isto indica que os princípios igualitários são amplamente apoiados e constituem uma base normativa central na opinião pública.

Em contrapartida, a Q24.4 («Os grupos superiores devem dominar os grupos inferiores») (2,40) é rejeitada de forma esmagadora. Quase metade dos inquiridos (47,1%) «discorda totalmente», e os níveis de concordância são extremamente baixos (apenas 2,7% «concorda totalmente»), o que aponta para uma clara rejeição de visões explicitamente hierárquicas ou supremacistas.

No entanto, as atitudes tornam-se mais matizadas quando se considera a Q24.2 («Não devemos promover a igualdade entre grupos») (3,74). Embora a média se mantenha abaixo do ponto médio, indicando um desacordo geral, a pontuação relativamente elevada em comparação com a Q24.4 sugere um certo grau de ambivalência ou resistência em relação a políticas ativas de promoção da igualdade, mesmo entre indivíduos que apoiam a igualdade como princípio. Isto reflete uma distinção entre endossar a igualdade do ponto de vista normativo e apoiar intervenções para a alcançar.

Q24. As sociedades estão divididas em grupos104 ex: homens e mulheres, grupos étnicos e religiosos, nacionalidades, facções políticas, etc. Em geral, em que medida concorda ou discorda das seguintes ideias sobre os grupos? 2026 (% e médias)

	%			
	Q24.1 Ao definir prioridades, devemos ter em conta todos os grupos.	Q24.2 Não devemos insistir na igualdade entre grupos.	Q24.3 A igualdade entre grupos deve ser o nosso ideal.	Q24.4 Os grupos superiores devem dominar os grupos inferiores.
1- Discordo totalmente	3,9%	16,4%	3,7%	47,1%
2	4,2%	11,4%	4,1%	14,3%
3	9,5%	12,7%	8,1%	10,6%
4	18,6%	25,6%	21,0%	15,4%
5	18,0%	14,5%	18,9%	6,8%
6	17,3%	8,8%	16,5%	2,8%
7 – Concordo plenamente	28,3%	9,1%	27,2%	2,7%
Não sei	0,0%	1,3%	0,1%	0,2%
Prefiro não responder	0,2%	0,2%	0,3%	0,1%
	Médias			
Média	5,08	3,74	5,06	2,40

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Os padrões demográficos reforçam estas dinâmicas. Os inquiridos mais idosos (65+) manifestam o maior apoio aos princípios igualitários (por exemplo, 5,88 na Q24.1, 5,76 na Q24.3) e a menor aceitação de perspetivas hierárquicas (1,89 na Q24.4). Os inquiridos mais jovens (17–24), embora continuem a ser amplamente igualitários, demonstram um apoio ligeiramente mais fraco à igualdade e uma maior abertura a enquadramentos hierárquicos (3,28 na Q24.4), sugerindo uma postura normativa mais fluida ou menos consolidada.

A educação também desempenha um papel importante. Os indivíduos com maior nível de escolaridade demonstram um apoio mais forte à igualdade (5,17 na Q24.3) e menor concordância com visões hierárquicas (2,17 na Q24.4), enquanto os inquiridos com menor nível de escolaridade revelam uma ambivalência ligeiramente maior, particularmente no que diz respeito a medidas de promoção da igualdade (3,78 na Q24.2).

Q24. As sociedades estão divididas em grupos: homens e mulheres, grupos étnicos e religiosos, nacionalidades, facções políticas, etc. Em geral, em que medida concorda ou discorda das seguintes ideias sobre os grupos?, por género, idade, nível de escolaridade e orientação política, 2026 (médias)

	Q24.1 Ao definir prioridades, devemos ter em conta todos os grupos.	Q24.2 Não devemos insistir na igualdade entre grupos.	Q24.3 A igualdade entre grupos deve ser o nosso ideal.	Q24.4 Os grupos superiores devem dominar os grupos inferiores.
Total	5,08	3,74	5,06	2,40
Masculino	4,96	3,97	5,01	2,62
Mulheres	5,21	3,52	5,13	2,16
17-24	4,16	3,86	4,70	3,28
25-34	4,53	3,79	4,90	2,83
35-44	4,86	3,77	4,76	2,55
45-54	5,13	3,92	4,90	2,32
55-64	5,34	3,70	5,25	2,09
65+	5,88	3,35	5,76	1,89
Baixo nível de escolaridade	4,96	3,78	5,04	2,51
Ensino médio	4,96	3,95	4,99	2,50
Ensino superior	5,33	3,49	5,17	2,17
1 – Extrema-esquerda	4,62	3,22	4,63	2,37
2	5,58	2,82	5,83	1,71
3	5,32	3,32	5,46	2,01
4 – Centro	5,10	3,65	5,02	2,31
5	5,02	4,07	4,96	2,57
6	4,77	4,23	4,60	2,85
7 – Extrema-direita	4,78	4,73	4,76	3,72

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031. Nota: A escala varia entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a «Discordo totalmente» e 7 a «Concordo totalmente».

As diferenças mais acentuadas surgem em função da orientação política. Embora o apoio à igualdade (Q24.1 e Q24.3) seja relativamente elevado em todo o espectro político, os inquiridos de extrema-direita divergem acentuadamente em relação a afirmações hierárquicas e anti-igualitárias. Apresentam o maior grau de concordância com a Q24.2 (4,73) e a Q24.4 (3,72), o que indica uma maior abertura à desigualdade e à ordenação hierárquica entre grupos. Em contrapartida, os inquiridos de extrema-esquerda manifestam a mais forte rejeição destas perspetivas (por exemplo, 2,37 na Q24.4) e um menor grau de concordância com posições anti-igualitárias (3,22 na Q24.2). Curiosamente, os grupos centristas e moderados tendem a agrupar-se em torno da média geral, sugerindo que a polarização é impulsionada principalmente pelos extremos ideológicos, em particular pela extrema-direita.

De um modo geral, os resultados apontam para um amplo consenso social em torno da igualdade como ideal normativo e para divisões ideológicas significativas no que diz respeito à ordem social hierárquica. Portugal apresenta valores elevados em termos de apoio aos

valores igualitários, apoio à distribuição de recursos, bem como na abertura à concessão de direitos sociais e acesso à segurança social aos imigrantes (ESS ERIC, 2023).

11. Utilização da Internet

P25. Em média, com que frequência utilizou a Internet nos últimos 3 meses? (Por favor, inclua o acesso a partir de qualquer local e utilizando qualquer dispositivo: computador, portátil, tablet, telemóvel, etc.), 2026 (%)

	%
1 – Várias vezes por dia	69,0%
2 – Todos os dias ou quase todos os dias	17,9%
3 – Pelo menos uma vez por semana, mas não todos os dias	7,3%
4 – Menos de uma vez por semana	5,1%
5 – Não utilizei a Internet nos últimos três meses	0,0%
Não sei	0,4%
Prefiro não responder	0,2%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

A análise dos dados relativos à utilização da Internet revela uma sociedade digital altamente conectada e funcionalmente integrada, na qual a utilização intensiva da Internet coexiste com níveis moderados — e não elevados — de confiança. Começando pela frequência de utilização, o acesso à Internet está profundamente enraizado na vida quotidiana. Um número impressionante de 69,0% afirma utilizar a Internet várias vezes por dia, e outros 17,9% utilizam-na diariamente ou quase diariamente, o que significa que quase 87,0% são utilizadores diários. A utilização ocasional é marginal e a não utilização é praticamente inexistente (0,0%), o que confirma a penetração quase universal da conectividade digital. Estes padrões estão em consonância com dados consistentes do Relatório Nacional Português sobre Notícias Digitais, que identifica uma vasta maioria da população como estando «sempre ligada» (Cardoso et al., 2025).

P26. Em geral, indique o seu nível de confiança na Internet:, 2026 (%)

	%
1 – Pouca ou nenhuma	24,3%
2 – Bastante	63,5%
3 – Muito	10,1%
Não sei	1,3%
Prefiro não responder	0,8%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Apesar desta utilização generalizada, a confiança na Internet continua a ser moderada, em vez de forte. A maioria (63,5%) afirma confiar «bastante» na Internet, mas apenas 10,1% expressam uma elevada confiança, enquanto uma percentagem substancial de 24,3% afirma ter pouca ou nenhuma confiança. Esta distribuição sugere uma relação pragmática com os ambientes digitais: as pessoas dependem fortemente da Internet na prática, mas mantêm reservas quanto à sua fiabilidade, segurança ou credibilidade. Conforme referido anteriormente, a confiança nas fontes e nos portais de acesso a conteúdos varia

consideravelmente consoante as fontes em questão, embora seja evidente que existe uma confiança consideravelmente menor na Internet como um todo, em comparação com os meios de comunicação tradicionais e, em termos mais fragmentados, nos motores de busca e nas redes sociais, em particular (Cardoso et al., 2025).

P27. Indique se, nos últimos 3 meses, utilizou a Internet, através de qualquer dispositivo (incluindo aplicações), para realizar alguma das seguintes atividades por motivos pessoais:, 2026 (%)

	Sim	Não	Não sei	Prefiro não responder
P27.1 Participação nas redes sociais (criar um perfil, enviar mensagens ou outras publicações no Facebook, TikTok, X, Instagram, etc.)	71,4%	28,4%	0,1%	0,1%
P27.2 Expressar opiniões sobre questões cívicas ou políticas em sítios Web ou redes sociais (por exemplo, Facebook, X, Instagram, YouTube)	31,3%	68,5%	0,1%	0,1%
P27.3 Ver conteúdos de vídeo em plataformas de partilha (por exemplo, YouTube, Twitch, etc.)	75,5%	24,4%	0,1%	0,1%
P27.4 Visualização de filmes ou vídeos a pedido de fornecedores comerciais (Netflix, HBO Max, Prime Video, Disney+, Apple TV, Sky, Filmin, etc.)	56,9%	43,0%	0,1%	0,1%
P27.5 Pesquisar informações sobre temas de saúde (lesões, doenças, nutrição, melhoria da saúde, etc.)	73,3%	26,6%	0,1%	0,1%
P27.6 Venda de bens ou serviços online (por exemplo, OLX, Amazon, Vinted, FNAC, eBay, Facebook)	40,5%	59,3%	0,1%	0,1%
P27.7 Ler notícias em sites de notícias, jornais online ou revistas de atualidade	72,3%	27,5%	0,1%	0,1%
P27.8 Utilização de serviços bancários online (incluindo serviços bancários móveis)	77,4%	22,2%	0,3%	0,1%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

O elevado nível de utilização da Internet traduz-se em atividades online diversificadas e rotineiras, embora com diferenças claras entre os diversos domínios. As utilizações mais generalizadas são a banca online (77,4%), a visualização de conteúdos de vídeo online (75,5%), a pesquisa de informações sobre saúde (73,3%), a leitura de notícias (72,3%) e a participação nas redes sociais (71,4%). Estes números sugerem que a Internet não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma infraestrutura fundamental para a informação, os serviços e a gestão do quotidiano.

No entanto, as utilizações mais ativas ou expressivas são menos comuns. Apenas 31,3% afirmam expressar opiniões sobre questões cívicas ou políticas online, o que indica que, embora o consumo e a utilização funcional sejam generalizados, o envolvimento participativo ou deliberativo continua a ser limitado. Da mesma forma, a venda de bens ou serviços online (40,5%) é menos frequente, o que aponta para uma adoção desigual de utilizações mais transacionais ou empreendedoras.

Em conjunto, estas conclusões destacam um paradoxo central das sociedades digitais contemporâneas: a Internet é indispensável na vida quotidiana, mas não inspira total confiança. Esta discrepância entre utilização e confiança é particularmente relevante no contexto da desinformação, uma vez que sugere que os indivíduos podem continuar a

interagir extensivamente com os ambientes online, mesmo reconhecendo os seus riscos, reforçando a importância da literacia mediática, da governação das plataformas e dos mecanismos de construção de confiança.

11. Dados demográficos

[Género] Como se descreveria?

	Frequência	Percentagem
Masculino	983	48,8%
Mulheres	1027	50,9%
Outros	6	0,3%
Total	2017	100,0
Sistema	14	0,7%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. N=2031.

Idade

	Frequência	Percentagem	Idade	Frequência	Percentagem
17	2	0,1%	46	57	2,8%
18	3	0,1%	47	47	2,3%
19	25	1,2%	48	65	3,2%
20	24	1,2%	49	48	2,4%
21	24	1,2%	50	47	2,3%
22	24	1,2%	51	55	2,7%
23	33	1,6%	52	59	2,9%
24	15	0,7%	53	54	2,7%
25	28	1,4%	54	37	1,8%
26	41	2,0%	55	49	2,4%
27	36	1,8%	56	39	1,9%
28	25	1,2%	57	44	2,2%
29	25	1,2%	58	50	2,5%
30	26	1,3%	59	44	2,2%
31	27	1,3%	60	51	2,5%
32	36	1,8%	61	37	1,8%
33	37	1,8%	62	25	1,2%
34	40	2,0%	63	34	1,7%
35	26	1,3%	64	28	1,4%
36	31	1,5%	65	26	1,3%
37	29	1,4%	66	31	1,5%
38	21	1,0%	67	41	2,0%
39	32	1,6%	68	38	1,9%
40	24	1,2%	69	24	1,2%
41	27	1,3%	70	25	1,2%
42	45	2,2%	71	37	1,8%
43	40	2,0%	72	32	1,6%
44	34	1,7%	73	11	0,5%
45	62	3,1%	74	50	2,5%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Idade por faixas etárias

	Frequência	Percentagem
17-24	151	7,4%
25-34	323	15,9%
35-44	311	15,3%
45-54	530	26,1%
55-64	401	19,8%
65	315	15,5%
Total	2031	100%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. N=2031.

Educação

	Frequência	Percentagem
Estudos primários incompletos ou menos	87	4,3%
Ensino básico – 1.º ciclo	141	6,9%
Ensino básico – 2.º/3.º ciclos	405	19,9%
Ensino secundário (incluindo o profissional)	674	33,2%
CET / CteSP / Curso técnico superior profissional	61	3,0%
Licenciatura (1.º ciclo)	413	20,4%
Mestrado ou Doutoramento (2.º/3.º ciclos)	248	12,2%
Prefiro não responder	2	0,1%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Nível de escolaridade por grupos

	Frequência	Percentagem
Baixa escolaridade	633	31,1%
Nível de escolaridade médio	735	36,2%
Ensino superior	661	32,6%
Não sei	2	0,1%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Rendimento familiar [Tendo em conta que o seu rendimento líquido familiar ronda os 1 700 € por mês, o seu rendimento familiar é…]

	Frequência	Porcentagem
Muito superior (mais do dobro)	121	6,0%
Mais elevada	591	29,1%
Por volta desse valor	567	27,9%
Inferior	555	27,3%
Significativamente mais baixo (menos de metade)	167	8,2%
Não sei	5	0,3%
Prefiro não responder	25	1,2%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Rendimento familiar por grupos [Tendo em conta que o seu rendimento familiar líquido ronda os 1 700 € por mês, o seu rendimento familiar é…]

	Frequência	Percentagem
Acima da média	712	35,1%
Média – em torno desse valor	567	27,9%
Abaixo da média	722	35,5%
Não sei	5	0,2%
Prefiro não responder	25	1,2%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Identificação religiosa

	Frequência	Percentagem
Católico praticante	329	16,2%
Católicos não praticantes	926	45,6%
Pessoas que professam outra religião	147	7,2%
Indiferente ou agnóstico	329	16,2%
Ateu	224	11,0%
Total	1954	
Desconhecidos	77	
Amostra total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Considera-se mais uma pessoa de ciências humanas ou de ciências exatas?

	Frequência	Porcentagem
Mais de letras	1022	50,3%
Mais ciências	922	45,4%
Ambas	28	1,4%
Nenhum dos dois	29	1,4%
Não sei	31	1,5%
Total	2031	100%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Orientação política – Quando se fala de política,113 é comum utilizar os termos «esquerda» e «direita». Numa escala de 1 a 7, em que 1 significa «extrema-esquerda» e 7 significa «extrema-direita», onde se situaria?

	Frequência	Percentagem
1 – Extrema-esquerda	32	2%
2	83	4%
3	371	18%
4	852	42%
5	404	20%
6	147	7%
7 – Extrema-direita	72	4%
Total	1962	
Desaparecidos	69	
Amostra total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Nas últimas eleições gerais, realizadas em maio de 2025, o(a) senhor(a)…

	Frequência	Porcentagem
Fui votar e exerci o meu direito de voto	1548	76,2%
Desloco-me às urnas, mas não consegui votar	37	1,8%
Não se deslocou para votar	323	15,9%
Eram menores de idade / não podiam votar	54	2,7%
Ausências	70	3,4%
Amostra total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Região [Distritos e NUTS II]

	Frequência	Percentagem
Aveiro	148	7,3%
Beja	18	0,9%
Braga	166	8,2%
Bragança	3	0,1%
Castelo Branco	34	1,7%
Coimbra	102	5,0%
Évora	38	1,9%
Faro	93	4,6%
Guarda	17	0,8%
Leiria	99	4,9%
Lisboa	480	23,6%
Portalegre	12	0,6%
Porto	392	19,3%
Santarém	94	4,6%
Setúbal	141	6,9%
Viana do Castelo	35	1,7%
Vila Real	17	0,8%
Viseu	46	2,3%
Açores	47	2,3%
Madeira	49	2,4%
Norte	760	37,4%
Centro	299	14,7%
Alentejo	162	8,0%
Algarve	93	4,6%
Área Metropolitana de Lisboa	621	30,6%
Açores	47	2,3%
Madeira	49	2,4%
Total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Situação profissional

	Frequência	Percentagem
A trabalhar a tempo inteiro	1103	61,4%
Trabalho a tempo parcial	116	6,5%
Desempregados temporariamente (ou seja, entre empregos)	55	3,1%
Reformados	158	8,8%
Incapacitados de forma permanente	17	1,0%
Cuidados domésticos ou familiares	32	1,8%
Estudante	112	6,2%
Desempregados	125	7,0%
Outros	42	2,3%
Prefiro não responder	36	2,0%
Total	1795	100,0%
Sistema	*236*	*11,6%*
Total	*2031*	*100,0%*

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Setor de atividade

	Frequência	Percentagem
Indústria transformadora	154	8,6%
Construção	73	4,1%
Comércio a retalho	89	4,9%
Serviços financeiros	39	2,2%
Hotelaria e lazer	73	4,0%
Contabilidade	24	1,3%
Direito	38	2,1%
TI e telecomunicações	65	3,6%
Mídia/marketing/publicidade/Relações Públicas e vendas	21	1,2%
Serviços médicos e de saúde	105	5,8%
Educação	116	6,5%
Transportes e distribuição	69	3,8%
Imobiliário	13	0,7%
Outros	332	18,5%
Não sei	65	3,6%
Não aplicável – não estou atualmente empregado	521	29,0%
Total	1795	100,0%
Sistema	236	11,6%
Total	2031	100,0

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Dispositivos

	Frequência	Percentagem
Possui telefone fixo	1017	50,1%
Possui smartphone	1977	97,3%
Utiliza um smartphone	1932	95,1%
Total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Sente que as suas atividades estão limitadas devido a problemas de saúde?

	Frequência	Porcentagem
Muito limitadas	78	3,8%
Limitada, mas não gravemente	535	26,3%
Sem qualquer limitação	1358	66,9%
Dados em falta	60	3,0%
Total	2031	

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

É cidadão português?

	Frequência	Percentagem
Sim	1983	97,6%
Não	48	2,4%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Há quanto tempo vive em Portugal?

	Percentagem	Percentagem válida
5 anos ou mais	48	2,4%
Sistema	1983	100%
Total	2031	100%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Dimensão da população do local de residência

	Frequência	Percentagem
Menos de 10 000 habitantes	578	28,4%
10 001 a 20 000 habitantes	403	19,8%
20 001 a 50 000 habitantes	304	14,9%
50 001 a 100 000 habitantes	266	13,1%
100 001 a 500 000 habitantes	282	13,9%
Mais de 500 000 habitantes	198	9,8%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Dimensão do agregado familiar

	Frequência	Percentagem
1	248	13,8%
2	470	26,2%
3	495	27,6%
4	360	20,1%
5	109	6,1%
6	25	1,4%
7	16	0,9%
8 ou mais	10	0,5%
Prefiro não responder	49	2,7%
Não sei	13	0,7%
Total	1795	100,0%
Sistema	236	11,6%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Membros do agregado familiar com menos de 18 anos

	Frequência	Percentagem
0	998	55,6%
1	427	23,8%
2	192	10,7%
3	48	2,7%
4	21	1,2%
5	16	0,9%
6 ou mais	4	0,2%
Prefiro não responder	65	3,6%
Não sei	24	1,3%
Total	1795	100,0%
Sistema	236	11,6%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

Membros do agregado familiar com menos de 18 anos pelos quais o inquirido é responsável

	Frequência	Percentagem
0	514	28,7%
1	380	21,1%
2	171	9,5%
3	36	2,0%
4	10	0,6%
5 ou mais	4	0,2%
Não sei	36	2,0%
Prefiro não responder	75	4,2%
Não há crianças com menos de 18 anos no meu agregado familiar	570	31,7%
Total	1795	100,0%
Sistema	236	11,6%
Total	2031	100,0%

Fonte: OberCom / IBERIFIER. Edição: OberCom. n=2031.

12. Referências

Altay, S. (2026). Repensar o problema da desinformação e as suas soluções. New Media & Society. https://doi.org/10.1177/14614448261428635

Badillo-Matos, A., Baldi, V., Arteaga, F., Paisana, M., Crespo, M., Cardoso, G., Rementería, M.J., Philippe, O., Calvo, B., Buslón, N., Hernández-Escayola, P., Gómez-Romero, J., Molina-Solana, M. (2023). Análise do impacto da desinformação em questões políticas, económicas, sociais e de segurança, modelos de governação e boas práticas: os casos de Espanha e Portugal. IBERIFIER. https://doi.org/10.15581/026.002

Beck, U. (1992). A sociedade do risco: rumo a uma nova modernidade. Sage

Bolsen, T., & Druckman, J. N. (2018). Será que o partidarismo e a politização comprometem o impacto de uma mensagem de consenso científico sobre as alterações climáticas? Group Processes & Intergroup Relations, 21(3), 389-402. https://doi.org/10.1177/1368430217737855

Brown, S. (2009). O novo modelo de défice. Nature Nanotech 4, 609–611. https://doi.org/10.1038/nnano.2009.278

Bucchi, M., & Trench, B. (Eds.). (2021). Manual Routledge de Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (3.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003039242

Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2023). Relatório sobre Notícias Digitais em Portugal 2023. OberCom – Observatório da Comunicação. Disponível em: https://www.obercom.pt/digital-news-report-portugal-2023/

Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2025). Relatório sobre Notícias Digitais em Portugal 2025. OberCom – Observatório da Comunicação. https://doi.org/10.5281/zenodo.15599071

Chen L. e Fu, L. (2022). Vamos combater a infodemia: o processo do efeito da terceira pessoa na desinformação durante emergências de saúde pública. Internet Research, 32(4), 1357–1377. https://doi.org/10.1108/INTR-03-2021-0194

Corbu, N., Oprea, D.-A., Negrea-Busuioc, E., & Radu, L. (2020). «Não me conseguem enganar, mas conseguem enganar os outros!» O efeito da terceira pessoa e a deteção de notícias falsas. European Journal of Communication, 35(2), 165-180. https://doi.org/10.1177/0267323120903686

Edelman Trust Institute. (2025). Edelman Trust Barometer: 2026. Disponível em: https://www.edelman.com/trust/2026/trust-barometer

Infraestrutura Europeia de Investigação do Inquérito Social Europeu (ESS ERIC) (2023) ESS10 - ficheiro integrado, edição 3.3 [Conjunto de dados]. Sikt - Agência Norueguesa de Serviços Partilhados na Educação e Investigação. https://doi.org/10.21338/ess10e03_3

FECYT — Fundação Espanhola para a Ciência e a Tecnologia, Universidade de Navarra e Real Instituto Elcano de Estudos Internacionais e Estratégicos. (2023). Desinformação científica em Espanha. Fundação Espanhola para a Ciência e a Tecnologia. https://doi.org/10.58121/72G3-SF74

Fletcher, R., e Nielsen, R. K. (2019). Ceticismo generalizado: como as pessoas lidam com as notícias nas redes sociais. Information, Communication & Society, 22(12), 1751–1769. https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1450887

Gieryn, T. F. (1983). O trabalho de delimitação e a demarcação entre ciência e não-ciência: tensões e interesses nas ideologias profissionais dos cientistas. American Sociological Review, 48(6), 781–795. https://doi.org/10.2307/2095325

Gil de Zúñiga, H., Weeks, B., & Ardèvol-Abreu, A. (2017). Efeitos da perceção «As notícias vêm ter comigo» na comunicação: implicações da utilização das redes sociais na procura de notícias e na aprendizagem sobre política. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Volume 22, Número 3, 1 de maio de 2017, páginas 105–123, https://doi.org/10.1111/jcc4.12185

Gil de Zúñiga, H., & Cheng, Z. (2021). Origem e evolução da perceção «News Finds Me»: revisão da teoria e dos efeitos. *Profesional de la información*, 30(3). E300321. https://doi.org/10.3145/epi.2021.may.21

Hornsey, M. J., Harris, E. A., & Fielding, K. S. (2018). As raízes psicológicas das atitudes antivacinação: uma investigação em 24 países. Health psychology: revista oficial da Divisão de Psicologia da Saúde da Associação Americana de Psicologia, 37(4), 307–315. https://doi.org/10.1037/hea0000586

Irwin, A. (1995). Ciência Cidadã: Um Estudo sobre as Pessoas, o Conhecimento Especializado e o Desenvolvimento Sustentável (1.ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203202395

Irwin, A., & Wynne, B. (Eds.). (1996). Misunderstanding Science?: The Public Reconstruction of Science and Technology. Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9780511563737

Jasanoff, S. (2005). Designs on Nature: Science and Democracy in Europe and the United States. Princeton University Press. https://doi.org/10.2307/j.ctt7spkz

Kahan, D. M., Jenkins-Smith, H., & Braman, D. (2011). «Cognição cultural do consenso científico». Journal of Risk Research, 14(2), 147–174. https://doi.org/10.1080/13669877.2010.511246

Kahan, D. M., Peters, E., Wittlin, M., Slovic, P., Ouellette, L. L., Braman, D., & Mandel, G. (2012). O impacto polarizador da literacia científica e da literacia numérica na perceção dos riscos das alterações climáticas. Nature Climate Change, 2(10), 732–735. https://doi.org/10.1038/nclimate1547

Kahan, D. M., Peters, E., Dawson, E. C., & Slovic, P. (2017). Literacia numérica motivada e autogoverno esclarecido. Behavioural Public Policy, 1(1), 54–86. https://doi.org/10.1017/bpp.2016.2

Lewandowsky, S., Ecker, U.K.H., Cook, J., van der Linden, S., Roozenbeek, J., & Oreskes, N. (2023). Desinformação e a integridade epistémica da democracia. Current opinion in psychology, 54, 101711. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101711

Newman, N., Fletcher, R., Kalogeropoulos, A., & Nielsen, R. (2019). Relatório sobre notícias digitais do Instituto Reuters 2019. Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo. https://dx.doi.org/10.60625/risj-qzg6-ge29

Newman, N., Fletcher, R., Schulz, A., Andı, S., & Nielsen, R.K. (2020). Relatório sobre Notícias Digitais 2020. Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo. https://dx.doi.org/10.60625/risj-048n-ap07

Newman, N., Ross Arguedas, A., Robertson, C. T., Nielsen, R. K., & Fletcher, R. (2025). Relatório sobre Notícias Digitais 2025. Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo. https://dx.doi.org/10.60625/risj-8qqf-jt36

Nielsen, R., & Graves, L. (2017). «Notícias em que não acredita»: perspetivas do público sobre as notícias falsas (Fichas Informativas do RISJ). Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo. https://dx.doi.org/10.60625/risj-twg9-7133

Nisbet, E. C., Mortenson, C., & Li, Q. (2021). A influência presumida da desinformação eleitoral sobre os outros reduz a nossa própria satisfação com a democracia. Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review. https://doi.org/10.37016/mr-2020-59

Nowotny, H., Scott, P.B., & Gibbons, M.T. (2001). Repensar a ciência: o conhecimento e o público numa era de incerteza. Wiley

OCDE (2024). Factos, não falsidades: Combater a desinformação, reforçar a integridade da informação. Edições da OCDE. https://doi.org/10.1787/d909ff7a-en.

Putnam, R.D. (2000). «Bowling Alone: America's Declining Social Capital». Em: Crothers, L., Lockhart, C. (eds.) «Culture and Politics». Palgrave Macmillan, Nova Iorque. https://doi.org/10.1007/978-1-349-62965-7_12

Qian, Y., Siau, K.L., & Nah, F.F. (2024). Impactos sociais da inteligência artificial: questões éticas, jurídicas e de governação. Societal Impacts, 2024, 100040. https://doi.org/10.1016/j.socimp.2024.100040

Repórteres Sem Fronteiras. (2026). Índice Mundial de Liberdade de Imprensa. Versão 2026. https://rsf.org/en/index

Rutjens, B. T., Sutton, R. M., & van der Lee, R. (2018). Nem todo o cepticismo é igual: uma exploração dos antecedentes ideológicos da aceitação e rejeição da ciência. Boletim de Personalidade e Psicologia Social, 44(3), 384–405. https://doi.org/10.1177/0146167217741314

Samet, U. (2025). A influência positiva dos grandes modelos de linguagem nas práticas de verificação de factos: um estudo de caso do Grok. World Journal of Advanced Engineering Technology and Sciences, 15(03), 1727-1738. https://doi.org/10.30574/wjaets.2025.15.3.1123

A Royal Society. (1985). A compreensão pública da ciência: Relatório de um grupo ad hoc da Royal Society aprovado pelo Conselho da Royal Society. A Royal Society

Tucker, J.A., Guess, A., Barbera, P., Vaccari, C., Siegel, A., Siegel, A., Sanovich, S., Stukal, D., & Nyhan, B. (2018). Redes sociais, polarização política e desinformação política: uma revisão da literatura científica. http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3144139

Uslaner, E. M. (2002). Os fundamentos morais da confiança. Cambridge University Press.

Van Dijck, J., Poell, T., & De Waal, M. (2018). A sociedade das plataformas: valores públicos num mundo interligado. Oxford University Press.

Van Prooijen, J.-W., Krouwel, A. P. M., & Pollet, T. V. (2015). O extremismo político prediz a crença em teorias da conspiração. Social Psychological and Personality Science, 6(5), 570-578. https://doi.org/10.1177/1948550614567356

Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). Desordem da informação: rumo a um quadro interdisciplinar para a investigação e a elaboração de políticas. Conselho da Europa. https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666

Wei, R., Lo, V.-H., Zhang, X., Lu, M., & Qiu, J. L. (2025). Análise do impacto dos ambientes de informação digital, do processamento da informação e da influência presumida nas respostas comportamentais à desinformação sobre a COVID-19 na Ásia. New Media & Society, 27(9), 5257-5280. https://doi.org/10.1177/14614448241252391

Yang, J., & Tian, Y. (2021). «Os outros são mais vulneráveis às notícias falsas do que eu»: O efeito da terceira pessoa das notícias falsas sobre a COVID-19 nos utilizadores das redes sociais. Computers in Human Behavior, 125, 106950. https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.106950

Yuzhou, Q., Siau, K.L., Nah, F.F. (2024). Impactos sociais da inteligência artificial: questões éticas, jurídicas e de governação. Societal Impacts, 3, 100040. https://doi.org/10.1016/j.socimp.2024.100040

IBERIFIER – Observatório Ibérico dos Meios de Comunicação Digitais

O IBERIFIER é um observatório de meios digitais em Espanha e Portugal, financiado pela Comissão Europeia e ligado ao Observatório Europeu dos Meios Digitais (EDMO). É composto por treze universidades, cinco organizações de verificação de factos e agências noticiosas, e cinco centros de investigação multidisciplinares.

A sua principal missão consiste em analisar o ecossistema dos meios de comunicação digitais ibéricos e combater o problema da desinformação. Para tal, centra a sua investigação em cinco linhas de trabalho:

1. Investigação sobre as características e tendências do ecossistema dos meios de comunicação digitais ibéricos.

2. Desenvolvimento de tecnologias computacionais para a deteção precoce da desinformação.

3. Verificação de factos relativos à desinformação no território ibérico.

4. Relatórios estratégicos sobre ameaças de desinformação, tanto para o conhecimento do público como para as autoridades de Espanha e de Portugal.

5. Promoção de iniciativas de literacia mediática, dirigidas a jornalistas e informadores, aos jovens e à sociedade em geral.

Para mais informações, consulte o site do projeto e as suas contas nas redes sociais:

Sítio Web: iberifier.eu
X: @iberifier
Instagram: @iberifier

Contactos

Coordenadores do relatório:
Ramón Salaverría (rsalaver@unav.es)
Ángel Arrese (aarrese@unav.es)

Coordenador do IBERIFIER:
Ramón Salaverría (rsalaver@unav.es)

IBERIFIER
Iberian Digital Media Observatory

www.iberifier.eu

Coordinator

Universidad de Navarra | SCHOOL OF COMMUNICATION

Partners

Associação Literacia para os media e Jornalismo

Barcelona Supercomputing Center – Centro Nacional de Supercomputación

Cenjor

CEU Universidad San Pablo

efeverifica:

Real Instituto Elcano – Royal Institute

FECYT

iscte Instituto Universitário de Lisboa

LIP

LUSA

MALDITA.ES

Newtral

OberCom

Poligrafo – Em nome da verdade

Politécnico de Viseu

Universidad de Granada

Universitas Miguel Hernández

Universidad Politécnica de Madrid

Universitat Politècnica de València

Universidad Rey Juan Carlos

USC – Universidade de Santiago de Compostela

Universitat de València

verificat

Associate

learn to check

Co-funded by the European Union

O Iberifier – Observatório Ibérico dos Meios de Comunicação Digitais recebeu financiamento da Comissão Europeia no âmbito do convite à apresentação de propostas DIGITAL-2023-DEPLOY-04, Observatório Europeu dos Meios de Comunicação Digitais (EDMO) — Centros nacionais e multinacionais, com a referência IBERIFIER Plus - 101158511